

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

MILENA DALLA COSTA MAZETTO

**CONCEPÇÕES MATERNAS E PATERNAS SOBRE
DESENVOLVIMENTO INFANTIL E RELAÇÕES
AFETIVAS**

BAURU

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências/Programa de Pós-graduação em
Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

MILENA DALLA COSTA MAZETTO

**CONCEPÇÕES MATERNAS E PATERNAS SOBRE
DESENVOLVIMENTO INFANTIL E RELAÇÕES
AFETIVAS**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO REQUISITO À
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE À
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO” PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, SOB
ORIENTAÇÃO DA PROFA DRA LÍGIA EBNER
MELCHIORI

BAURU

2009

Mazetto, Milena Dalla Costa.
Concepções maternas e paternas sobre
desenvolvimento infantil e relações afetivas/
Milena Dalla Costa Mazetto, 2009.

218 f.

Orientador: Lígia Ebner Melchiori

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2009

1. Família nuclear 2. Família extensiva. 3. Relação
afetiva. 4. Desenvolvimento Infantil. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II.
Concepções maternas e paternas sobre desenvolvimento
infantil e relações afetivas.

MILENA DALLA COSTA MAZETTO

**CONCEPÇÕES MATERNAS E PATERNAS SOBRE
DESENVOLVIMENTO INFANTIL E RELAÇÕES
AFETIVAS**

Banca Examinadora:

PROFA. DRA. M^a. AUXILIADORA DA SILVA CAMPOS DESSEN
(Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento –
Universidade de Brasília (UNB)/Brasília)

PROFA. DRA. TÂNIA GRACY MARTINS DO VALLE
(Departamento de Psicologia –
Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Bauru)

PROF.^a DRA. LÍGIA EBNER MELCHIORI - ORIENTADORA
(Departamento de Psicologia –
Universidade Estadual Paulista (UNESP)/Bauru)

BAURU - MARÇO/2009

AGRADECIMENTOS

- **Deus**, por me mostrar que com Fé, nada é impossível.

- Meus pais, **Silvia** e **Silvino**, por me darem à vida, bem mais precioso que possuímos; por sempre me ensinarem suas crenças e valores; e, por sempre acreditarem em mim, mesmo nos momentos em que eu mesma não acreditava mais.

- Minhas irmãs, **Karina** e **Larissa**, exemplos de força, luta e dedicação; e, ao meu cunhado **Felipe**, que, a tanto em nossa família, hoje o tenho como um irmão.

- **Meus amigos**, minha rede social de apoio extra-familiar, que me acompanham nos momentos alegres e nas dificuldades também, e que souberam compreender minha ausência nesta etapa.

- **Meus Professores**, que me ensinaram muito mais do que ler e escrever; ensinaram-me, que apesar das dificuldades, lecionar é um Dom e que tem que ser feito com Amor. Neste momento, em especial, agradeço à **Professora Doutora Lígia Ebner Melchiori**, que me orientou nessa trajetória; às **Professoras Doutora Maria Auxiliadora Dessen** e **Doutora Tânia Gracy Martins do Valle**, pelas contribuições enriquecedoras, que auxiliaram na lapidação deste trabalho; e, à **Professora Doutora Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues**, por ser, a primeira pessoa, a me acolher profissionalmente em Bauru.

- **Daiane Cristina Ladislau**, **Elisa Rachel Pisani Altafim** e **Heloisa Cristina de Oliveira Santos**, alunas do curso de Psicologia da Unesp, campus de Bauru, que coletaram os dados deste trabalho; e, às **famílias participantes**, que permitiram que os dados fossem coletados.

- Meu amor, **Paulo Henrique**, que passou a fazer parte da minha vida, no final dessa caminhada; e, ao meu lado, inicia uma nova etapa, e se Deus permitir, permanecerá em todas as outras que virão construindo comigo, uma nova família.

Agradeço aos Mestres de minha vida....

MAZETTO, M.D.C. **Concepções maternas e paternas sobre desenvolvimento infantil e relações afetivas**. 2009. 218f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Educação) - UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru.

RESUMO

A Psicologia Familiar é um campo que necessita ser extensamente explorado. O presente trabalho teve por objetivo caracterizar as famílias em relação à divisão das tarefas domésticas, cuidados dispensados às crianças, atividades de lazer e rede social de apoio; como também, investigar as concepções maternas e paternas sobre o desenvolvimento infantil e as relações afetivas, pois, os genitores são parte importante do contexto que a criança se desenvolve. Participaram deste estudo oito casais, que moravam juntos, com filho de um ano de idade. Os dados foram coletados através de dois instrumentos: (a) Questionário de Caracterização do Sistema Familiar, que forneceu dados sociodemográficos, divisão de tarefas domésticas, cuidados com a criança e rede social de apoio; (b) Roteiro de Entrevista sobre Valores e Práticas Parentais, a respeito do desenvolvimento infantil e das relações afetivas. O Questionário de Caracterização do Sistema Familiar foi aplicado somente às mães e os resultados gerais indicaram que tanto nas famílias nucleares como nas extensivas, a responsabilidade pelos cuidados referentes à casa e aos filhos, é principalmente das mães, mesmo elas exercendo atividades remuneradas, e a participação paterna é bem maior nas famílias nucleares, comparadas às extensivas. Ambos os tipos de famílias contam com uma rede de apoio social familiar e extra-familiar. O Roteiro de Entrevistas foi aplicado primeiramente com as mães, seguidos dos pais, individualmente. Os dados apontaram que as mães apresentam uma concepção predominantemente ambientalista de desenvolvimento, e os pais, a inatista. Para ambos os genitores, a fase de 0 a 2 da criança é considerada como sendo importante para o seu desenvolvimento posterior, embora mais enfatizado pelas mães. Eles também julgam fundamental proporcionar um bom relacionamento familiar, através das interações cotidianas, além de estarem presentes no dia-a-dia da criança e serem a base de segurança para seus filhos; contudo, julgam que as crianças devem agir com conformidade, isto é, aprender o que os genitores ensinam e obedecer/ser mais calmas. As expectativas dos genitores em relação ao futuro de seus filhos referiam-se principalmente ao futuro acadêmico/profissional e às futuras relações interpessoais. Ambos os genitores julgaram importante dispensar às crianças cuidados relacionados ao afeto, transmitindo amor, carinho, dando atenção, dedicação de tempo e estrutura de pai e mãe, muito mais do que os valores materiais (financeiro). Para a maioria dos genitores, a sua relação afetiva com os filhos foi considerada como sendo muito boa. Entretanto, também ficou evidente a necessidade que alguns têm em estar mais tempo com os filhos. As expectativas quanto ao futuro das relações afetivas de seus filhos com outras pessoas, relacionaram-se principalmente a que elas sejam pessoas de bem e que valorizem a família. Considerando a escassez de estudos brasileiros que focalizam a distribuição de tarefas domésticas e do cuidado com a criança em famílias nucleares e extensivas, além de estudos que analisem a opinião de ambos os genitores a respeito de desenvolvimento infantil e relações afetivas, esse estudo pode contribuir para uma melhor compreensão desses aspectos e indicar necessidades de pesquisas futuras.

Palavras-chave: família nuclear; família extensiva; relação afetiva; desenvolvimento infantil; valores.

MAZETTO. M.D.C. **Maternal and paternal concepts about infantile development and affective relationships.** 2009. 218f **Dissertation** (Master Degree in Psychology of Development and Education) -UNESP, College of Sciences, Bauru.

ABSTRACT

Psychology of the family is a new research field that must be widely explored. The present study aimed to rank the families in relation to the division of domestic households, children care, leisure activities and social support group, as well as to investigate the maternal and paternal concepts about the infantile development and the affective relationships, because the parents are very important in the environment in which the child is raised. Eight couples took part in this research. They had one-year-old kids and both father and mother lived in the same house. The data were collected by two evaluation instruments: (a) Characterization Questionnaire of Family System, which provides social and demographic data, household chores division, children care and social support group; (b) Interview Guidelines about Values and Parental Behaviors concerning the infantile development and the affective practices. The Characterization Questionnaire of Family System was applied only to the mothers and the general outcomes indicated that even in the nuclear families as for the bigger ones, the responsibility for the house and the children belongs to the mother, although they also work outside their homes. The paternal participation is more intense in the nuclear families than in the bigger ones. Both types of families have a social support group from the family and from outer family relationships. The sequence of interviews was initially applied to the mothers and then the fathers. The data indicated that for the mothers, the environmental concept of the development was prevalent and for the fathers the innate concept was prevalent. For both parents, the period from 0 to 2 years is considered as very important for his/her future development, although the mothers are more concerned about that. They also consider as fundamental to have a good familiar relationship through everyday interaction, although they are present on the daily life of the children and represent safeness and support. Nevertheless, they think that the children should act in accordance, that is, to learn what the parents teach, obeying and being calm. The expectations of the parents in relation to the future of their children referred mainly to the academic/ professional aspects and to the future interpersonal relationships. The parents considered as very important to give affection to the children, providing love, care, attention, spending some time with the children and offering maternal and paternal support, which are much more important than material stuff (financial support). For most of the parents, the affective relationship with their children was considered as very good. However, it was also evident that some of them needed to stay longer with their children. The expectation of the parents in relation the future affective relationships of their children with other people was that they should praise the family and behave as respectful people. Considering the small amount of Brazilian articles which focus the distribution of household chores and children care in nuclear and bigger families, besides studies that analyze the opinion of both parents about the infantile development and their affective relationships, this study may contribute for a better comprehension of those aspects and may indicate the necessity of future researches.

Key-words: **nuclear family; extended families;** affective relationship, child development; values

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
A família na linha do tempo	12
Da idade média à moderna	12
Contemporaneidade – as famílias na atualidade.....	14
O desenvolvimento familiar	17
Famílias com filhos pequenos: fase de aquisição	19
Papéis dos casais com filhos pequenos	21
Divisão de tarefas e cuidados com as crianças	26
Rede social de apoio	30
A família e o desenvolvimento infantil	32
Desenvolvimento infantil: valores e crenças	34
A Importância das relações afetivas genitores-crianças	38
MÉTODO	47
Seleção dos participantes e caracterização do sistema familiar	47
Seleção dos participantes	47
Caracterização do sistema familiar.....	48
Procedimento para a coleta e análise dos dados	53
RESULTADOS	57
Modo de vida familiar e rede social de apoio.....	57
Como é a divisão das tarefas?.....	57
As atividades de lazer	67
Saúde e eventos ocorridos na família	70
A rede social de apoio	72
Resumindo os dados a respeito do modo de vida familiar	78
Desenvolvimento infantil: a visão dos genitores	80
Concepções dos genitores sobre desenvolvimento infantil e a importância dos primeiros anos de vida nesse processo	80
Como os genitores percebem o desenvolvimento dos seus filhos?	86
O futuro dos filhos: expectativas e comportamentos ideais e reais dos genitores.....	98
Comparação entre o que os genitores acreditam ter que fazer e o que eles fazem	109

Resumindo os dados a respeito do desenvolvimento infantil, segundo a visão dos genitores	110
Relacionamento afetivo: visão dos genitores.....	112
Concepções dos genitores sobre relacionamento afetivos genitores-criança e a importância dos primeiros anos de vida nesse processo.....	112
Percepção dos genitores a respeito da relação afetiva com os filhos	122
O futuro dos filhos: expectativas e comportamentos ideais dos genitores	134
Resumindo os dados a respeito das relações afetivas, segundo a visão dos genitores ...	140
DISCUSSÃO	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS	158

APRESENTAÇÃO

Como se sabe, é na família que a criança inicia seu processo de socialização, e essa família, pode constituir-se em um grupo baseado no modelo de estrutura nuclear, ou organizado de acordo com outros arranjos familiares. Contudo, independentemente da estrutura familiar na qual a criança encontra-se inserida, é importante destacar que ambos os genitores contribuem para o desenvolvimento infantil, e que a maneira como eles percebem a sua relação conjugal reflete-se no cotidiano familiar, consequenciando nos tipos de cuidados dispensados às crianças (PRADO; PIOVANOTTI; VIEIRA, 2007).

A família é uma instituição social antiga e vive em constantes mudanças sócio-histórica. Essas mudanças são influenciadas pelas revoluções nos setores econômicos, sociais e políticos, ocorridas em todos os períodos históricos, que se refletem em transformações nas relações familiares, influenciando em diversos aspectos, como na dinâmica e na constituição de novos arranjos familiares.

A realidade das famílias brasileiras não difere desta, pois, como se sabe do período colonial até a atualidade, tem-se observado mudanças quanto ao processo de formação de famílias, desenvolvimento econômico e crescimento populacional que podem ser acompanhadas através dos dados dos Censos Demográficos realizados no país.

Com o presente trabalho, pretendeu-se trazer ao leitor um pouco da estrutura e do funcionamento familiar atual, das famílias brasileiras, contudo, ressaltando que tais dados não podem ser generalizados, uma vez que, nos referimos a um país com vasta extensão territorial e heterogêneo em raça e cultura. Porém, este estudo traz um panorama geral de como as mudanças sócio-históricas, como por exemplo, a inserção maciça das mulheres no mercado de trabalho, tem influenciado na dinâmica familiar (mães dividindo a tarefa de cuidado com os filhos) e em seu funcionamento (mulheres exercendo cada vez mais trabalhos assalariados, mas que ainda são as

principais responsáveis pelos cuidados com a casa e os filhos; genitores com pouco tempo disponível para estarem com seus filhos).

Esta pesquisa surgiu da demanda de um estudo maior, **“Relações de apego de crianças de 0-2 anos em diferentes contextos de desenvolvimento: família e creche”**, que vem sendo desenvolvido na Unesp, campus de Bauru, e tem por objetivo geral, investigar o desenvolvimento de relações de apego em crianças que freqüentam creche, focalizando os dois contextos principais de desenvolvimento dessa etapa do curso de vida: a família e a creche.

Já o presente trabalho tem por objetivo caracterizar o sistema familiar e investigar as concepções dos genitores quanto ao desenvolvimento infantil e as relações afetivas estabelecidas com seus filhos de um ano de idade.

INTRODUÇÃO

Esta introdução encontra-se dividida em quatro seções, sendo que algumas foram subdivididas. Na primeira seção discorre-se sobre a família, iniciando com uma retrospectiva histórica, até se chegar às famílias contemporâneas, foco principal deste trabalho. Na segunda seção descrevem-se os estágios do desenvolvimento familiar propostos por Carter e McGoldrick (2001) e Cervený

(2002). A terceira seção traz a visão detalhada desses dois autores em relação às fases que destacam o momento dos casais com filhos pequenos, dando relevância aos papéis dos genitores, a divisão das tarefas domésticas e os cuidados dispensados às crianças e a importância da rede social de apoio. Por fim, na quarta e última seção trata de como a família percebe o desenvolvimento infantil, pontuando os valores e as relações afetivas estabelecidas entre os genitores e suas crianças.

A família na linha do tempo

- Da idade média à moderna

Conforme destaca Ariés (1981), até o final da Idade Média e início da Moderna, o sentimento de família era desconhecido, pois a família era a sociedade, confundindo-se com ela em seus diversos momentos, o que não deixava lugar para a vida em família. A função da família era assegurar a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, não penetrando muito na sensibilidade. A criança, por volta dos sete anos de idade, era retirada da mãe e, muitas vezes,

colocada em outra família para ser educada, desprezando e afrouxando o laço afetivo entre genitores e filhos.

A partir do século XV, o sentimento de família começou a ser observado inicialmente nas pinturas, principalmente nas dos calendários anuais que, através das representações sucessivas dos meses do ano, introduziram novas personagens, como a mulher e, a partir do século XVI, a criança. A partir desse momento, começou-se a observar que a família deixou de ser uma instituição que transmite bens e nomes e passa a assumir uma função moral e espiritual, formando corpos e mentes. Os pais não se contentavam mais em pôr filhos no mundo, eles passaram a se preocupar com a educação e com o desenvolvimento infantil (ARIÉS, 1981). Junto com o sentimento de família, também se viu o nascimento do sentimento de infância, pois, conforme apontam Ponciano e Féres-Carneiro (2003), as crianças foram recolhidas das ruas, das praças, da vida coletiva de que antes faziam parte e passaram a viver na intimidade dos lares, tendo as famílias por objetivo cuidar melhor de suas crianças.

Desse período até o século XIX, verificou-se que o pai exercia forte poder e controle sobre seus filhos, cabendo-lhe estabelecer as regras, que não poderiam ser questionadas, como também cuidava do desenvolvimento moral e ocupacional dos filhos. Porém, no século XIX, com a industrialização, ele perdeu um pouco desse poder, mas ainda conseguiu manter o seu valor como condutor moral (PLECK; PLECK, 1997; TRINDADE, 1998).

Quanto à constelação familiar predominante nesse período, verifica-se que ela era basicamente a da família nuclear, pai-mãe-filhos. Entretanto, atualmente, é difícil adotar uma única definição para família, por se tratar da instituição social mais antiga, ter uma história descontínua, não-linear e não-homogênea, além de vivenciar um período de profundas mudanças e possuir padrões familiares distintos, onde cada membro possui a sua própria história. (SZYMANSKI, 1995; NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004).

- Contemporaneidade – as famílias na atualidade

Estudos sobre família vêm crescendo nas últimas décadas e, com isto, tem-se constatado que os sistemas familiares diferem nas diversas culturas existentes. Minuchin (1985, 1988) esclarece que as famílias sofrem as mesmas mudanças ocorridas na sociedade, para possibilitar que seus membros e a instituição em si, sobrevivam a essas transformações. Vários autores (PETZOLD, 1996; CARTER; MCGOLDRICK, 2001; GEORGAS, 2003) pontuam que as modificações na estrutura e no funcionamento familiar estão desencadeando novas alternativas na forma de vida familiar e novos tipos de famílias, como as binucleares, gays e lésbicas, extensivas, combinadas, de pais solteiros, de casais que não moram juntos, famílias divorciadas, recasadas, descasadas, entre outras. No entanto, conforme exemplifica Georgas (2003), nas sociedades ocidentais, como nos Estados Unidos, Canadá e nos países do norte da Europa, a família nuclear, composta por pai, mãe e crianças, ainda parece predominar, assim como no Brasil, uma vez que 54% das famílias são nucleares (NASCIMENTO, 2006).

Para Kreppner (2003), a família pode ser definida como um grupo formado por relações intergeracionais, de pelo menos um pai e um filho, ou uma mãe e seu filho, isto é, a família é um grupo responsável por assegurar a transmissão dos padrões de uma geração à outra, e a tarefa fundamental dos adultos é a de ser o primeiro e principal meio de socialização das crianças, sendo a base para que se possa compreender o que ocorre durante o processo de desenvolvimento humano. Para Petzold (1996, p. 39), “uma família é um grupo social especial, caracterizado por relações íntimas e intergeracionais entre seus membros. Variáveis como ‘continuidade ao longo da vida’, ‘relacionamento heterossexual’, ‘dividir a mesma casa’, não são parte, por si só, de nossa definição de família”, isto é, os critérios legais de

parentesco, os laços de consangüinidade, ou dividir a mesma casa com filhos em comum, não são mais suficientes para definir família na sociedade contemporânea.

Dentro desse conceito, e baseado no modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (1994, 1999), Petzold (1996) apresenta a definição *ecopsicológica* de família, e propõe 14 variáveis, que combinadas, proporcionam pelo menos, 196 tipos de famílias. Algumas dessas variáveis referem-se à: casais casados ou não, partilha ou separação de bens, morarem juntos ou separados, dependência ou independência financeira, com ou sem crianças, filhos biológicos ou adotivos, relacionamento hetero ou homossexual e cultura igual ou diferente.

No Brasil, Nascimento (2006) ressalta que nas últimas décadas a população e a família têm passado por diversas transformações em consequência dos acontecimentos históricos, econômicos, sociais e demográficos. Tais transformações têm sido observadas: nas condições de reprodução da população, na diminuição da fecundidade e mortalidade, no aumento da esperança de vida ao nascer, proporcionado por melhores condições de vida e saúde, nos padrões de relacionamento entre os membros da família, no papel da mulher dentro e fora do espaço doméstico, no aumento de uniões consensuais, enfim, em todos os segmentos de vida da população brasileira. Esses fenômenos são verificados estatisticamente, e segundo esse autor, “são números cada vez mais desagregados e informações amplamente detalhadas que ajudam a entender um País que tem se transformado a cada Censo, a conhecer a evolução de sua população e o caminho percorrido pela família” (p. 1).

De acordo com o primeiro Censo, realizado em 1872 a população totalizava cerca de nove milhões de habitantes, constituindo-se de 66% de pessoas solteiras, 19% de pessoas casadas e 15% de viúvas. Porém, a maioria dos escravos era julgada como solteiros, não havendo interesse em estimular a formação de famílias através de uniões oficiais entre eles, o que não quer dizer que tais uniões não existissem (NASCIMENTO, 2006). Desde então se tem observado muitas mudanças, e os dados coletados no Censo Demográfico de 2000,

revelaram 33,8 milhões de uniões de pessoas, das quais o grande contingente de uniões (16,7 milhões) era proveniente de casamentos no civil e no religioso. As pessoas que estavam na condição de separadas não-judicialmente, isto é, aquelas que declararam que não viviam em companhia do cônjuge, mas que já viveram e que no estado civil a declaração era casado, representavam em 2000, 2,4 milhões de pessoas (1,8%). As pessoas cujo estado civil era desquitado representavam, segundo o Censo, 1,8 milhão de pessoas (1,3%). O contingente de divorciados em 2000 atingiu 1,4 milhão de pessoas, o que corresponde a 1% do total de pessoas em idade de casamento. Dentre os estados conjugais, o terceiro maior grupo corresponde aos viúvos com 4,1%, com um contingente de 5,6 milhões de pessoas. O padrão dominante de organização das famílias no Brasil continuou sendo aquele formado pelas famílias com parentesco, que constituíram, em 2000, 91,2% dos arranjos. Mas, foram as unipessoais que apresentaram maior crescimento. As famílias ou arranjos constituídos por duas ou mais pessoas não-aparentadas representaram apenas 0,3%, tendo pouca representatividade no conjunto.

Com o objetivo de conhecer os arranjos familiares de crianças das camadas populares da cidade do Recife, Amazonas e cols. (2003) realizaram um estudo, que contou com a participação de 100 pessoas, sendo 50 adultos (pais ou responsáveis pelas crianças) e 50 estudantes de uma escola pública (06 a 11 anos). Após a análise dos resultados, verificou-se a existência de uma grande diversidade de arranjos familiares, predominando a nuclear (32,7%), seguida pela extensiva (24,5%), de recasados (16,3%), monoparental (14,3%) e adotiva (8,2%), entre outras.

Daí poder-se concluir que realizar pesquisas sobre família é algo que impõe diversos desafios, dada à complexidade do fenômeno familiar moderno, porém é um campo que necessita ser estudado, uma vez que a família constitui o primeiro e principal meio de socialização das crianças e é a base para que se possa compreender muito do que ocorre

durante o processo do desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 2000; KREPPNER, 2003; DESSEN e BRAZ, 2005). É importante destacar também que o curso de vida individual acontece dentro do curso de vida familiar, uma vez que está ligado aos estágios vividos pelos membros da família (CARTER; MCGOLDRICK, 2001; ASPESI; DESSEN; CHAGAS, 2005). Por isso, para se compreender o desenvolvimento humano, faz-se necessário conhecer o desenvolvimento familiar e seus estágios.

O desenvolvimento familiar

Carter e McGoldrick (2001) descrevem os estágios de desenvolvimento familiar baseado na família nuclear de classe média norte-americana que pode funcionar como referência para o tipo de família que esse estudo abrange, embora ocorra a necessidade de se destacar as especificidades sócio-culturais das famílias em estudo. Essas autoras caracterizam o ciclo de vida familiar em seis seqüências mais ou menos esperadas, que se sobrepõem umas às outras em etapas evolutivas do desenvolvimento familiar. Essas

No **primeiro** deles, o jovem adulto precisa adquirir sua autonomia financeira e emocional e deve, então, separar-se da família de origem, embora mantendo os laços familiares apoiadores. No **segundo** estágio, está previsto o desenvolvimento de uma relação conjugal, na qual a principal tarefa é a de formar um novo sistema familiar a partir de dois sistemas de origem diferente. O desafio aqui é o de lidar com as modificações necessárias dos papéis e estabelecer fronteiras precisas entre o novo sistema familiar e os sistemas de origem. O **terceiro** momento do desenvolvimento familiar diz respeito ao nascimento dos filhos e aos cuidados dispensados a eles. Os cônjuges tornam-se, então, genitores e têm a tarefa de promover o desenvolvimento dos filhos pequenos. As autoras alertam que o desafio mais comum nessa etapa é a concordância na forma de educar as crianças e a divisão de tarefas

domésticas. O **quarto** estágio refere-se às famílias com filhos adolescentes, cuja principal função é a de aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e a fragilidade dos avós. A **quinta** etapa é o momento de oferecer aos filhos a ajuda necessária para que consigam se tornar independentes pessoal e financeiramente. Na **sexta** e última etapa, as famílias encontram-se no estágio tardio da vida, caracterizado pela mudança dos papéis geracionais (CARTER; MCGOLDRICK, 2001).

Cervený (2002), a partir de pesquisas realizadas nas cidades do Vale do Paraíba e em São Paulo, com famílias de classe média, elaborou um sistema de categorização do desenvolvimento familiar, semelhante ao proposto por Carter e McGoldrick, subdividindo o ciclo vital em quatro fases:

- 1) **Fase de Aquisição** - é a primeira etapa do ciclo do jovem casal que tem por objetivo adquirir moradia, trabalho, carro e bens em geral. Nesta fase, o casal normalmente se encontra com filhos pequenos, porém alguns casais preferem ter uma estabilidade econômica garantida, retardando a vinda dos filhos, como também o início da paternidade.
- 2) **Fase da Adolescência** – os casais já estão com eles adolescentes. Os pais, que geralmente, estão na fase dos quarenta a cinquenta anos e preocupados com aparência, imagem e realização, comumente questionam suas carreiras e seus relacionamentos, planejando o futuro. Esta fase afeta profundamente as famílias, sendo comum a ocorrência de divórcios.
- 3) **Fase Madura** – na nossa sociedade é considerada a fase mais difícil deste ciclo, uma vez que o casal precisa apoiar duas ou mais gerações: seus pais, que estão idosos e precisando de cuidados emocionais e financeiros, e seus filhos, que estão com filhos pequenos, necessitando de auxílio financeiro e/ou emocional. As preocupações de

ordem econômica são rotineiras, uma vez que o corpo começa a dar sinais de envelhecimento e o sentimento de vulnerabilidade começa a aflorar.

4) **Última fase** – normalmente ocorre concomitante com a aposentadoria e com a retomada da vida a dois pelo casal, e, dependendo da situação econômica, esta fase pode ser de tranquilidade, considerando que as responsabilidades já foram delegadas à geração mais nova. Esta também é uma fase de balanço intergeracional, um momento em que a retomada do passado traz grandes alegrias ou grandes decepções, já que não existe tempo para reparações ou mudanças drásticas.

Considerando a população alvo deste trabalho, a seguir serão descritas, mais detalhadamente, a terceira fase do ciclo familiar proposta por Carter e McGoldrick (2001) e a primeira fase proposta por Cerveny (2002), ambas destacando o casal com filho pequeno.

Famílias com filhos pequenos: fase de aquisição

Conforme foi destacado no tópico anterior, as famílias passam por diversas fases durante o seu ciclo familiar. Uma delas é a união do jovem casal que, normalmente após estarem estabilizados financeira e emocionalmente, decidem ter filhos. McGoldrick (2001) destaca que a transição para a paternidade constitui uma transição-chave no ciclo de vida familiar, pois, a partir desse momento, a família se torna um grupo de três, um sistema permanente. Krestan e Bepko (2001) complementam que esse momento pode ser percebido como estressante, pois, se os pais não estiverem preparados, sentir-se-ão “presos numa armadilha e mal-equipados para lidar com as responsabilidades da criação dos filhos” (p. 426).

O início da paternidade, isto é, a adição de uma nova criança ao sistema familiar, é um estágio que provoca mudanças mais profundas e que gera grandes desafios para a família,

pois implica em intensas transformações nos relacionamentos entre pais, irmãos, amigos e no trabalho, além de ter um significado completamente diferente para o homem e para a mulher. Estas, normalmente, voltam à esfera doméstica, e os homens voltam-se ainda mais à esfera pública do trabalho, em consequência do aumento na demanda econômica familiar (BRADT, 2001; SORJ; FONTES; MACHADO, 2007). Isso ocorre mesmo com os casais em que ambos os genitores possuem carreira profissional extra-lar (MCGOLDRICK, 2001).

A experiência da parentalidade pelo jovem casal, segundo Berthoud (2002), inicia-se com o desejo e a decisão do casal de ter filhos, ou mesmo com a ocorrência de uma gravidez inesperada, mas aceita, e consolida-se com a construção de uma relação triádica. Os primeiros meses, após a chegada do bebê, é um período de profundas tensões e demandas, impulsionando o casal a mudanças. A vinda de um filho, independente de ser o primeiro ou não, será vivenciada e relacionada ao momento de vida de cada membro do casal. Por isso, é importante a negociação e reorganização dos papéis e funções, a cada nova fase de desenvolvimento dos filhos. Essa autora aponta ainda que a carreira profissional feminina é um agente desencadeador de preocupações e sentimentos que interfere na decisão do casal em assumir a paternidade.

Hines (2001) descreve o ciclo de vida das famílias pobres, negras, norte-americanas, em situação de desagregamento, com intervenções governamentais na maioria delas. Nesse estudo, embora haja famílias carentes, a estrutura familiar é mais estável, com ambos os genitores assumindo suas funções. Tanto Fulmer (2001) como Cerveny (2002), concordam que a estrutura e as divisões do ciclo de vida diferem, nas famílias de baixa renda, quando comparadas com as de classe média, assim como a divisão de papéis e tarefas. Porém a transição decorrente da chegada dos filhos ocorre independente da classe econômica, pois o papel de marido e mulher passa para o de pai e mãe, de irmão e irmã, para tio e tia, de

sobrinho e sobrinha para primo e prima. Como se pode verificar, as pessoas vão assumindo os papéis que lhe são impostos socialmente, dentro dos estágios do ciclo de vida familiar.

- Papéis dos casais com filhos pequenos

Na fase em que os casais estão com filhos pequenos, o homem assume o papel de pai e a mulher, de mãe, uma vez que surge na família o papel de filho, desempenhado pela criança. Porém, assim como a estrutura familiar tem se modificado nas últimas décadas, as funções desempenhadas pelos genitores também têm se modificado, como exemplificam Negreiros e Féres-Carneiro (2004, p 39): “no ‘modelo novo’ de família, as fronteiras de identidades entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial de forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiro, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, entre outras possibilidades”.

As mudanças ocorridas na sociedade ocidental, no final do século XX e início do XXI, dentro da organização familiar, também ocasionaram mudanças nos papéis desempenhados pelos genitores, como por exemplo, o cuidado com higiene e alimentação, que antes era uma atividade exercida essencialmente pela mãe, atualmente é compartilhado com o pai, em muitas famílias (PRADO; VIEIRA, 2003). Em relação à legislação brasileira, esses autores destacam que, a partir do início de janeiro de 2003, começou a vigorar o novo Código Civil, que tem por princípio a igualdade entre homens e mulheres. No caso de divórcio ou separação, a guarda dos filhos é delegada ao membro do casal que revelar melhores condições para exercê-la, não priorizando mais a mulher. Contudo, em 2008 passou a vigorar no país a “guarda compartilhada” que, segundo Bruno (2002), visa à manutenção do contato e da responsabilidade compartilhada de ambos os genitores para com a criança, levando sempre em conta a manutenção da relação próxima e constante entre filhos e genitores. Pais e mães

dividem a responsabilidade legal sobre os filhos ao mesmo tempo e compartilham as obrigações pelas decisões importantes relativas à criança. Assim, com essas mudanças, considera-se uma igualdade de papel dos cuidadores.

Tais modificações na lei levam a indagações a respeito do se e quanto elas realmente alteram os padrões de interação entre as pessoas e influenciam os papéis que os pais e as mães desempenham. Alguns estudos revelam que, apesar das mudanças que estão ocorrendo, é um equívoco pensar que mães e pais possuem os mesmo papéis, uma vez que suas atribuições são distintas. Klaus e cols (2000) pontuam que os genitores deveriam se empenhar para acordarem sobre as responsabilidades com os filhos, procurando uma “co-paternidade” e encarando as diferenças como complementares. Porém, não é o que se observa na pesquisa, já citada, realizada por Amazonas e cols. (2003), ao verificarem que, em relação ao funcionamento familiar, de camadas populares, a organização normalmente ocorre em torno das mulheres, pois as figuras masculinas encontram-se fragilizadas devido ao desemprego, uso de álcool ou outras drogas. Essas autoras acrescentam que, além dos cuidados dispensados às crianças, as mulheres agregam o papel de provedoras, sendo que, em muitos casos, mantêm sozinhas suas famílias, trabalhando como domésticas ou diaristas, passando assim, o dia todo longe dos filhos, ou então, levando-os consigo ao trabalho.

Um outro estudo, que teve com objetivo conhecer a estrutura familiar, de famílias cujas mulheres eram as principais provedoras do lar, foi desenvolvido por Fleck e Wagner (2003). Os resultados indicaram que, mesmo as mulheres contribuindo com a maior parte da renda, os homens não assumiam a responsabilidade pelos afazeres domésticos na mesma proporção que elas assumiam a condição de principal provedora. Eles colaboravam nas atividades domésticas, mas a responsabilidade recaía sobre as esposas, fazendo com que, muitas vezes, elas necessitassem conciliar as demandas do trabalho com os afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Além disso, os maridos não abriam mão de seus

momentos de lazer, enquanto as mulheres sentiam-se culpadas, caso abandonassem, mesmo que temporariamente, o seu papel predominantemente materno.

Também em relação às famílias das camadas populares, Martin e Ângelo (1999), verificaram a fragilidade no desempenho dos papéis dos genitores, principalmente no papel materno, por ser a principal responsável pelos cuidados com os filhos e os afazeres domésticos. Essas autoras investigaram com 10 mães de baixa renda, do município de São Paulo, os significados, para elas, de seu papel na estrutura familiar e as estratégias utilizadas na organização familiar. Os resultados indicaram que, para essas mães, o papel da mulher relaciona-se aos cuidados com as crianças, a casa e o marido, contrastando com o papel do homem, que diz respeito ao sustento da família. O papel feminino é tido como uma obrigação, algo inato à mulher e reforçado pelo comportamento de sua mãe. Esse papel da mulher-mãe a torna o eixo da estrutura familiar, uma vez que a organização e os cuidados com todos os membros dessa família ficam sob seu controle. Isso faz com que as expectativas que recaem sobre ela e que ela mesma tem de si, seja de cuidadora, nascendo e tendo essa capacidade a desenvolver.

Sarti (2003) destaca que os papéis de cada membro, nas famílias de camadas populares, estão previamente definidos e se relacionam com a divisão sexual do trabalho, assim como com as relações hierárquicas entre homens e mulheres e pais e filhos. Aos homens cabe a autoridade moral e às mulheres a autoridade de manter a unidade do grupo, cuidando de todos e zelando pela harmonia e organização, reafirmando o exposto por Martin e Ângelo (1999), que consideram a mulher o eixo da estrutura familiar.

Entretanto, Bustamante e Trad (2005) enfatizam que mudanças sociais, como por exemplo, a inserção da mulher no mercado de trabalho, estão reestruturando o significado da paternidade e o papel do pai, surgindo o conceito do “novo pai”. Nessa reestruturação de conceitos, “a paternidade é considerada uma nova oportunidade para expressar sentimentos,

participando ativamente no cuidado dos filhos, e tendo relação igualitária e fluida com a parceira, o que se expressa na divisão de tarefas” (p. 1866). Porém os próprios autores ressaltam que esse discurso apresenta fragilidades em relação às expectativas contraditórias relacionadas aos homens, pois espera-se deles participação ativa na esfera econômica, sendo provedores da família e construindo sua identidade masculina através do papel de trabalhadores, além de serem presentes em casa, compartilhando o cuidado das crianças e dos afazeres domésticos. Essas expectativas “contraditórias” destacadas por esses autores são as mesmas que as mulheres que trabalham fora já vêm enfrentando (MARTIN; ÂNGELO, 1999; SARTI, 2003).

Para entender como ocorre dentro do contexto familiar, em camadas populares, a participação paterna nos modos de cuidar das crianças menores de seis anos, Bustamante e Trad (2005) desenvolveram um estudo com seis famílias de crianças pequenas em um bairro do subúrbio ferroviário de Salvador. Nesse estudo, foram realizadas observações dos participantes e entrevistas, duas vezes por semana, durante um período de nove meses. Dessas seis famílias, duas eram nucleares e quatro, extensivas, convivendo três gerações e tendo mais de um casal ou mulher com filhos. Através das análises dos dados obtidos, os autores constataram que:

“ter filhos constitui uma dimensão fundamental na vida de homens e mulheres, constituindo causa comum da formação de novos núcleos familiares. A participação paterna é sintetizada em três dimensões: a educação, em que o pai é fundamental; os cuidados corporais, entendidos como atribuição feminina; e a preservação da integridade, considerada dever de todos os membros da família. Embora persista a identificação com papéis de gênero tradicionais, ao contrastarmos discursos com práticas, percebemos que em todas as famílias, e mais intensamente nas nucleares, existem dimensões nas quais os homens participam ativamente, evidenciando proximidade física e emocional com os filhos” (p. 1873).

Observa-se que a participação paterna nos cuidados com as crianças está crescendo, por isso, conhecer a percepção materna sobre o comportamento de seu companheiro oferece

alguns aspectos do suporte fornecido pelo pai aos seus filhos e o grau de satisfação da mãe com a participação paterna na dinâmica familiar. Considerando essas afirmações, Prado, Piovanotti e Vieira (2007) realizaram uma pesquisa objetivando identificar características da concepção dos genitores sobre o comportamento paterno real e ideal. Participaram desse estudo 30 casais da zona urbana de Florianópolis, com pelo menos um filho com idade de três a seis anos. Além do questionário de nível socioeconômico, foram aplicadas as Escala de Estilo Paterno Ideal e Real. As análises indicaram que, em relação ao estilo paterno ideal, ambos os genitores possuem idéias semelhantes sobre o que eles consideram as principais qualidades e comportamentos que um pai deveria apresentar em relação à sua criança. Em relação ao estilo paterno real, verificou-se que os pais tendem a perceber a sua participação como mais intensa do que as mães acreditam que ela seja. Também foram solicitados aos casais que estimassem o tempo total que o pai passa com seus filhos durante uma semana, assim como o tempo que julgam ideal para estarem com eles. Em relação ao tempo real, tanto os pais como as mães estimaram tempos semelhantes, enquanto que, em relação ao tempo ideal, os pais julgaram que deveriam estar mais tempo com seus filhos do que as mães acharam que eles deveriam estar. Outro item investigado foi a participação do pai na execução das tarefas domésticas, tanto em termos reais como ideais. Nessa análise verificou-se que, em termos reais, os genitores concordam sobre a participação do pai nas atividades domésticas, enquanto que, em termos ideais, as mães acreditam que o pai deveria fazer mais do que ele avalia como sendo seu papel nas tarefas do lar.

Cia, Williams e Aiello (2005) realizaram uma revisão da literatura que teve como objetivo averiguar a produção científica nacional e internacional, de estudos empíricos que descreviam interação pai-filho (zero a seis anos) ou a relação entre esse relacionamento com o desenvolvimento infantil. Verificou-se a carência de estudos sobre o tema, principalmente na literatura brasileira. Também se constatou que os pais são importantes para o

desenvolvimento dos seus filhos, no envolvimento e atividades domésticas e nos cuidados dispensados às crianças, além de atuar como provedor. Quanto maior a interação entre pais e filhos maior a satisfação do pai com seu papel, agindo diretamente na dinâmica familiar.

Esses estudos geram questionamentos sobre como estão sendo compartilhadas as tarefas domésticas, tanto em relação à criança como à casa. Como os genitores com filhos pequenos dividem essas responsabilidades?

- Divisão de tarefas e cuidados com as crianças

O espaço domiciliar é um dos contextos de desenvolvimento infantil em que a criança permanece por mais tempo. Esse espaço é organizado mediante uma série de atividades que visam, de forma geral, à higiene, à alimentação, à organização e à previsibilidade (limpar, arrumar a casa, fazer as refeições, lavar as roupas, horário para dormir, etc.).

Preocupados com essas questões, Wagner e cols. (2005) realizaram um estudo com o objetivo de conhecer a divisão das tarefas educativas (que vão desde o deslocamento das crianças para suas atividades formativas, até as tarefas primárias como o ensinamento de hábitos de higiene) desempenhadas pelos genitores em famílias de nível sócio-econômico médio, com filhos em idade escolar. Para tanto, investigaram-se as principais semelhanças e diferenças quanto ao desempenho das tarefas educativas entre o pai e a mãe, e o nível, de acordo dos genitores na avaliação, de quem é o principal responsável pelo desempenho de tais tarefas. Constatou-se que, das oito tarefas investigadas, seis delas são compartilhadas entre eles: o exercício da disciplina, o suporte afetivo, a educação básica em termos de higiene, o compromisso com a escola, o sustento econômico e o acompanhar e proporcionar atividades de lazer. Ao final das análises, também foi possível identificar dois grupos distintos de estrutura familiar que compõem a amostra. No grupo I, a mãe é a principal responsável pelas

tarefas que envolvem a criação e educação dos filhos e, no grupo II, há uma divisão de tais tarefas entre o pai e a mãe. Conforme as autoras apontam, é interessante assinalar que, na perspectiva das mães e dos pais, o grupo do tipo I revela a participação nula dos pais em tarefas como desenvolvimento de hábitos de higiene e cuidados com a alimentação dos filhos. Em contrapartida, encontram-se também nesse grupo índices nulos, ou muito inferiores (2,1%), da participação da mãe como a principal responsável pelo sustento econômico dos filhos. Nesse caso, ou o casal divide a tarefa, ou o pai é o principal responsável. Enquanto isso, no grupo II, a maioria das respostas dos genitores se concentram na alternativa “dividimos a tarefa”. Segundo as autoras, essa resposta;

“expressa uma parcela da população que tem distanciado-se do modelo clássico da divisão de gênero dos papéis e funções familiares. Esse modelo aponta a integração que tais famílias vêm fazendo das demandas educativas, do trabalho e da conjugalidade, como uma forma de atender de melhor maneira tal complexidade. Os dados refletem de forma clara que as mudanças nas funções e papéis na família contemporânea não vêm ocorrendo com a mesma frequência e intensidade em todos os núcleos” (p. 186).

Com o objetivo de verificar através de um questionário de caracterização do sistema familiar como ocorre a divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com as crianças, Braz, Dessen e Silva (2005) realizaram uma pesquisa com 14 famílias de classes média e baixa, compostas por pai, mãe e criança-alvo, na faixa etária de 4-5 anos. Constatou-se que as principais responsáveis pelos cuidados com as crianças e pelas tarefas domésticas são as mães. As atividades descritas por elas em relação aos cuidados com os filhos foram: dar comida e banho, levar e trazer da escola, orientar nos deveres escolares, levar para as atividades de lazer e colocar para dormir. As atividades de cuidado com a casa foram: arrumar a casa, cozinhar, lavar e passar roupas, fazer compras e orientar a empregada doméstica. Verificou-se também que, nas atividades relacionadas aos cuidados da casa, as mães de classe baixa lavavam e passavam roupas mais que as mães de classe média; porém as mães de classe

média faziam mais compras do que as mães de classe baixa. Tanto nas famílias de classe média como baixa, quando ambos os genitores trabalhavam fora, essas tarefas recaíam sobre as mães. Em relação a isso, é importante destacar que 71% das mães de classe baixa trabalhavam fora de casa, enquanto que o mesmo percentual das mães de classe média não trabalhava. As atividades mais relatadas realizadas pelos pais foram: levar as crianças para as atividades de lazer e fazer compras.

Para investigar a percepção materna a respeito dos cuidados paternos em famílias em situação de risco psicossocial, Crepaldi e cols. (2006) realizaram uma pesquisa com 30 famílias de baixa renda, com crianças cujas idades variavam de seis meses a seis anos (15 tinham crianças freqüentando creche e 15 aguardavam vaga na instituição). Através das entrevistas, verificou-se que nos dois grupos de família, os pais são considerados como participantes nos cuidados, porém, é importante ressaltar que, muitas das atividades realizadas por eles como sair, brincar, conversar e cantar, nem sempre foram consideradas de cuidados pelas mães, uma vez que, para a maioria delas, são atividades realizadas em conjunto (pai-mãe-criança).

Através de um questionário de caracterização do sistema familiar, Oliveira (2007) investigou como era a divisão do trabalho doméstico e/ou do cuidado com os filhos (quando havia) com 45 mulheres grávidas, primíparas ou não (Grupo A), e 42 mulheres com bebês de até seis meses de idade (Grupo B), que residiam no Distrito Federal e coabitavam com seus companheiros. Das cinco tarefas investigadas - arrumar a casa, cozinhar, lavar/passar roupas, fazer compras e orientar a empregada - somente a última era responsabilidade exclusiva das mães, porém, mesmo compartilhando as demais com seu companheiro, filhos mais velhos ou os avós, elas eram as principais responsáveis por executá-las. A responsabilidade pelos cuidados dispensados aos filhos, como dar banho, alimentá-lo, orientar nos deveres escolares, levar para as atividades de lazer e colocar para dormir, cabia principalmente às mães. Em

todas as atividades de cuidados com os filhos elas também recebiam auxílio dos companheiros, avós e outros filhos.

Ramos (2008), em seu estudo realizado com 33 famílias cujas crianças alvo tinham de três a cinco anos de idade, averiguou a divisão dos afazeres domésticos e dos cuidados dispensados às crianças. Em 15 famílias, ambos os genitores exerciam atividades remuneradas (Grupo A) e em 18 somente o pai exercia tal atividade, a mãe estava desempregada ou era “do lar” (Grupo B). Os cuidados dispensados às crianças foram divididos em cuidados de rotina (alimentação/banho e colocar para dormir) e lazer/socialização (ler/contar histórias e levar para passear). No Grupo A, as mães eram as principais responsáveis pelos cuidados de rotina ou compartilhavam quase que proporcionalmente com o pai ou outras pessoas; enquanto que as mães do Grupo B eram as principais responsáveis por executá-las, e em alguns momentos elas eram executadas pelos companheiros. A tarefa de ler/contar histórias era desempenhada principalmente pelas mães, em ambos os grupos, porém as do Grupo A, relataram dividí-las frequentemente com outras pessoas, principalmente com o companheiro. A atividade relatada que era mais compartilhada entre os genitores, de ambos os grupos, foi a de levar os filhos para passear. Nos cuidados dispensados a casa, os genitores do Grupo A compartilhavam a limpeza e o cozinhar, enquanto que no Grupo B, essas atividades eram executadas principalmente pelas mães.

No estudo de Fonseca (2008), realizado com 15 adolescentes e seus companheiros ou mães, foi pesquisado tanto a divisão das tarefas domésticas como os cuidados dispensados aos bebês. Através das análises dos dados obtidos, a autora verificou que os companheiros e os avós eram os principais responsáveis pelo sustento financeiro da casa. Em contrapartida, as tarefas domésticas eram, muitas vezes, desempenhadas somente pelas adolescentes ou compartilhadas com mães, sogras e irmãs; já a responsabilidade pelas compras de supermercado cabia, em geral, às figuras masculinas. No geral, tanto os companheiros, como

os outros familiares, exerciam papel secundário, auxiliando nos cuidados com o bebê, sendo que brincar, conversar e passear eram as atividades mais destacadas. Como se pode verificar nessas famílias, ocorreram relatos maternos sobre a participação da rede social de apoio familiar, que era constituída pelos companheiros e namorados, além dos avós, tios e bisavós dos bebês; e extra-familiar, composta pelas vizinhas e amigas.

- Rede social de apoio

Cada vez mais os estudos vêm destacando a necessidade de uma rede de apoio social para as famílias, em suas diferentes etapas. Para Lewis (1987) e Gottlieb e Pancer (1988), a rede social de apoio é composta por um grupo de pessoas que tem por objetivo auxiliar o casal, seja através do apoio instrumental e/ou emocional. Nessas pessoas os genitores podem encontrar ajuda em relação às suas necessidades emocionais, sociais e financeiras, além dos cuidados relacionados à casa e aos filhos. Essa rede pode ser composta pelos próprios membros da família, parentes, amigos, vizinhos e profissionais (DESSEN; BRAZ, 2000).

Para descrever as transformações ocorridas na rede social de apoio, Dessen e Braz (2000) realizaram um estudo com 15 famílias de classe social baixa. Essas famílias foram divididas em dois grupos: a) mães grávidas do segundo filho; b) mães com bebês de até seis meses, também segundo filho. Segundo os relatos maternos, dentre as alterações ocorridas, destacou-se o aumento do apoio psicológico (presença de familiares e amigos, expressa por carinho, dedicação e atenção), sendo o apoio do marido/companheiro considerado por todas o mais importante. Nos relatos paternos, o aumento em relação à ajuda financeira e material foi o que se destacou. Para as mães, as principais pessoas que compunham a rede social familiar eram os maridos/companheiros, avós e tios da criança, e a extra-familiar eram os vizinhos, amigos e empregada/babá, além dos centros de saúde e médicos.

Conforme os relatos das mães participantes do estudo de Oliveira (2007), o apoio recebido por elas durante a gravidez e após o nascimento de seus filhos foi principalmente o emocional, seguido da ajuda nas tarefas domésticas e nos cuidados com a criança, e do financeiro. Estes apoios vinham principalmente da rede social familiar, com grande ênfase ao companheiro, seguido pelos avós, tios, outros familiares e filhos mais velhos. Da rede social não-familiar, as figuras citadas foram os amigos, vizinhos, empregada e/ou babá, outras pessoas e instituições.

As mudanças ocorridas na rede social de apoio, após o nascimento do segundo filho, também foram pesquisadas por Piccinini e cols (2007). Essa pesquisa contou com a participação de oito famílias, nas quais o segundo filho nasceu no segundo ano de vida do primogênito. Através das análises dos relatos maternos, verificaram-se mudanças ocorridas na rede de apoio, com destaque para a família extensa, os companheiros e a creche do primogênito, sendo os dois primeiros os mais enfatizados. Em relação ao apoio vindo da família, as mães destacaram o auxílio recebido nos cuidados com os filhos e um maior envolvimento da avó materna; no apoio por parte dos companheiros, elas destacaram a participação nos cuidados diários com os filhos, deixando-as satisfeitas. O apoio extra-familiar vinha, para a maioria das mães, da creche do primogênito, que auxiliava nos cuidados dele após o nascimento do segundo filho. As mães também destacaram a importância de colocar o primeiro filho na creche, antes do nascimento do segundo, para facilitar a adaptação da criança.

Na pesquisa realizada por Fonseca (2008), o apoio vindo da rede social familiar relacionava-se aos cuidados com o bebê, financeiro, afetivo e auxílio nas tarefas domésticas, sendo que as figuras femininas foram as que mais se destacaram, e destas, a avó materna. Na rede social extra-familiar, as vizinhas eram as pessoas que mais auxiliavam as adolescentes, principalmente nos cuidados com os bebês.

Em algumas famílias, quando principalmente o homem encontrava-se desempregado, o papel do provedor era exercido por pessoas da rede de apoio familiar, como os avós ou os tios, assim como o papel afetivo e de cuidado com as crianças muitas vezes era assumido pelos tios, madrinha, avós, vizinhos, entre outras pessoas da rede social familiar e extra-familiar, pois as mães, principais responsáveis por essas tarefas, necessitavam trabalhar (AMAZONAS et al., 2003)

Como destacado, o suporte à família pode ser oferecido por várias pessoas, entretanto essas pessoas exercem funções que vão se modificando conforme o tempo, o contexto sócio-cultural e o estágio de desenvolvimento do indivíduo e da família enquanto grupo (DESSEN e BRAZ; 2000).

A família e o desenvolvimento infantil

Com relação ao desenvolvimento infantil, autores como Palácios e Mora (1995) e Shore (2000) enfatizam que, nos primeiros anos de vida, as mudanças cerebrais, físicas, psicomotoras, cognitivas, de linguagem, sociais e da personalidade são influenciadas pela interação da criança com o ambiente e ocorrem de forma acelerada. Em todas essas mudanças, o cérebro é influenciado por fatores como: práticas educativas, ambiente, cuidados e estimulação que o indivíduo recebe (SHORE, 2000).

Nesse processo de transformação, os bebês necessitam se sentir competentes e autoconfiantes, mas, ao mesmo tempo, precisam sentir o amor e a proteção dos pais. Nesse percurso do desenvolvimento infantil, o clima emocional familiar e a comunicação sobre objetos, eventos, estados interiores e conflitos são essenciais, por isso as relações dos genitores com as crianças devem ser cativantes, alegres, amorosas e atenciosas (KREPPNER, 2003; WEBER, 2005).

Os estilos parentais também influenciam no desenvolvimento infantil e podem ser definidos como sendo um conjunto de atitudes dos genitores, cujos comportamentos incluem as práticas parentais e outros aspectos da interação genitor-criança como, por exemplo, o tom de voz, a linguagem corporal, a mudança de humor, entre outros (OLIVEIRA e et al., 2002; WEBER, 2005).

Para Montadon (2005), quando se estudam as práticas parentais, deve-se considerar diversos fatores como a história familiar, o tipo de funcionamento familiar, a integração da família na comunidade, entre outros. Essa autora destaca que não devem ser ignorados acontecimentos como desemprego, divórcio, doença, acidentes, nascimento de uma criança deficiente, uma vez que eles produzem transformações nas relações, reestruturações e mudanças nas práticas, assim como não se deve levar em conta apenas o meio social, mas também a cultura à qual as famílias pertencem e as representações que elas têm da infância, dos filhos e da autoridade.

Montadon ainda ressalta que:

“A relação educativa deve ser situada no contexto do conjunto das relações da criança, especificamente com os mais próximos, nas fronteiras da família, como os avôs, por exemplo, os sogros, os meios-irmãos e meias-irmãs, os outros membros de uma família recomposta, ou a rede de parentesco. O efeito do estilo educativo dos pais pode ser reduzido, anulado ou ampliado pelas interações com essas outras pessoas próximas. Do mesmo modo, pode ser anulado ou ampliado, e até perturbado, pelo estilo educativo que a criança conhece na escola ou em outros contextos educacionais” (2005, p. 493)

Como as práticas parentais são de extrema importância nas relações dos genitores com as crianças, Weber e cols. (2004) realizaram um estudo com o objetivo de verificar os estilos parentais, utilizando duas escalas que caracterizavam quatro estilos parentais: o negligente, o autoritativo, o permissivo e o autoritário. Participaram desse estudo 239 crianças de 9 a 12 anos, provenientes de duas escolas municipais, na cidade de Curitiba, e seus respectivos genitores. Quase metade dos pais foram classificados como negligentes (45%), seguidos dos

classificados como autoritativos (33%). Os autores destacam a importância de se investigarem os estilos parentais, uma vez que eles se referem a “um conjunto de comportamentos dos pais que cria um clima emocional em que se expressam as interações pais-filhos, tendo como base a influência dos pais em aspectos comportamentais, emocionais e intelectuais dos filhos” (p. 329). Outro aspecto destacado pelos autores citados é a importância do estilo autoritativo para uma educação saudável dos filhos, uma vez que:

“Para adotar esse estilo, é preciso que os pais se envolvam na educação, respondendo às necessidades que a criança tem de atenção e incentivo, auxílio, diálogo e diversão (responsividade), bem como supervisionar e monitorar os comportamentos do filho, exigindo a obediência de regras e limites e o cumprimento de deveres (exigência)” (p. 329-330).

A qualidade das relações parentais e maritais, também relacionadas às práticas parentais, foi estudada por Braz, Dessen e Silva (2005), em 14 famílias de classes média e baixa, compostas por pai, mãe e criança-alvo (4-5 anos). Os resultados apontaram que uma boa relação conjugal favorece o compartilhamento de tarefas domésticas e as práticas de educação entre maridos e esposas, além de promover o desenvolvimento de sentimentos de segurança nos filhos.

Dessen, Braz e Tudge (2008) alertam que os estilos parentais estão relacionados com os valores e crenças desses sobre como educar seus filhos, mas que eles vão além, uma vez que “tratam das formas através das quais os genitores lidam com suas crianças numa variedade de situações” (p.11).

- **Desenvolvimento infantil: valores e crenças**

Para se compreender o desenvolvimento infantil é necessário estudar os valores e crenças dos genitores e como esses influenciam suas práticas nas interações com seus filhos,

uma vez que o processo de desenvolvimento humano não pode ser compreendido sem se levar em conta os diferentes contextos (físico, social, histórico e cultural) nos quais o indivíduo está inserido.

Em relação às crenças e valores dos genitores e como influenciam no desenvolvimento infantil, Seidl de Moura e cols. destacam que:

“Entre outros aspectos, o conhecimento engloba crenças acerca dos períodos mais prováveis para aquisição de habilidades motoras, perceptuais e cognitivas durante o desenvolvimento infantil; crenças acerca de que fatores podem influenciar o desenvolvimento das crianças; crenças acerca de que tipos de cuidados de higiene e segurança são importantes para a saúde das crianças. Assim, se os pais acreditam, por exemplo, que os bebês não enxergam ao nascer, é razoável supor que eles acabam por criar poucas oportunidades de estimulação visual” (2004, p. 422).

Já em relação aos diferentes contextos que o indivíduo está inserido, Dessen e Braz (2005) referem que “pensar em desenvolvimento humano significa pensar no estabelecimento de relações que o indivíduo mantém com seus contextos proximais – isto é, a família, o local de trabalho ou estudo, sua comunidade – e com os contextos distais – como os valores, as crenças, a cultura” (p. 122).

Na literatura, encontram-se autores que utilizam os termos crenças, idéias, valores, ou outros similares, sempre enfatizando sua importância, principalmente no comportamento dos pais e educadores (GOODNOW; COLINS, 1990; PALACIOS, 1990; HARKNESS; SUPER, 1996; MELCHIORI; BIASOLI-ALVES, 2001; MELCHIORI, et al., 2007). No entanto, há necessidade de uma análise conceitual desses termos para se ter uma designação mais precisa dos fenômenos aos quais eles se referem (BASTOS, 1991); como por exemplo, os valores paternos que são definidos por Luster, Rhoades e Haas (1989), como sendo os objetivos e as metas que os genitores almejam alcançar com seus filhos, e as suas expectativas futuras em relação à prole. Já as crenças parentais são definidas por eles como sendo as idéias que eles têm sobre como ajudar seus filhos a alcançarem os objetivos almejados, são as razões pelas

quais eles acreditam que devem agir de um jeito ou de outro com seus filhos, mesmo que não tenham clara consciência disso (DESSEN; BRAZ; TUDGE, 2008).

O estudo de Braz, Dessen e Silva (2005), também objetivou investigar como os genitores percebiam o desenvolvimento de seus filhos, isto é, quais eram seus valores, crenças e expectativas sobre o desenvolvimento e a educação dos filhos. Conforme os relatos dos genitores, verificou-se que, para a maioria (86%), as suas crianças apresentavam desenvolvimento "normal", "tranquilo", "sem maiores problemas". Para mais da metade dos genitores (65%), as crianças eram tidas como bem-humoradas ("calmas", "tranqüilas", "brincalhonas", "alegres"); enquanto que, para 14%, elas eram vistas como sendo "mal-humoradas", "irritadas" e "emburradas". As características emocionais e comportamentais das crianças-alvos mais destacadas pelos genitores foram "afetividade", "sociabilidade", "passividade/obediência" e "teimosia/desobediência". Também foram relatadas por alguns pais características como: "inteligência/criatividade", "manha", "dedicação ao estudo", "isolamento social", "agressividade", "educação/bom comportamento", "independência", "dependência" e " vaidade". Nessa pesquisa, os genitores também destacaram os valores que acreditam transmitir para seus filhos e suas expectativas em relação ao futuro deles. Em relação à classe social, constatou-se que os genitores da classe média consideraram mais importantes transmitir para seus filhos a sociabilidade, a afetividade e a obediência; e os da classe baixa destacaram, com maior frequência, a educação, o respeito, os valores morais e a dedicação ao estudo. Em relação às expectativas dos genitores quanto ao futuro dos filhos, os genitores de classe média salientaram mais expectativas relacionadas ao sucesso profissional e o desejo de que eles se sintam satisfeitos com a vida que escolheram; já os genitores de classe baixa apontaram, com maior frequência, o ser estudioso, honesto, trabalhador, responsável e respeitador.

O conhecimento parental sobre o desenvolvimento infantil foi focado na revisão de literatura, realizada por Ribas e cols. (2003), que verificaram algumas tendências, dentre as quais se destacaram a confirmação da existência da relação entre o nível socioeconômico e o conhecimento parental a respeito do desenvolvimento infantil, sendo que o nível educacional, em especial o da mãe, é o que tem maior valor discriminativo. O conhecimento dos genitores sobre o desenvolvimento infantil afeta os comportamentos parentais e, conseqüentemente, o desenvolvimento das crianças. Esses autores ainda apontam que, mesmo com o crescimento da literatura sobre crenças e práticas parentais, são poucas as exceções quando essas pesquisas são realizadas em outros países que não sejam os Estados Unidos. A literatura brasileira também é ainda pouco expressiva sobre esse tema.

Este déficit na literatura nacional também foi pontuado por Seidl de Moura e cols. (2004), que desenvolveram um estudo objetivando obter informações sobre o conhecimento materno do desenvolvimento infantil, a partir de uma amostra ampla de mães brasileiras (405 mães primíparas, com filhos menores de um ano), residentes em seis centros urbanos, em diferentes regiões do Brasil (Belém, Itajaí, João Pessoa, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador). Esses autores examinaram as relações entre o nível socioeconômico das famílias, o nível educacional das mães e o conhecimento materno sobre o desenvolvimento infantil. Investigaram também as possíveis diferenças regionais e a influência que as variáveis: idade da mãe, sexo e idade do bebê podem exercer sobre o conhecimento a respeito do desenvolvimento infantil. Os resultados apontaram: a) a importância da escolaridade materna, variável comprovadamente associada ao conhecimento que essas mães possuem sobre desenvolvimento infantil; b) a idade do bebê também parece afetar as cognições maternas: quanto mais velho o bebê, maiores os conhecimentos adquiridos pela mãe (sugerindo que não é só a mãe que influencia o bebê, mas que pistas do bebê ou características dele também tendem a afetar a mãe); e c) o efeito significativo do local de residência da mãe, sobre seu

conhecimento a respeito do desenvolvimento infantil, sugerindo que existem diferenças sociais e culturais em relação a essa variável. Os autores concluem que “os dados apóiam a idéia de que pode haver mais diversidade do que homogeneidade entre as mães brasileiras, pelo menos no que se refere à variável estudada” (p. 427).

Partindo do princípio de que o sistema de crenças de mães e educadoras de berçário é um aspecto importante no contexto em que a criança vive, Melchiori e cols. (2007) investigaram o julgamento de mães e educadoras de berçário sobre os fatores que causam ou influenciam o desempenho e o temperamento de bebês. Os resultados indicaram a predominância de crenças ambientalistas sobre o desempenho e temperamento de bebês, tanto em relação às 50 mães, que eram de diferentes níveis sócio-culturais, quanto em relação às 21 educadoras, que eram de nível sócio-cultural predominantemente baixo. Becker (2001) discute que essa postura ambientalista é negativa, uma vez que os adultos envolvidos não percebem a criança como um ser ativo, que contribui para seu desenvolvimento e que é capaz de influenciar seu meio ambiente.

Assim como é de fundamental importância estudar as crenças e valores dos genitores sobre o desenvolvimento infantil, as relações afetivas entre eles e a própria criança também merecem destaque, uma vez que assumem um importante papel no desenvolvimento afetivo do bebê e, conseqüentemente, nas suas relações futuras (THOMAZ et al., 2005).

- **A Importância das relações afetivas genitores-crianças**

O afeto é essencial na infância, pois a atitude emocional dos genitores orienta o bebê, conferindo qualidade de vida às suas experiências no presente e no futuro. A importância da ligação emocional que se desenvolve entre o bebê e seu cuidador foi evidenciada por Bowlby (1990), na Teoria do Apego, na qual ele percebeu que a ligação mãe-bebê é biológica, isto é, que o estabelecimento das relações íntimas entre indivíduos é um componente básico da

natureza humana, presente desde o nascimento. Essas relações são importantes para nortear os desenvolvimentos afetivo, cognitivo e social da criança (BOWLBY, 1990).

O bebê vai se desenvolvendo à medida em que tem contato com o meio, e vai caminhando de uma total dependência frente ao ambiente, até atingir a independência. Melchiori e Dessen (2008) destacam que a dependência inicial da criança conduz o adulto à tarefa de cuidar e também cria a oportunidade para que se estabeleça uma relação cuidadores-criança que é a base do processo de socialização infantil. Bowlby (1990) chamou essa ligação de ‘apego’, e esta pode ser definida como uma relação que ocorre quando sistemas comportamentais específicos são ativados entre o socializador e o bebê, gerando um sistema de interação, que implica em uma adaptabilidade evolutiva baseada, essencialmente, na relação com a pessoa que cuida.

Com isso, os principais cuidadores do bebê passam a ser percebidos como uma base segura, pois, além de protegê-lo e propiciar sua sobrevivência, permitem que ele explore o ambiente. Weber (2004) enfatiza que:

“Durante muito tempo, a força dos vínculos entre o bebê e a mãe foram vistos como um sinal de dependência que não seria funcional na vida adulta, e até hoje ouvimos expressões de que ‘não se deve viciar um bebê no colo’. Na verdade, um bebê veio ao mundo absolutamente preparado para ficar no colo como ainda o fazem tribos atuais de caçadores-coletores. O homem ‘moderno’ ensinou o bebê a ficar distante do colo de sua mãe. Muito recentemente passamos a compreender que quanto mais forte for esse vínculo inicial maior a probabilidade de a criança tornar-se independente no futuro, esse apego seguro é justamente o que permite à criança aventurar-se de maneira confiante pelo mundo. Essa dança coreográfica entre mãe-bebê cheia de sons, cheiros, vozes e corações é vital para a sua história de afetividades futuras” (p. 8).

Uma das grandes contribuidoras de Bowlby, considerada por vários estudiosos (BRETHERTON, 1992; WATERS et al., 1995) como coautora da teoria do Apego, foi Mary Ainsworth, sendo que uma de suas contribuições foi o conceito de “sensibilidade materna”. Essa autora e alguns colaboradores concluíram que a sensibilidade parental decorre: (a) da

habilidade, geralmente da mãe, para reconhecer e decodificar os sinais de comunicação emitidos pelo bebê; (b) da rapidez das respostas dadas a ele; (c) da adequação das respostas do socializador; e (d) de sua coerência diante das necessidades do filho. Dependendo de “como a mãe reage aos sinais emitidos pelo bebê, o relacionamento entre eles será mais ou menos prazeroso, e um vínculo se estabelece em um processo de trocas bidirecionais” (MELCHIORI; DESSEN, 2008, p. 3-4). Então, dependendo dessa interação, os padrões de apego vão se estabelecendo entre a criança e seus principais cuidadores.

Os padrões de apego ficaram mais evidentes através do estudo de Ainsworth e Wittig (1969), em que eles definem uma situação de laboratório em que a criança de 12 a 18 meses fica ora com a mãe e uma pessoa estranha, ora sozinha, ou apenas com a pessoa estranha. Posteriormente, Ainsworth e cols. (1978) observaram que a reação das crianças a essa situação poderia ser classificada em três padrões de apego: A, B e C. Em relação a esses episódios, Bowlby (1990) salienta que, embora haja uma grande variação nos padrões de comportamento que os bebês apresentam, as semelhanças observadas entre eles são tão impressionantes quanto qualquer diferença observada.

O padrão mais comum encontrado por Ainsworth e cols (1978) foi o padrão B – Apego Seguro. A mãe ou cuidador funciona como uma base de segurança para exploração do ambiente e, com isso, os bebês são ativos nas brincadeiras, partilham emoções enquanto brincam e, quando se sentem aflitos devido a uma separação breve, buscam contato com a figura materna e são confortados rapidamente, voltando a se entreter nas brincadeiras. No Padrão A – Apego do tipo Inseguro Evitativo – as crianças exploram o ambiente, mas evitam a mãe por períodos prolongados quando estressadas, especialmente após a segunda ausência desta; estabelecem relações com estranhos, tratando-os, muitas vezes, de maneira mais amistosa do que a própria mãe. No Padrão C – Apego do tipo Inseguro Ansioso – os bebês apresentam comportamento exploratório pobre, algumas vezes buscam proximidade e contato

com a mãe e em outras resistem ao contato e à interação com ela. São bebês mais propensos a comportamentos de raiva do que os outros, ficam extremamente aflitos com a separação da figura materna na situação estranha e recusam-se a ser confortados quando a mãe retorna (AINSWORTH et al., 1978; BOWLBY, 1990). Esses padrões de apego são naturais, necessários, adaptativos e essenciais na natureza humana, sendo o principal dos vínculos, uma vez que favorecem o desenvolvimento da criança na direção de um adulto emocionalmente estável e cognitivamente competente (RODRIGUES, 1998; WEBER, 2004).

É no dia-a-dia com a criança, nas situações de cuidados rotineiros como a amamentação, o banho, o fazer dormir, e nos comportamentos de olhar para a criança, conversar com ela e sorrir, que vai havendo a possibilidade de formação de uma ligação emocional dos genitores/cuidadores com o bebê. Da mesma forma, aspectos como a atratividade do bebê, o temperamento, o gênero, vão facilitar ou dificultar essa ligação emocional (RUSSEL, 1997; KELLER; ZACH, 2002; DEMULDER et al., 2000; DESSEN; MELCHIORI, 2008). Kreppner (2003) destaca que essa relação vai se estabelecendo com certo ritmo de mutualidade, dentro de um clima emocional que vai se construindo. O conceito de clima emocional familiar, segundo esse autor, diz respeito a características que são, muitas vezes, associadas com aspectos globais e não verbais de troca afetiva familiar, uma vez que as famílias diferem na forma de expressar ou não o afeto, a comunicação sobre a emoção pode ser fácil ou difícil, pode haver um clima alegre e descontraído, ou pesado e triste, de auxílio mútuo ou de cada um por si, etc. Portanto, “os membros da família e o modo como eles se aproximam do novo membro constituem um contexto proximal e define o caráter da relação que provê a base essencial para as possibilidades de a criança explorar o mundo e construir seu significado” (KREPPNER, 2003, p. 194).

Kreppner (1992) destaca ainda que esse contexto proximal é único para cada filho e que cada um vai encontrar um contexto diferente, uma vez que, quando o segundo filho nasce,

já tem um irmão, os genitores já são mais experientes, e o próprio relacionamento conjugal pode estar em outro estágio. Um outro conceito enfatizado por esse autor, e que clarifica outro aspecto do papel da família como promotora do desenvolvimento infantil, é o conceito de modelo de funcionamento interno introduzido por Bowlby (1988, apud DESSEN; MELCHIORI, 2008) e Bowlby 1990. Esse conceito explica como a criança introjeta na mente, durante a infância, características centrais do funcionamento da sua personalidade ao longo de sua vida. Bowlby (1988, apud DESSEN; MELCHIORI, 2008) acrescenta que o modelo de funcionamento interno governa como a criança vai se sentir em relação ao pai, a mãe, e de como se sente em relação a si própria, além de apresentar expectativas em relação ao modo de cada um dos genitores interagir com ela e de como ela vai planejar o seu comportamento em relação a cada um deles.

Main, Kaplan e Cassidy (1985, apud KREPPNER, 1992) também trabalharam a idéia do modelo de funcionamento interno e enfatizam que ele inclui componentes emocionais e cognitivos, que são componentes integrais dos sistemas comportamentais. Esses autores afirmam que esse modelo é formado a partir de representações gerais dos eventos cotidianos vividos pela criança, e que ele tem uma existência fora da consciência, bem como uma propensão para a estabilidade. O modelo de funcionamento interno age como um guia para as relações futuras da criança e contribui para suas experiências futuras. A análise do contexto familiar pode ajudar o pesquisador a compreender por que algumas crianças enfrentam com facilidade situações estressantes e outras não (KREPPNER, 1992).

Como se pode verificar, os genitores são os principais responsáveis pelo auxílio na adaptação da criança no mundo. Preocupados com isso, Thomaz e cols. (2005) realizaram uma pesquisa que teve como objetivo analisar as primeiras relações afetivas entre mães de recém-nascidos a termo e pré-termo, em uma maternidade de Alagoas, verificando as diferenças na relação afetiva entre esses dois grupos de mães e a importância do contato físico

para a formação dessa primeira relação. Participaram desse estudo 28 díades mães-bebê, escolhidas de forma aleatória simples, sendo 18 mães de recém-nascidos a termo (RNT) e 10 de recém-nascidos pré-termo (RNPT). Os resultados apontaram que, em relação aos sentimentos quando da confirmação e aceitação da gravidez, da responsabilidade de ter um filho e da percepção dos primeiros movimentos fetais, não houve diferença entre as mães dos RNT e RNPT; porém as vivências relacionadas ao nascimento de seus filhos ocorreram de formas diferentes pelas mães de RNPT e de RNT, uma vez que “observou-se que a ligação afetiva das mães de bebês pré-termo estava permeada pelo ‘fantasma’ da morte, mesmo que de forma não explícita nos discursos” (p. 146). Em relação aos cuidados com os bebês, todas as mães apresentaram dificuldade e medo, sendo que as mães de RNPT apresentavam-se mais inseguras; contudo, o contato físico com os bebês foi importante para a ligação afetiva mãe-bebê. Todas as mães sentiram a necessidade de estarem próximas aos filhos.

Outro estudo que enfoca as relações afetivas como elemento indispensável à compreensão do desenvolvimento da criança foi elaborado por Mondin (2005), objetivando a análise das interações afetivas de crianças na família. Participaram 40 crianças de quatro a seis anos, matriculadas em uma instituição pré-escolar municipal, localizada no interior do Estado de São Paulo e suas mães. Verificou-se que grande parte dessas crianças apresentava um relacionamento conflituoso com os irmãos, baseado em ciúme e rivalidade, consequenciando em comportamentos agressivos dos genitores (bater) em seus filhos quando estes “faziam artes”. A autora destaca que “as conversas entre pais e filhos eram relacionadas com avisos e expectativas de bons comportamentos” (p. 136). Os comportamentos afetivos, como os elogios e os carinhos, dispensados aos filhos eram rápidos e formais, expressos por beijos de boa noite, despedida ou de boas-vindas quando eles se dirigiam para a escola ou voltavam para casa. As mães referiram que as regras existentes, nem sempre eram obedecidas, razão dos pais baterem recorrentemente nos filhos. Elas também relataram que, ao voltarem

do trabalho para casa, além de estarem cansadas, ainda tinham que realizar as tarefas domésticas, auxiliar nos deveres escolares e separar brigas dos filhos, não sobrando tempo para um relacionamento de qualidade (conversar, ouvir as queixas das crianças, ou, mesmo participar de seus momentos de alegria), e, nem aos domingos conseguiam estar disponíveis para os filhos. A autora pontua que houve indicadores relacionados ao fato de que “as mães desconheciam que a afetividade evolui, isto é, à medida que as crianças se desenvolvem cognitivamente, tornam-se mais exigentes em relação às necessidades afetivas” (p. 137). Ela acrescenta que a transmissão de afeto e amor, inclui as ações de abraçar ou beijar, como também conhecer, ouvir, conversar e admirar a criança pelos desempenhos.

Conforme mencionado no decorrer desta introdução, ainda existem lacunas na literatura nacional sobre pesquisas realizadas com famílias e que enfocam as concepções dos genitores quanto à importância do desenvolvimento infantil e das relações afetivas, estabelecidas entre eles e seus filhos. Tentando suprir parte dessas necessidades científicas, o presente estudo tem como objetivo caracterizar o sistema familiar e investigar as concepções dos genitores quanto ao desenvolvimento infantil e relações afetivas de famílias do interior de São Paulo, com crianças com um ano de idade e que frequentam creche.¹

Para se atingir esse objetivo foi buscada a Teoria Sistêmica que é um dos modelos que estuda o tema família. Segundo Minuchin (1988, apud Fonseca, 2008), a Teoria Sistêmica “propagou-se nas ciências devido à necessidade de um modelo que superasse o antigo paradigma de causalidade linear, vindo a contribuir para uma abordagem complexa e multifatorial dos fenômenos estudados” (p. 56).

O pensamento sistêmico começou a penetrar na área da Psicologia a partir da segunda metade do século XX (VALLE, 2000). Alguns princípios básicos dessa teoria são apontados por Dessen e Braz (2005): (a) o sistema é um todo organizado; (b) os padrões,

¹ O frequentar um ambiente coletivo foi uma exigência porque essa pesquisa é parte de uma maior, intitulada “Relações de apego de crianças de 0-2 anos em diferentes contextos de desenvolvimento: família e creche”, que vem sendo desenvolvido na Unesp, campus de Bauru.

em um sistema, são circulares e não lineares, ou seja, há influência mútua e bidirecionalidade entre os seus componentes; (c) o sistema vivo é aberto, isto é, estabelece troca com o ambiente externo que, por sua vez, provoca mudanças no sistema. Uma característica do sistema aberto é que ele possui mecanismo de reequilibração e formas homeostáticas para assegurarem a estabilidade dos padrões de funcionamento. Se houver uma perda desse equilíbrio, “pela interferência de estímulos internos ou externos, certas forças são ativadas para restabelecer, nesse contexto, o equilíbrio perdido” (VALLE, 2000); (d) os sistemas vivos são complexos, isto é, compostos por subsistemas interdependentes.

A partir desses princípios básicos da abordagem sistêmica, procurou-se caracterizar o sistema familiar e investigar as concepções dos genitores quanto ao desenvolvimento infantil e relações afetivas, estabelecidas com seus filhos de um ano de idade.

Os objetivos específicos foram:

- Caracterizar as famílias de crianças com um ano de idade, investigando como ocorrem as divisões das tarefas domésticas, cuidados dispensados às crianças, atividades de lazer e rede social de apoio, em famílias nucleares e extensivas:
 - Como é a divisão das tarefas em relação à criança e à casa?
 - Quais são as atividades de lazer?
 - Há problemas de saúde na famílias?
 - Quais eventos ocorreram?
 - Qual é a rede social de apoio que essas famílias contam?
- Investigar as concepções dos genitores em relação ao desenvolvimento infantil, a importância dos primeiros anos de vida nesse processo, fatores que interferem, o papel dos genitores e da criança nesse processo, as expectativas em relação ao futuro dos filhos e quais são os comportamentos reais e ideais dos genitores:

Quais as concepções dos genitores sobre o desenvolvimento infantil e a importância que eles dão aos primeiros anos de vida da crianças nesse processo?

Como os genitores percebem o desenvolvimento do seus filhos?

Quais as expectativas e comportamentos dos genitores em relação ao futuro dos filhos?

- Investigar as concepções dos genitores sobre as relações afetivas, a importância dos primeiros anos de vida nesse processo, a percepção dos genitores a respeito da relação afetiva com os filhos, os papéis de cada um, as expectativas em relação ao futuro das relações afetivas de seus filhos com outras pessoas e o que os genitores acreditam ter que fazer para que isso ocorra:

Quais as concepções dos genitores sobre relacionamento afetivo com seus filhos e a importância dos primeiros anos de vida da criança nesse processo?

Qual a percepção dos genitores a respeito das relações afetivas com seus filhos?

Quais as expectativas e comportamentos dos genitores em relação ao futuro das relações afetivas de seus filhos com outras pessoas?

MÉTODO

Nesta seção, encontra-se a descrição do processo de seleção dos participantes e alguns aspectos que caracterizam o sistema familiar. Descrevem-se, ainda, o procedimento para a coleta e análise dos dados e os instrumentos utilizados.

Seleção dos participantes e caracterização do sistema familiar

Seleção dos participantes

Participaram deste estudo oito casais com filhos pequenos. Os critérios de participação foram: a) a criança ter um ano de idade e frequentar uma creche pública; b) ter o pai e a mãe casados, legalmente ou não, mas morando juntos.

Inicialmente, entrou-se em contato com as diretoras de três escolas de educação infantil, de duas cidades do interior paulista. Foram explicados o objetivo da pesquisa e a necessidade de autorização das diretoras para que as estudantes de Psicologia² pudessem entrar em contato com os genitores das crianças de um ano de idade. Uma vez obtida a permissão, agendava-se, na própria escola, um horário com as mães/pais das crianças para poder explicar o objetivo da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados e apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1, p. 168). Como só as mães compareceram às escolas nos horários marcados; então elas levaram o Termo para casa e era solicitado que explicassem ao parceiro os objetivos e procedimentos da pesquisa. Uma vez

²Esses dados foram coletados por três alunas do curso de Psicologia da Unesp, campus de Bauru, no período de agosto de 2006 a agosto de 2007: Daiane Cristina Ladislau, Elisa Rachel Pisani Altafim e Heloisa Cristina de Oliveira Santos.

obtida a permissão para a participação na pesquisa, as entrevistas foram realizadas na casa dos participantes, em horário agendado por eles.

Caracterização do sistema familiar

No Quadro 1, encontram-se a especificação do gênero das crianças, a idade dos participantes do estudo, estado civil, escolaridade, ocupação e renda familiar. Pode-se verificar a idade individual de cada uma das oito crianças (M= 20 meses) e que cinco eram do sexo feminino e três do masculino. As mães tinham idade entre 19 e 40 anos (M= 28 anos e sete meses); e os pais idade entre 22 e 46 anos (M= 31 anos e oito meses), por ocasião da coleta de dados três pares eram legalmente casados.

Em relação à escolaridade, seis mães e cinco pais tinham o Ensino Médio Completo, ou estavam cursando o Nível Superior. Duas mães e dois pais haviam cursado o Ensino Fundamental Completo e um pai o Incompleto.

Todas as mães trabalhavam fora de suas residências, exercendo atividades remuneradas: três trabalhavam como vendedoras ou atendentes em comércio de frutas e legumes, em comércio de xérox ou como ambulante; duas, em serviços ligados a limpeza ou serviços domésticos em geral (em hospital e residência particular); duas, em serviços técnicos em geral e uma, como educadora infantil de uma creche beneficente. Sete pais exerciam trabalhos remunerados e um estava aposentado por problema de saúde. Dois trabalhavam como auxiliar de mecânico ou como mecânico; um, como analista de laboratório; outro, como armador de ferragem de construção civil; um, como vigilante; outro, como vendedor ambulante e um, como instrutor de auto-escola.

Em relação à renda familiar em salário mínimo, verifica-se que a maioria das famílias (cinco) recebia entre dois e três salários. A renda “per capita” ficou em torno de

menos da metade do SM vigente, em três famílias, e em torno de 75 a 95% para outras três.

Duas famílias apresentaram renda maior que o SM.

Quadro 1 – Idade, escolaridade, estado civil, ocupação e renda familiar (valores em salários mínimos)* dos participantes

Famílias	Sexo Criança	Idade		Estado Civil	Escolaridade*		Ocupação		Renda Familiar	
		Criança	Mãe		Mãe	Pai	Mãe	Pai	Em Salário Mínimo**	Per Capta
01	Masc.	2a.	23	Casados	E. M. C.	E. M. C.	Limpeza Hospitalar	Auxiliar de Mecânico	2 a 3 SM	296,60
02	Masc.	1a 8m	26	Casados	E. M. C.	E. M. C.	Doméstica	Analista de Laboratório	3 a 4 SM	400,00
03	Masc.	1a 7m	19	Coabitam	S. I.	E. M. C.	Educadora infantil	Mecânico	4 a 5 SM	500,00
04	Fem.	1a. 6m.	38	Casados	E. M. C	E. F. C.	Serviço Técnico Geral	Armador de Ferragens de Construção Civil	2 a 3 SM	160,00
05	Fem.	2a.	40	Coabitam	E. F. C.	E. F. I.	Vendedora Ambulante	Vendedor Ambulante	2 a 3 SM	160,00
06	Fem.	2a.	36	Coabitam	E. M. C.	E. F. C.	Serviço Técnico Geral	Aposentado por problemas de saúde	2 a 3 SM	166,66
07	Fem	1a 1m	22	Coabitam	E. M. C	S. I.	Atendente em Comércio de Xérox	Instrutor de Auto-Escola	2 a 3 SM	333,33
08	Fem	1a 6m	26	Coabitam	E. F. C.	E. M. C	Vendedora em comércio de frutas/legumes	Vigilante Noturno	4 SM	280,00

* E. F. I – Ensino Fundamental Incompleto; E. F. C – Ensino Fundamental Completo; E. M. C – Ensino Médio Completo; S. I – Superior Incompleto.

** Salário mínimo vigente na época era de R\$ 350,00.

Os dados apresentados no Quadro 2 referem-se à constelação familiar, condições de moradia e religião dos genitores. Pode-se verificar que três famílias moravam em residências alugadas, duas, em casa própria; outras duas moravam com os avós paternos da criança e uma, em casa cedida pela avó materna. Todas as casas estavam localizadas na periferia de duas cidades do interior paulista e eram de tijolos.

Havia quatro famílias nucleares compostas pela mãe, pai e filho(s) e quatro extensivas, havendo outros familiares que habitavam juntos: sobrinhos, avós e tios. Em sete famílias, ambos os genitores eram da mesma religião. Destas, quatro famílias pertenciam à religião católica (duas frequentavam semanalmente e duas, esporadicamente) e três eram evangélicas, frequentando semanalmente a igreja. Em uma família participante do estudo, o pai era da religião católica, a mãe era evangélica e ambos frequentavam a igreja mensalmente.

Quadro 2 – Constelação familiar, moradia e religião dos participantes

Família	Constelação Familiar		Tipo	Moradia		Religião	Frequência
	Nº Pessoas	Nº Crianças		Moradores	Situação		
01	3	1	Casa	Alugada	Periferia	Evangélico	Semanal
02	3	1	Casa	Alugada	Periferia	Católica	Semanal
03	3	1	Casa	Cedida pela avó materna	Periferia	M – Evangélico P – Católico	Mensal
04	5	3	Casa	Própria	Periferia	Católica	Esporádico
05	5	2	Casa	Alugada	Periferia	Católica	Semanal
06	6	1	Casa	Própria	Periferia	Evangélico	Semanal
07	5	1	Casa	Habitam na casa própria dos avós paternos	Periferia	Evangélico	Semanal
08	5	1	Casa	Habitam na casa própria do avó paterno	Periferia	Católica	Esporádica

M – mãe; P – pai; F – filho ou filhas; S – sobrinhos

Procedimento para a coleta e análise dos dados

A coleta de dados ocorreu na casa dos participantes e consistiu em: (a) aplicação do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar e (b) Entrevista sobre Valores e Práticas Parentais. Toda a coleta de dados durou de um a dois encontros, e foi realizada em períodos diurnos ou noturnos, geralmente nos finais de semana.

Para a análise dos dados, os participantes foram divididos em três grupos: Mães (M1, M2, M3, M4, M5, M6, M7 e M8), Pais (P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, e P8) e Crianças (C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7 e C8). As famílias foram identificadas por números, F1, F2, F3, F4, F5, F6, F7 e F8. A família um (F1) foi composta por M1, P1 e C1, e assim sucessivamente.

A seguir, são descritos cada um dos instrumentos utilizados – Questionário de Caracterização do Sistema Familiar e Roteiro de Entrevista sobre Valores e Práticas Parentais –, como se procedeu a sua aplicação, em quem ele foi ministrado e a forma de análise dos dados.

Questionário de Caracterização do Sistema Familiar: esse instrumento, adaptado de Dessen (2005), é composto por três partes: (a) características demográficas da família (ex: estado civil, idade, escolaridade, ocupação atual, renda familiar); (b) caracterização do sistema familiar (ex: cuidados dispensados aos filhos, atividades de lazer da família, divisão de tarefas domésticas); (c) características da rede social de apoio da família (ex: pessoas da rede social de apoio, tipo de apoio recebido), entre outros (Anexo 3, p. 170).

As perguntas eram lidas por uma das estudantes de Psicologia que registrava as respostas. A duração média da aplicação do questionário foi de 25 minutos. O Questionário de Caracterização do Sistema Familiar foi aplicado somente às mães.

Os dados foram analisados primeiramente olhando as respostas maternas, sem considerar se eram de famílias nucleares ou extensivas e, em seguida, esta variável foi considerada. Em seguida, eles foram tabulados e calculou-se a frequência absoluta, para cada item. Parte desses dados foram utilizados para caracterizar a amostra e os demais encontram-se descritos nos resultados, caracterizando o modo de vida familiar e a rede social de apoio de famílias nucleares e extensivas.

Roteiro de Entrevista sobre Valores e Práticas Parentais: esse roteiro de entrevista foi elaborado por Melchiori e Dessen (2005), e é composto por duas partes. Na primeira, encontram-se questões sobre o desenvolvimento infantil, incluindo sua definição, aspectos que o influenciam, os papéis de cada um (adultos/cuidadores e criança), a importância da fase de 0 a 2 anos para o desenvolvimento posterior, os valores e práticas parentais. A segunda parte refere-se às relações afetivas, incluindo sua definição, fatores que as influenciam, os papéis de cada um (adultos/cuidadores e criança), a importância dessas relações afetivas na fase de 0 a 2 anos, os valores e práticas parentais a respeito das relações afetivas dos filhos e como é a relação afetiva dos genitores com o(a) filho(a) (Anexo 4, p. 176).

A Entrevista sobre Valores e Práticas Parentais foi realizada individualmente, com cada um dos genitores. Após a aplicação junto à mãe, seu parceiro era chamado para se proceder a Entrevista, seguindo-se sempre esta ordem. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente transcritas, tendo duração de aproximadamente 15 minutos, totalizando 240 minutos, ou seja, 4 horas de gravação.

As verbalizações dos genitores durante as entrevistas foram submetidas a uma análise realizada em duas etapas:

Etapa 1 – Preparação do material para posterior análise

As verbalizações dos genitores, gravadas em áudio (fitas cassetes) durante as entrevistas, foram inicialmente indentificadas e digitalizadas, isto é, transformadas em arquivo de computador, para aperfeiçoar o processo de escuta e transcrição.

A transcrição foi realizada na íntegra e durou cerca de duas a três horas para cada entrevista, além de duas horas para a conferência de todas elas.

Etapa 2 – Análise de conteúdo das entrevistas com os genitores

As verbalizações dos genitores foram submetidas à técnica de Análise de Conteúdo (AC) proposta por Bardin (1977) e no modelo de análise utilizado por Dessen, Cerqueira-Silva e Dessen (2008 apud RAMOS, 2008), sendo que os seguintes passos foram seguidos: (a) Pré-análise - seleção e exploração do material: foi realizada uma leitura exaustiva da entrevista com cada mãe e cada pai; (b) Codificação - exploração do material: foram identificados os temas, escolhidos como unidades de análise, a partir das verbalizações dos genitores; (c) Categorização - agrupamento dos temas: foram selecionados e agrupados os temas semelhantes ou relacionados entre si, cada agrupamento resultou em uma categoria, obedecendo aos critérios de exclusão mútua, pertinência, objetividade e fidedignidade (SIGOLO; BIASOLI-ALVES, 1998). Para analisar a concepção dos genitores a respeito de desenvolvimento, utilizou-se o sistema de categorias descrito por Melchiori e Biasoli-Alves (2001) e Bugliani (2007). Para a análise dos dados obtidos na primeira e na segunda parte da Entrevista sobre Valores e Práticas Parentais, foi elaborado um sistema de categorias, o qual foi adaptado, principalmente, no sistema utilizado por Braz (2002) e Braz, Dessen e Silva (2005), elaborado com base nos conceitos de Tudge (1999, apud Braz, 2002 e Braz; Dessen; Silva, 2005). Foram inseridas novas categorias e excluídas outras. O sistema definitivo para análise dos dados dessa parte da entrevista encontra-se em anexo (Apêndice 1, p. 177).

Em seguida, calculou-se a frequência absoluta dos dados e construíram-se quadros, tabelas e figuras para facilitar a visualização dos dados. Algumas respostas foram extraídas diretamente das falas dos genitores, sem serem categorizadas, pois ofereciam a visão do conjunto.

Os dados das entrevistas foram analisados, comparando-se os dados obtidos das mães e dos pais, não os separando em famílias nucleares e extensivas, como era a intenção inicial, em função de sua extensão.

A seguir, encontram-se descritos os resultados obtidos. Este capítulo foi dividido em três partes: a primeira descreve o modo de vida familiar e a rede social de apoio; a segunda descreve as concepções dos genitores a respeito do desenvolvimento de seus filhos; e a terceira descreve as concepções dos genitores a respeito das relações afetivas genitores-criança.

RESULTADOS

Modo de vida familiar e rede social de apoio

Neste capítulo estão descritas as atividades que os familiares desempenham no cuidado com a criança, compartilhamento dos trabalhos domésticos, assim como as fontes de apoio da rede social, atividades de lazer, condições de saúde e eventos ocorridos nos últimos meses. Todos os resultados apresentados foram fornecidos pelas mães, através do “Questionário de Caracterização do Sistema Familiar” (Anexo 3, p. 170). Os dados são apresentados primeiro de modo geral, em função do que as mães relataram como sendo suas atribuições e as de seus familiares, seguido da divisão dessas atribuições nas famílias nucleares e extensivas.

Como é a divisão das tarefas?

Nesta seção procurou-se responder a três perguntas, duas relacionadas aos cuidados com a criança alvo desta pesquisa, e uma relacionada às tarefas domésticas rotineiras da casa.

Quem olha a criança quando ela não está na creche?

A Tabela 1 descreve a frequência absoluta das respostas maternas quanto às pessoas que cuidavam das crianças nos períodos em que elas não estavam na creche.

Tabela 1. Quem cuidava da criança.

	Mãe	Pai	Avós	Tia	Bisavó	Primos	Babá	Total
Frequência Absoluta	8	4	3	1	1	1	2	20

Segundo os relatos maternos, as crianças, quando não estavam na creche, eram “olhadas” principalmente pelas mães, seguida dos pais, avós, babás, bisavó, primos e tia. Seis crianças eram cuidadas exclusivamente na própria residência e duas também na residência do outro cuidador.

Na Figura 1 pode-se observar a frequência absoluta de pessoas das famílias nucleares e extensivas que “olhavam” as crianças quando elas não estavam na creche.

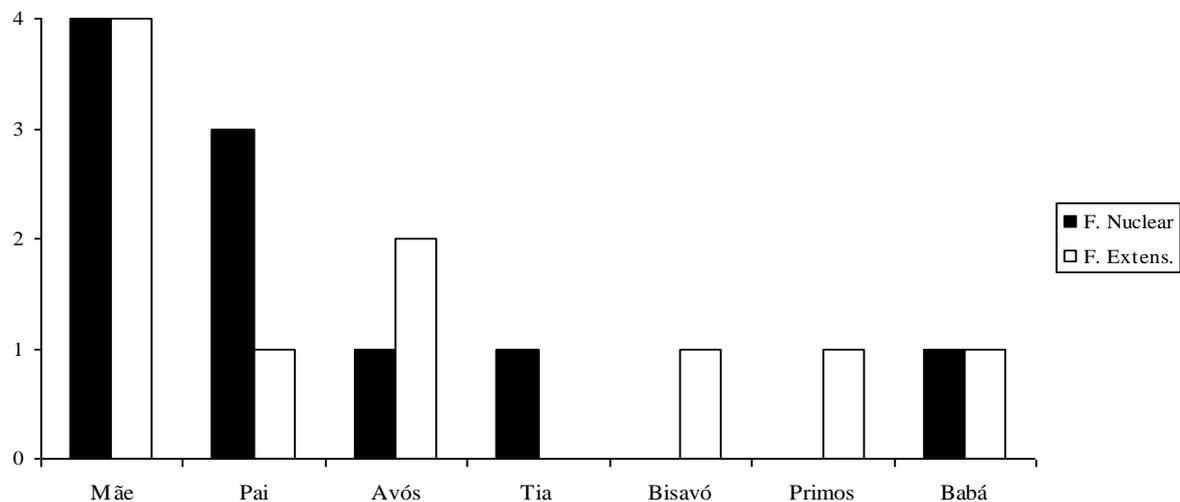


Figura 1. Pessoas das famílias nucleares e extensivas que olhavam a criança.

Em ambos os tipos de família, as mães eram as principais cuidadoras das crianças. Nas nucleares, os pais também olhavam as crianças em três das quatro famílias. Nas extensivas, os avós eram quem mais desempenhavam essa função, depois da mãe. Das quatro famílias extensivas, um pai também ajudava a olhar a criança.

Quem executa as tarefas de cuidado com a criança?³

Na Tabela 2, verifica-se a distribuição das tarefas realizadas pelos membros das famílias, em relação às crianças participantes deste estudo: a) **alimentação/dar banho nas crianças**, na maioria das famílias (cinco), era realizado por ambos os genitores; b) **colocar a criança para dormir** era realizado pelas mães em quatro famílias e por ambos os genitores em duas; c) em quatro famílias **levar a criança à escola** era função somente do pai e em duas, somente da mãe; d) **levar a criança às atividades de lazer**, ambos os genitores realizavam essa tarefa em três famílias, mas essa função foi a mais diversificada em termos de ser realizada por diferentes pessoas; e) **ler/contar histórias para as crianças**, em quatro famílias essa atividade não era realizada por nenhum membro; nas famílias que contavam histórias, essa tarefa era realizada pelos genitores, avós, tios, primos e bisavó.

³ Sempre que aparecerem os termos – *avós, tios e primos* – neste tópico do texto, eles serão utilizados no masculino, pois não foi especificado pelas mães a qual gênero estavam se referindo.

Tabela 2. Distribuição das tarefas de cuidado com as crianças.

	Tarefas	Mãe	Pai	M+P	Avó	M + A	M+A+ Pr+T+Bis	M+P+A	M+P+ A+T	Não Realizam
Em relação à criança	Alimentação/Banho		1	5	1	1				
	Colocar para dormir	4	1	2	1					
	Levar à escola	2	4	1		1				
	Levar às atividades de lazer	1	1	3			1	1	1	
	Ler/contar estórias		1	1	1		1			4

M – mães; P – pais; A – avós; Pr – primos; T – tios/as; Bis. – bisavó; Emp. – empregada.

Na Figura 2, encontra-se quem executa as tarefas de alimentar, dar banho e colocar a criança para dormir nas famílias nucleares e extensivas.

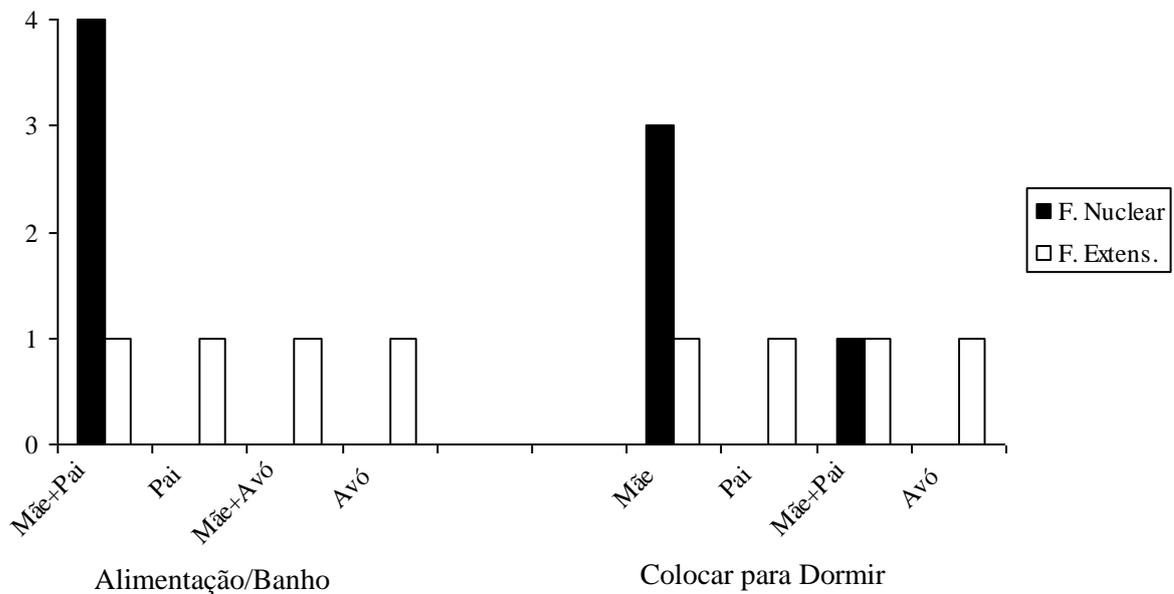


Figura 2. Cuidados de rotina dispensados às crianças em famílias nucleares e extensivas.

Verifica-se que, nos cuidados de rotina com a criança, a atividade de **alimentar/banhar** era principalmente compartilhada por ambos os genitores nas famílias nucleares. Já nas famílias extensivas, essa tarefa era desempenhada pela mãe, pai e avó, de forma individual e/ou conjunta. No item **fazer a criança dormir**, todas as mães das famílias nucleares executavam essa função, sendo que uma delas compartilhava essa atividade com o marido. Nas famílias extensivas, verificou-se também arranjos mais diversificados: a mãe sozinha ou com a ajuda do esposo, o pai sozinho ou a avó.

A Figura 3 apresenta as pessoas das famílias nucleares e extensivas que executavam as tarefas de levar a criança às atividades de lazer, à escola e de ler/contar histórias.

Nas famílias nucleares, verifica-se que **as atividades de lazer** eram compartilhadas pelo casal em duas famílias; em uma era executada só pela mãe e em outra era compartilhada pelos genitores, avó e tios. Em três famílias extensivas, os pais participavam dessa atividade, sendo que, em uma, ele era o único responsável; em outra, ele desempenhava essa atividade com a companheira e numa outra, ele compartilhava também com a parceira e a avó da criança. Além das participações já citadas, a mãe compartilhava essa tarefa com a avó, tios, primos e bisavó.

Em relação a **levar a criança à escola**, tanto na família nuclear como na extensiva, dois pais e uma mãe assumiam sozinhos esta responsabilidade. Na nuclear, ambos os genitores desempenhavam essa atividade em uma família e, em uma extensiva, mãe e avó compartilhavam essa tarefa. A função **de ler/contar histórias** não era realizada por duas famílias nucleares e duas extensivas. Em uma família nuclear, cabia ao pai ou ao avô esta função e, na extensiva, ambos os genitores a desempenhavam, ou era desempenhada por várias pessoas.

Quem realiza as tarefas domésticas?

Na Tabela 3, encontra-se a descrição das tarefas domésticas realizadas e quem as executava: a) a **limpeza da casa**, em todas as famílias, era realizada pelas mães, sendo que em cinco delas era realizada em conjunto, ora com o pai, com a avó, com a tia e/ou empregada doméstica; b) a tarefa de **cozinhar** era realizada exclusivamente por seis mães das oito famílias; em uma era realizada pela avó e em outra, o pai compartilhava essa atividade com a esposa; c) **lavar/passar roupa**, em cinco famílias, as mães eram as responsáveis, mas em duas elas dividiam a tarefa com o esposo, com a avó ou a tia da criança; d) em seis famílias, as mães eram as responsáveis por **comprar comida**, sendo que três delas

compartilhavam a tarefa com o parceiro e uma com a avó. Um pai realizava essa atividade sozinho; e) apenas duas famílias contavam com os serviços de uma empregada doméstica, e, nestas famílias, a responsabilidade de **orientar as tarefas** era da mãe e da tia.

Nas atividades relacionadas à casa, verifica-se, na Figura 4, quais os membros das famílias nucleares e extensivas que as realizavam.

Tabela 3. Divisão das tarefas domésticas.

	Tarefas	Mãe	Pai	M+P	Avó	M + A	Primos	M+P+A	M+P +A+T	Babá	M+T +Emp	M+T	Tia
Em relação à casa	Limpar a Casa	3		3		1					1		
	Cozinhar	6		1	1								
	Lavar/passar roupa	2		2	1	1				1		1	
	Comprar comida	2	1	3	1	1	1						
	Orientar a empregada nas tarefas domésticas	1											1

M – mães; P – pais; A – avós; T – tios/as; Bis. – bisavó; Emp. – empregada doméstica.

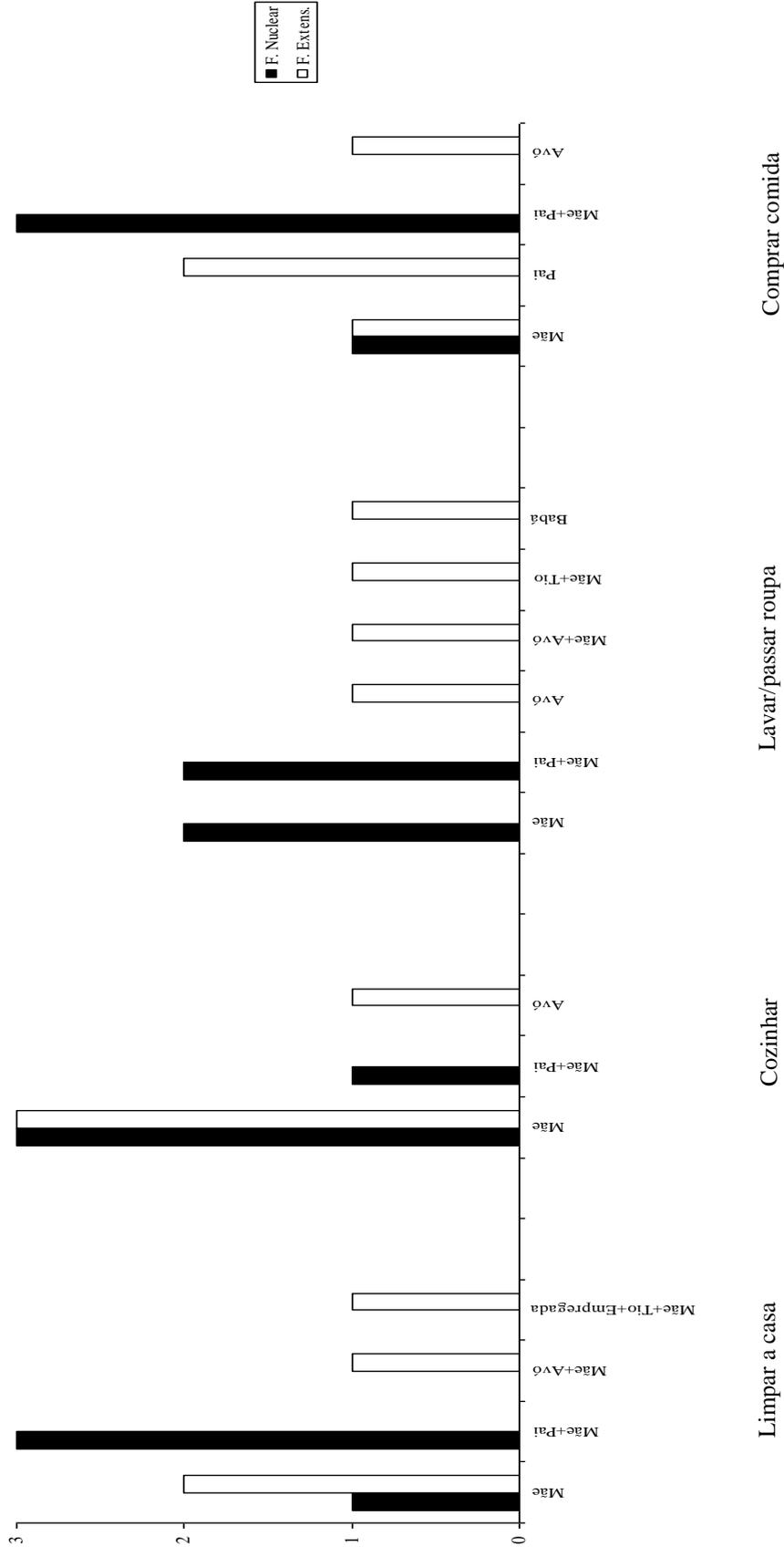


Figura 4. Cuidados referentes aos afazeres domésticos em famílias nucleares e extensivas.

Nas famílias nucleares, três mães compartilhavam a **limpeza da casa** com os esposos e uma o faz sozinha. Já nas extensivas, duas mães eram as únicas responsáveis por essa tarefa e duas compartilhavam com a avó, ou com o tio e a empregada. Na tarefa de **cozinhar**, destaca-se a participação das mães em ambos os tipos de família, sendo que, em uma nuclear, o pai a auxiliava e, na extensiva, a avó executava essa atividade sozinha.

Em relação aos **cuidados com as roupas**; em duas famílias nucleares, essa tarefa era responsabilidade somente das mães e, em outras duas, elas a compartilhavam com os esposos. Nas extensivas, não foi relatada a participação do marido, somente das mães, avó, tio e babá. Nas famílias nucleares, **comprar comida**, em geral, era assumida por ambos os genitores. Já nas extensivas, verifica-se que dois pais executavam essa atividade sozinhos, e uma mãe e uma avó também o faziam.

As atividades de lazer

Nesta seção se descrevem quais são as atividades de lazer realizadas pelas famílias dentro e fora de casa.

Quais são as atividades de lazer realizadas pelas famílias em casa e em outros lugares?

Segundo as mães, as principais atividades de lazer que eram realizadas em casa pelas famílias foram assistir tv/dvd e brincar com a criança. Fora de casa, foi conversar/visitar parentes e amigos, passear em praça/bosque, ir a clubes/centros comunitários. A Tabela 4 apresenta esses dados.

Tabela 4. Atividades de lazer realizadas em casa e fora de casa pelas famílias.

Em casa	f	Fora de casa	f
Assistir tv/dvd	6	Visitar/conversar parentes/amigos	7
		Praças/bosques	5
Brincar com a criança (bola, dança)	3	Clubes/Centros comunitários	2
		Feira/supermercado	1
Jogar vídeo-game	1	Zoológico	1
		Trabalho da mãe	1
Utilizar computador	1	Cidade vizinha	1
		igreja	1
Ouvir música	1	Calçadão	1

Na Figura 5, podem-se observar as atividades de lazer que eram realizadas em casa e fora dela, pelas famílias nucleares e extensivas. As famílias nucleares desenvolviam atividades mais diversificadas que julgavam ser de lazer, tanto em casa como em outros lugares, e as principais eram visitar parentes e amigos, ir a praças e bosques, ir ao clube/centro comunitário ou ver tv/dvd. A principal atividade das famílias extensivas foi ver tv/dvd, seguida da visita a parentes/amigos, ir a praças e bosques e brincar com o(s) filho(s).

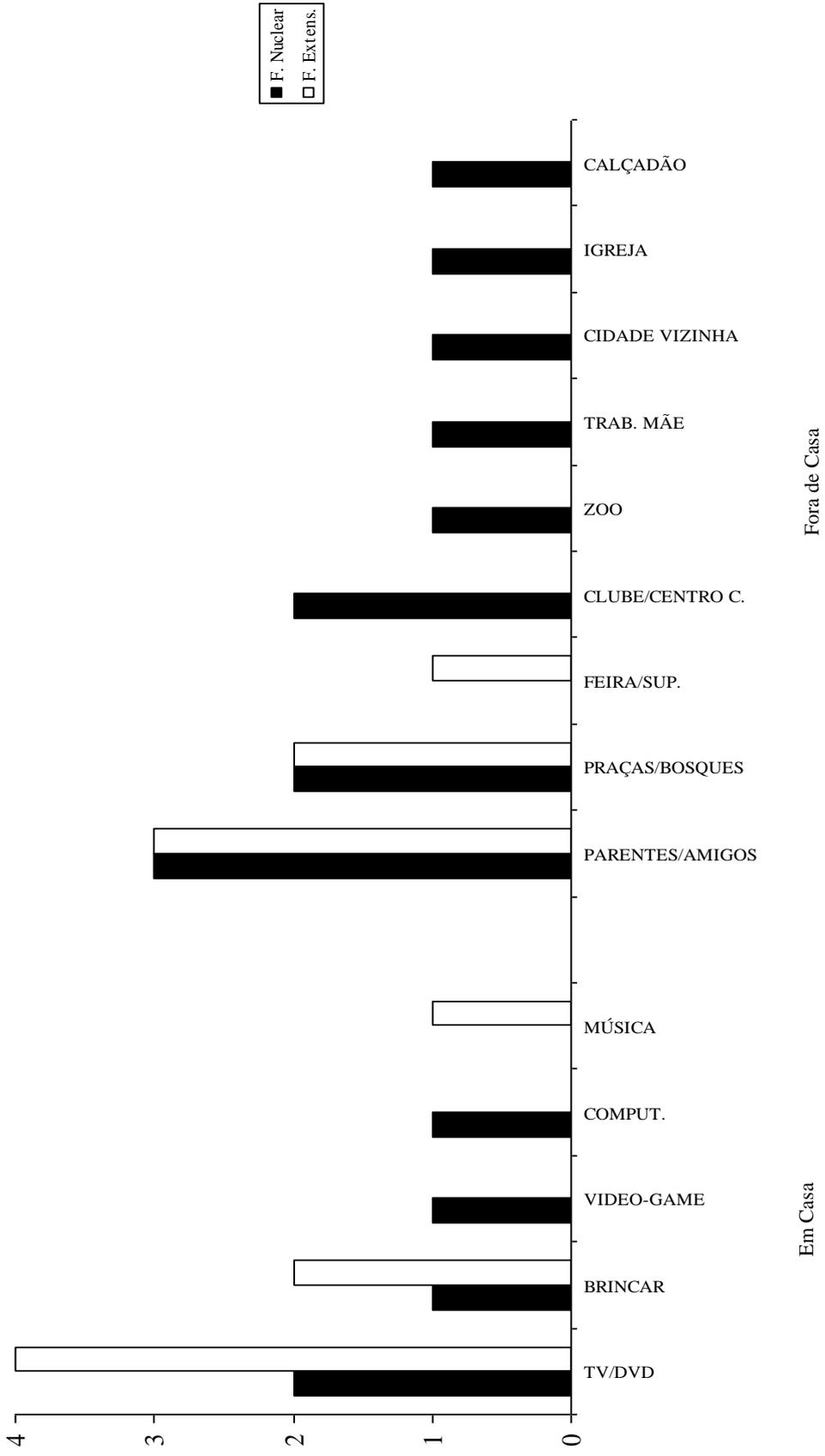


Figura 5. Atividades de lazer realizadas em casa e fora dela, pelas famílias nucleares e extensivas.

Saúde e Eventos Ocorridos na Família

Nesta seção se descrevem os problemas de saúde na família, relatados pelas mães, e se houve algum evento importante, ocorrido nos últimos seis meses.

Na Tabela 5, pode-se verificar a ocorrência de problemas de saúde. Mesmo em famílias nucleares houve relatos de problemas de saúde também ocorridos com membros da família extensiva.

Tabela 5. Problemas de saúde dos membros familiares.

Membros Familiares	Doenças	F
Criança	Alergia	2
	Respiratório	1
Mãe	Alergia	1
	Respiratório	1
Pai	Renal	2
	Respiratório	1
Avós	Renal	1
	Auditivo	1
	Câncer	1
	Cardiovascular	1
	Diabete	1
	Ósteo-muscular	1
	Respiratório	1
Tios/as	Alergia	1
	Câncer	1
	Cardiovascular	1
	Respiratório	1

Em relação às doenças, duas crianças apresentaram problemas alérgicos e uma, respiratório. Uma mãe apresentou problema respiratório e alérgico; dois pais, problemas renais⁴ e um, respiratório. Os avós apresentaram vários problemas de saúde: renal, cardiovascular, respiratório, auditivo, ósteo-muscular, diabete e câncer. Em uma família, os tios apresentaram tanto problemas cardiovasculares como respiratórios; em outra, eles tinham problemas alérgicos e uma tia tinha câncer.

Na tabela a seguir verifica-se a frequência absoluta das doenças relatadas pelas mães das famílias nucleares e extensivas (Tabela 6).

⁴Esse problema de saúde foi a causa da aposentadoria por invalidez de um dos pais.

Tabela 6. Doenças ocorridas nos membros das famílias nucleares e extensivas.

	Alergia	Respiratória	Renal	Auditiva	Câncer	Cardiovascular	Diabete	Ósteo-muscular
FAMÍLIAS NUCLEARES	2	3	3	0	0	2	0	1
FAMÍLIAS EXTENSIVAS	2	2	0	1	2	0	1	0
TOTAL	4	5	3	1	2	2	1	1

Pode-se verificar, na Tabela 6, que as doenças relatadas pelas mães das famílias nucleares foram: alergia, respiratória, renal, cardiovascular e ósteo-muscular, enquanto nas famílias extensivas foram: alergia, respiratória, auditiva, câncer e diabete. Apenas as doenças alérgicas e respiratórias foram relatadas pelas duas famílias.

Das oito mães entrevistadas, não houve relatos de utilização de substâncias como cigarro, álcool e drogas entre os casais. Entretanto, em três famílias, os avós faziam uso de cigarro e/ou álcool e em uma os tios também.

As mães relataram vários eventos importantes ocorridos nos últimos seis meses no âmbito familiar. Nas famílias nucleares foi relatado que uma mãe começou a trabalhar fora de casa e um tio faleceu; e, nas famílias extensivas, uma mãe começou a trabalhar fora de casa, uma filha e um tio foram hospitalizados e uma prima da criança, que residia com a família, engravidou.

A rede social de apoio

Nesta seção, procurou-se descrever com quem as mães podem contar quando precisam de ajuda e qual o tipo de auxílio recebido por elas, dentro e fora de casa.

Qual a rede social de apoio que a mãe pode contar e qual o tipo de auxílio recebido?

Na Tabela 7 podem-se observar as respostas das mães sobre com quem, nos ambientes familiar ou extra-familiar, elas podiam contar em caso de necessidade e os tipos de apoio oferecidos.

Tabela 7. Rede social de apoio familiar e extra familiar e o tipo de apoio recebido.

Familiar	f	Tipo de apoio	f
Tia	6	Ajudar a cuidar das crianças	3
		Apoio afetivo	1
		Levar e buscar na creche	1
		Levar ao médico	1
Avó	6	Levar e buscar na creche	3
		Apoio afetivo	2
		Financeiro	3
		Ajudar a cuidar das crianças	2
Avô	1	Apoio afetivo	1
Bisavó	1	Ajudar a cuidar das crianças	1
Tio	1	Levar ao médico de carro	1
Extra-Familiar	f	Tipo de apoio	f
Vizinha/o	3	Ajudar a cuidar das crianças	2
		Buscar na creche	1
		Levar ao médico de carro	1
Amigos	2	Apoio afetivo	2

Em relação à família, as pessoas mais procuradas pelas mães em busca de apoio foram as tias e as avós. O apoio recebido dessas pessoas em relação às crianças era o de cuidar, levar e buscar na escola e/ou médico. E, em relação às mães, se traduzia em ajuda financeira e apoio afetivo.

Sobre a rede de apoio extra-familiar, três mães relataram receber apoio dos vizinhos para cuidar das crianças, quando elas precisavam, e para levar a criança à creche e/ou ao médico. Duas mães referiram receber apoio afetivo de amigos.

Na Figura 6, verifica-se que, conforme os relatos maternos, todas as famílias nucleares contavam, principalmente, com o apoio das figuras femininas: tias e avós. Nas famílias extensivas, também se verifica o forte apoio feminino, mas ele é um pouco mais diversificado: tias, avós e bisavó. A rede social de apoio extra-familiar destacada, nas famílias nucleares, é formada pelos amigos e vizinhos; nas famílias extensivas foram citados apenas os vizinhos.

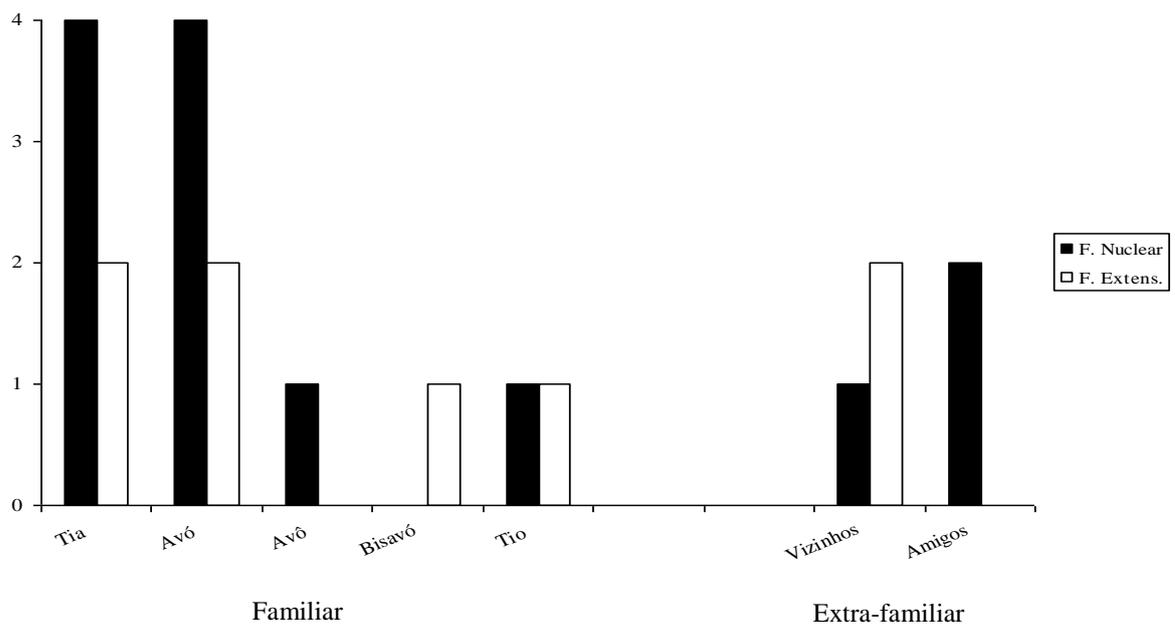


Figura 6. Rede de apoio familiar e extra-familiar relatados pelas mães das famílias nucleares e extensivas

Os tipos de apoio relatados pelas mães das famílias nucleares e extensivas, em relação à rede familiar e extra-familiar, podem ser observados na Figura 7.

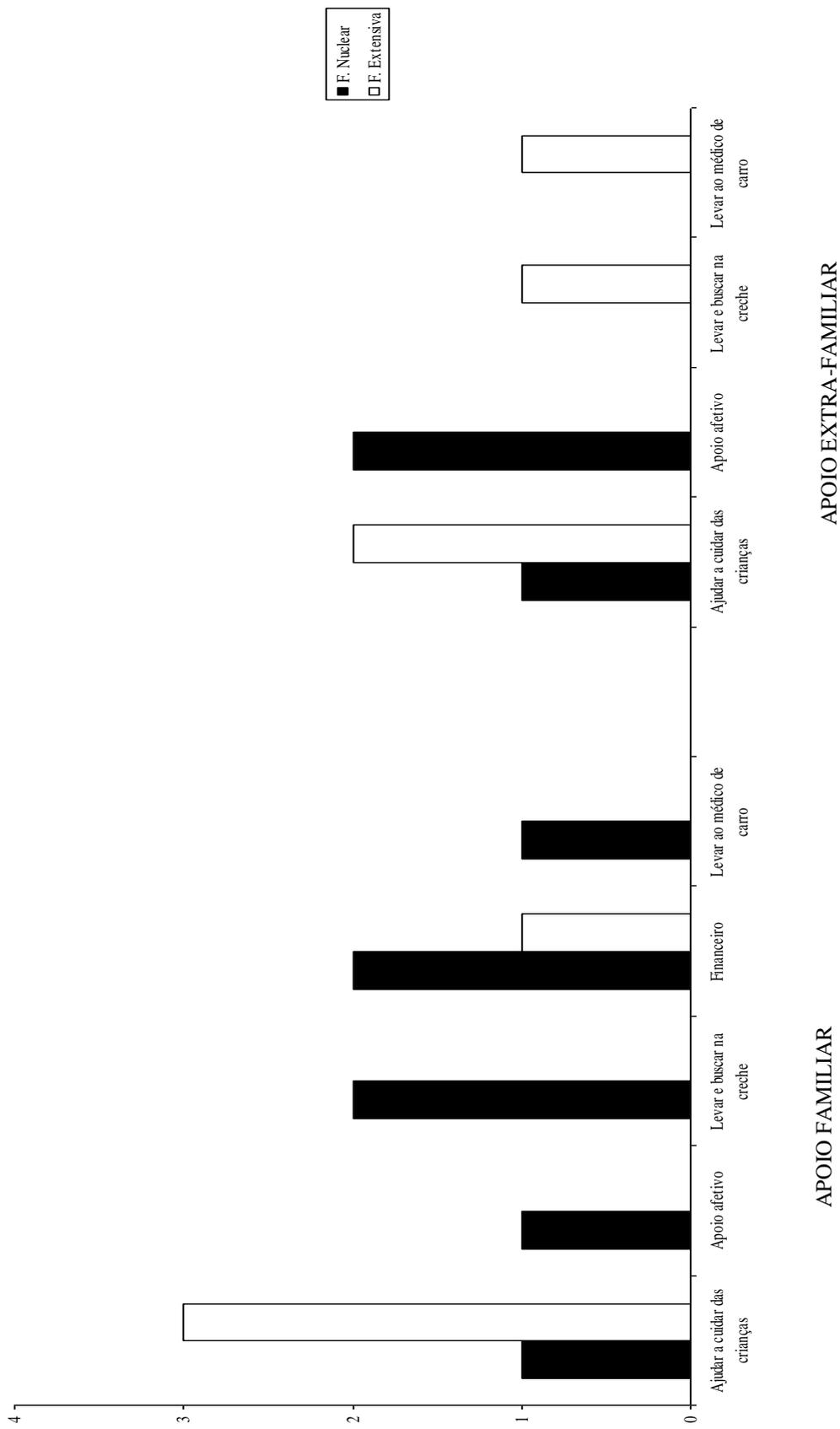


Figura 7. Tipos de apoios das redes familiar e extra-familiar recebidos pelas mães das famílias nucleares e extensivas.

Na figura 7, verifica-se que os tipos de apoio relatados pelas mães das famílias nucleares e extensivas, em relação à rede familiar e extra-familiar, eram praticamente os mesmos, com destaque para a *ajuda no cuidado com as crianças* e o *financeiro*. A ajuda nos cuidados com a criança era oferecido pela rede de apoio familiar e extra-familiar, e a ajuda financeira apenas pelos familiares.

O tipo de apoio específico que cada família recebia pode ser observado no Quadro 3.

Quadro 3. Tipos de apoio familiar e extra-familiar que cada família recebe, segundo informações maternas.

Apoio/Familiar	FAMÍLIAS NUCLEARES				FAMÍLIAS EXTENSIVAS			
	01	02	03	04	05	06	07	08
Ajudar a cuidar das crianças				X		X	X	X
Apoio afetivo	X							
Levar e buscar na creche	X		X					
Financeiro	X		X				X	
Levar ao médico		X						
Apoio/Extra-Familiar								
Ajudar a cuidar das crianças		X			X	X		
Buscar na creche					X			
Levar ao médico					X			
Apoio afetivo	X		X					

Em relação ao tipo de apoio recebido, pode-se verificar que a família 5 (extensiva) é a única que não relatou receber alguma ajuda dos familiares; no entanto, é a que recebeu uma maior diversidade de ajuda extra-familiar. As famílias 4 (nuclear), 7 e 8 (extensivas) só receberam apoio dos parentes. A família 1 é a que recebeu apoio mais diversificado dos parentes.

O apoio afetivo foi citado por apenas duas famílias e é encontrado no ambiente familiar e extra-familiar (família 1), ou só extra-familiar (família 3).

Resumindo os dados a respeito do modo de vida familiar

Com relação às pessoas que cuidavam das crianças nos períodos em que elas não estavam na creche, pode-se verificar que, além dos cuidados maternos, as crianças recebiam principalmente os cuidados dos pais, dos avós e das babás, sendo que, nas famílias nucleares, eram os pais quem mais se destacavam como o 2º cuidador mais frequente e, nas extensivas, as avós.

Nos cuidados relacionados às crianças, no geral, ambos os genitores se responsabilizavam por eles, sendo que colocar a criança para dormir cabia mais às mães e levar à escola, aos pais. Em metade das famílias, a atividade de ler e contar histórias para as crianças, não era realizada. Nas famílias nucleares, verificou-se que as atividades alimentação/banho e levar as crianças às atividades de lazer eram as mais compartilhadas entre os genitores, enquanto que colocar a criança para dormir cabia mais às mães e levar à escola, aos pais. Nas famílias extensivas, apenas na função de levar as crianças à escola verificou-se uma maior participação dos pais por executá-la; as demais atividades normalmente eram compartilhadas pelos genitores e/ou com outros membros da família.

Os cuidados com a casa, geralmente, cabiam às mães, mas a limpeza, o lavar e passar roupas e o comprar comida, algumas vezes, eram compartilhados com os parceiros. As mães das famílias nucleares, quando compartilhavam alguma atividade, era exclusivamente com o marido, enquanto que as das famílias extensivas recebiam auxílio das avós, dos tios, da babá e da empregada doméstica.

Em relação às atividades de lazer realizadas em casa, predominou para todas as famílias o assistir tv/dvd, e, nas realizadas fora de casa, visitar/conversar com parentes e amigos.

Os problemas de saúde dos membros familiares mais relatados pelas mães foram os respiratórios, renais e alérgicos, sendo que, nas famílias nucleares e nas extensivas, foram os alérgicos, respiratórios e o câncer. Quanto aos eventos importantes ocorridos nos últimos seis meses, foram o ter arrumado emprego (uma mãe da família nuclear e outra da extensiva) e os problemas de saúde, vindo um tio a óbito e a gravidez de um membro da família extensiva.

As pessoas da rede social de apoio familiar mais destacadas pelas mães foram as tias e as avós, tanto nas famílias nucleares como nas extensivas. A rede de apoio das famílias nucleares foram os vizinhos e amigos, e das extensivas, os vizinhos. No geral, o tipo de apoio mais relatado pelas mães das famílias nucleares foi diversificado, com destaque para a ajuda de levar/buscar a criança na creche e ajuda financeira, por parte do grupo familiar, e o apoio afetivo, por parte da rede social extra-familiar. Nas famílias extensivas, o destaque foi em relação à ajuda no cuidado das crianças, tanto na rede social de apoio familiar como extra-familiar. A seguir descrevem-se os resultados obtidos com os genitores a respeito de desenvolvimento infantil.

Desenvolvimento infantil: a visão dos genitores

Neste capítulo estão descritas as concepções dos genitores sobre o desenvolvimento infantil, incluindo definição, aspectos que o influenciam, a importância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento posterior da criança, os valores parentais e os papéis de cada um (genitores e criança).

Concepções dos genitores sobre desenvolvimento infantil e a importância dos primeiros anos de vida nesse processo

Nesta seção, procurou-se responder a quatro perguntas: Qual a crença a respeito do desenvolvimento infantil que predomina nesses genitores? Há diferenças ou convergências em função do gênero? Os casais divergem ou convergem em relação a seu sistema de crenças? Os genitores acham que os dois primeiros anos de vida da criança são importantes para seu desenvolvimento posterior?

Qual a crença a respeito do desenvolvimento infantil que predomina nesses genitores? Há diferenças ou convergências em função do gênero?

Na Figura 8 pode-se observar as concepções das mães e dos pais sobre o desenvolvimento infantil. As respostas foram categorizadas em **Inatista**, **Ambientalista**, **Interacionista** e **Outras** (MELCHIORI; BIASOLI-ALVES, 2001; BUBLIANI, 2007). As categorias encontram-se no Apêndice 1, p. 177.

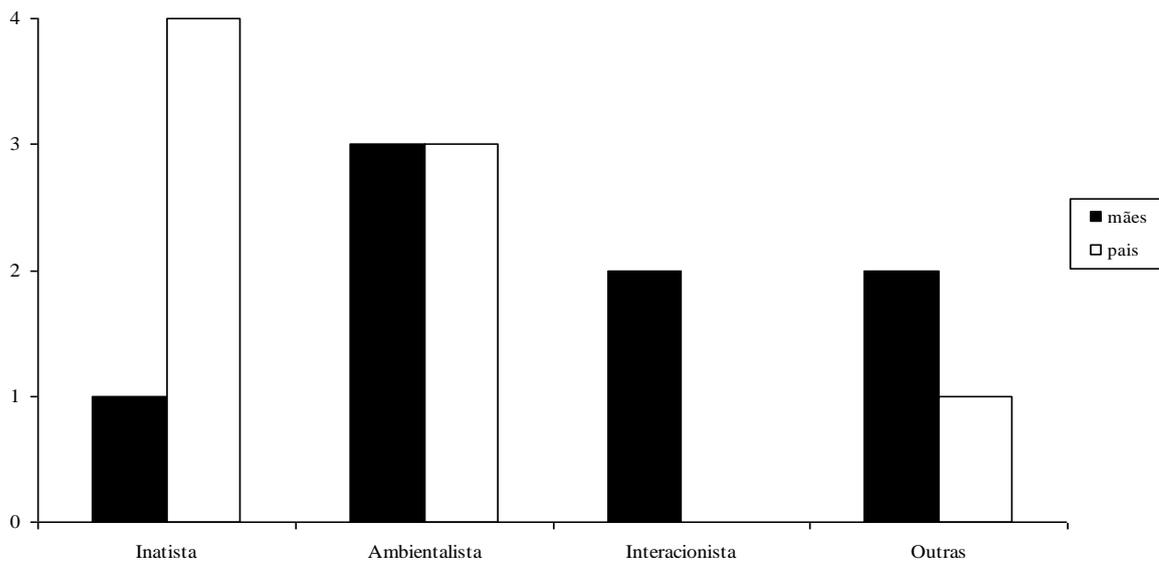


Figura 8. Concepções dos genitores sobre desenvolvimento infantil.

A concepção **Inatista** prevalece para os pais (P1: “*Ah, eu acho que o desenvolvimento infantil hoje em dia, as crianças tão nascendo muito esperta né. Não é igual antigamente que as pessoas nasciam, as crianças, as crianças nasciam era parada, aí as criança, nasce tudo agitada tudo, qué tudo do jeito deles. Assim acho que cada dia que passa as coisas vão mudando né, eles vão ficando mais espertos, mais inteligentes, mais...*”). Segue-se a ela a concepção **Ambientalista**.

Nas respostas maternas verifica-se a prevalência da concepção **Ambientalista** (M6: “*Ah, eu acho que o desenvolvimento, na minha opinião é uma boa educação, um bom estudo. É, esse eu acho que é o básico, né, uma boa educação, carinho, pro desenvolvimento dela, né, porque se não tiver isso, como que ela vai se desenvolver, se caminhar, né*”).

Verificam-se somente respostas maternas na concepção **Interacionista** (M7: “*Ah, é como que ela tá evoluindo, eu creio que o desenvolvimento seja a evolução dela tanto no crescimento como aprendizado*”), enfatizando tanto os fatores internos quanto os externos.

Os casais divergem ou convergem em relação a seu sistema de crenças?

Na Quadro 4, pode-se verificar os casais em que as crenças sobre o desenvolvimento se assemelham ou diferem.

Quadro 4. Casais em que as crenças sobre o desenvolvimento se assemelham ou diferem.

	M e P	M	P
Inatista	M 1 – P 1		P 5; P 6; P 7;
Ambientalista	M 2 – P 2	M 5; M 6	P 3; P 8
Interacionista		M 4; M 7	
Outra		M 3; M 8	P 4

Nas famílias 1 e 2, as crenças dos genitores a respeito do desenvolvimento infantil são semelhantes. Para os genitores da primeira família as crianças já nascem com características específicas e essas características permanecem ao longo da vida. Os genitores da segunda família consideram os fatores ambientais como sendo os principais determinantes do desenvolvimento infantil. Pode-se verificar também que, para a maioria dos casais (seis), as crenças são divergentes.

Qual a importância que os genitores dão à fase de 0 a 2 anos de vida da criança em relação ao seu desenvolvimento posterior?

Investigou-se, junto aos genitores, se a fase dos dois primeiros anos de vida da criança exerce influência no seu desenvolvimento posterior. Foram obtidas 20 respostas, sendo 11 das

mães e 9 dos pais, que foram classificadas em três categorias gerais: a) **Importante**; b) **Neutra**; c) **Não respondeu** (Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice 6, p. 191. A Tabela 8 apresenta a frequência absoluta de suas respostas dentro de cada categoria, em função do gênero (mães e pais).

Tabela 8. Como os genitores julgam a fase de 0 a 2 anos para o desenvolvimento posterior da criança

	IMPORTANTE	NEUTRA	NÃO RESPONDEU
MÃES	10	0	1
PAIS	7	2	0
TOTAL	17	2	1

Na Tabela 8, verifica-se que 10 mães e sete pais julgam a fase de 0 a 2 anos como **Importante**: “...é a fase de aprendizagem, essa fase de 0 a 2 anos, na minha opinião, é uma das fases melhor que tem para a criança aprender uma fase que ela aprende o que que é certo o que que é errado, ela aprende o que que é bom e o que que é ruim” (P7).

Na categoria **Neutra**, verificam-se as respostas de dois pais: “...Eu acho que mais pra frente tem uma fase mais importante, depois que ele tiver uns cinco anos, assim, quando ele tiver uns quinze, uns dez anos, ele vai lembrar daquela fase, agora da fase de dois anos ele não vai lembrar tanto, os dois anos pra ele é só o início, né” (P3). Uma mãe não soube responder a essa questão.

A categoria que considera a fase de 0 a 2 anos como sendo **Importante** para o desenvolvimento futuro foi dividida em subcategorias: a) **Aprendizagem/desenvolvimento**; b) **Auto-conhecimento**; c) **Base afetiva**; e) **Geral** (Ver Apêndice 1, p. 177). Na Figura 9 podem ser verificadas essas subcategorias e as respostas maternas e paternas. Podem verificar

também as respostas neutras ou as julgadas como não respondendo à questão, para ambos os gêneros.

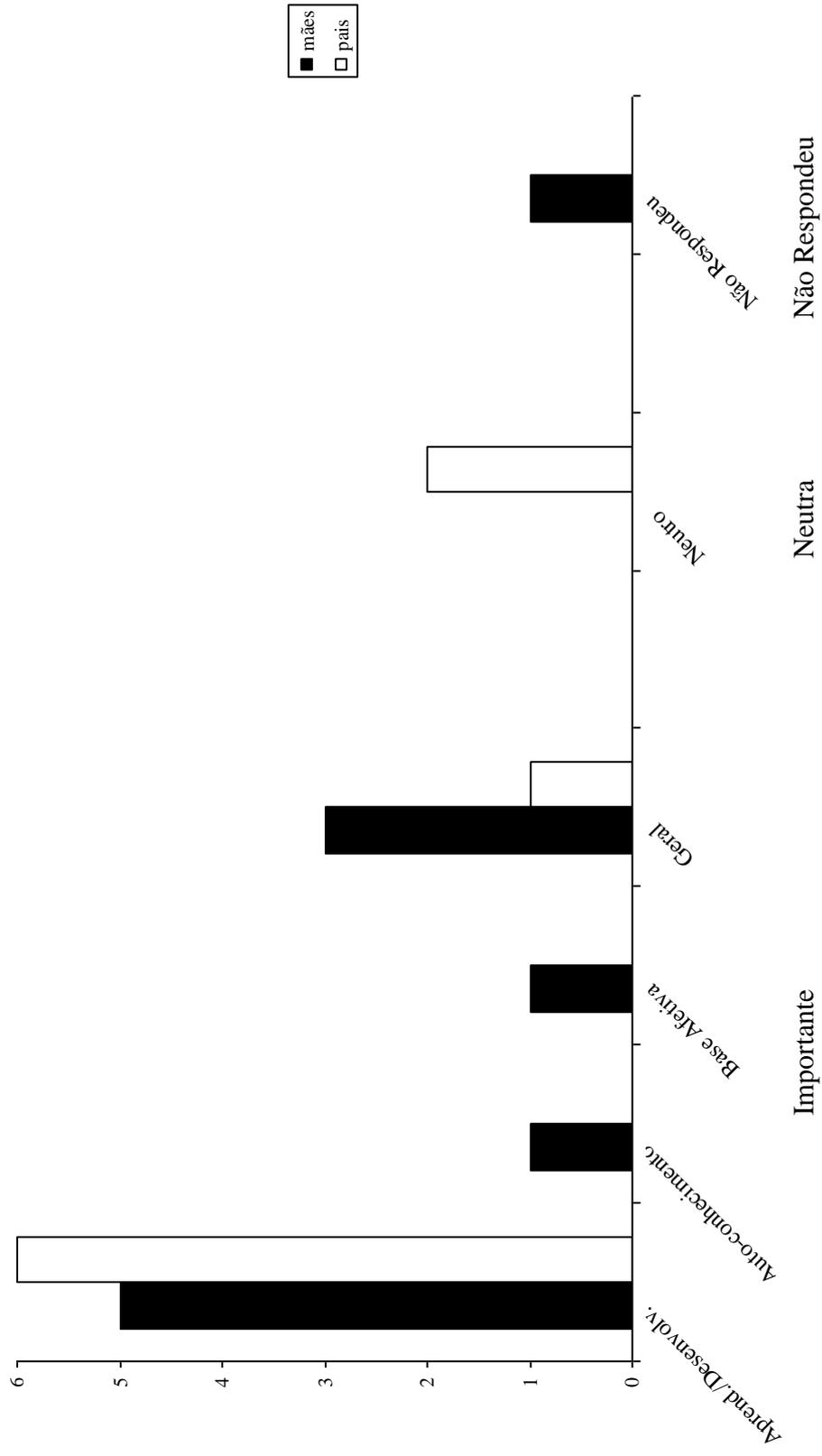


Figura 9 – Respostas dos genitores a respeito da importância ou não da fase de 0 a 2 anos, para o desenvolvimento infantil.

A subcategoria mais frequente para ambos os genitores foi a que enfatiza a **Aprendizagem/desenvolvimento** (P 2: “*Essa fase, que nem eu tava dizendo, que ele tá, é uma fase que aprende, que pega muito bem as coisas, que aprende bem, então, no dia de amanhã, ele crescer, saber corretamente viver o dia-a-dia assim...*”).

As respostas de três mães e um pai foram categorizadas como **Geral**, uma vez que o conteúdo delas não cabia nas subcategorias citadas e também não possibilitava a criação de novas subcategorias (M8: “*Muito importante.*”; P7: “*Eu acho que essa fase é uma das fases mais importantes na criança, uma fase até mesmo psicológica dela*”).

Nas subcategorias **Auto-conhecimento** (M1: “*...é nessa fase que eles tão se descobrindo.*”) e **Base afetiva** (M5: “*...ela tem que se sentir protegida, amada, ela tem que sentir que a mãe é muito importante, o pai também, que são as pessoas com quem ela pode contar. Ela tem que aprender, né, e perceber que a gente é tudo na vida dela, pra ela se sentir segura, isso que é importante, se sentir segura, ver que a gente ama e faz tudo por ela, pra poder, né, se sentir firme.*”) verifica-se apenas a ocorrência de respostas maternas, tendo uma resposta para cada subcategoria.

Dois pais mantiveram-se neutros em suas respostas, por isso foi estabelecida a categoria **Neutra** (P1: “*Oh, essa fase agora, assim, ele tá na creche né, tipo não tem um... ainda um parecer né, de assim, o que que vai ser do futuro dele. Mas essa fase na creche é excelente, não tem problema algum*”). Uma mãe **Não soube responder** essa questão.

Como os genitores percebem o desenvolvimento dos seus filhos?

Nesta seção são descritos quais os fatores que os genitores consideram influenciar no desenvolvimento de seus filhos, incluindo os ambientes e pessoas que eles destacam como sendo facilitadores ou prejudiciais a esse desenvolvimento. Descrevem-se também como os

genitores percebem seu próprio papel nesse processo e qual a função/papel das crianças em relação ao seu próprio desenvolvimento.

O que os genitores consideram que influencia/interfere no desenvolvimento de seus filhos?

A Tabela 9 apresenta as respostas dos genitores sobre o que eles julgam que influenciam no desenvolvimento de suas crianças. Foram obtidas 21 respostas das mães e 18 respostas dos pais, que foram classificadas em quatro categorias gerais, referentes à ênfase nos aspectos do **Relacionamento familiar**, **Aspectos educativos**, **Aspectos afetivos**, ou das **Características dos genitores**. As respostas que não se encaixaram em nenhuma das categorias anteriores foram julgadas como não sendo respostas à questão e estão alocadas na categoria **Não respondeu** (Ver Apêndice 1, p. 177). Na Tabela 9 encontram-se as frequências de respostas maternas e paternas em cada uma dessas categorias gerais. As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice3, p. 185.

Tabela 9. O que os genitores acham que influenciam no desenvolvimento de seus filhos.

	RELACIONAMENTO FAMILIAR	ASPECTOS EDUCATIVOS	ASPECTOS AFETIVOS	CARACTERÍSTICAS DOS GENITORES
MÃES	11	6	3	1
PAIS	10	5	2	1
TOTAL	21	11	5	2

A categoria de resposta mais enfatizada por ambos os genitores foi o **Relacionamento familiar**: (M3: “Ah, a convivência [dos genitores] com ele [criança]...”; P3: “Então, tendo

um tempo pra ficar junto com ele, a gente procura se dedicar, né, fazer o máximo, brincar um pouco. Ai, final de semana se divertir com ele”).

A categoria **Aspectos educativos** foi a segunda mais destacada pelas mães e pais: (P7: *“...tudo o que é certo você ensinar que é certo, tudo o que é errado você ensinar que é errado, o ensinamento”*).

Foram definidas subcategorias para as categorias gerais que enfatizam o **Relacionamento familiar**, os **Aspectos educativos**, os **Aspectos afetivos**, assim como as **Características dos genitores**. Algumas contendo aspectos positivos e negativos⁵ e outras, só os positivos (ver Apêndice 1, p. 177). A Figura 10 apresenta esses dados.

⁵ As respostas foram categorizadas como sendo positivas ou negativas em função do julgamento dos próprios participantes. Por exemplo, a fala *“...e ela é pequenininha ainda, mas eu já deixo ela de castigo nu, nu bercinho”*(M7) foi classificada como sendo positiva, porque essa é a forma da mãe julgar seu comportamento.

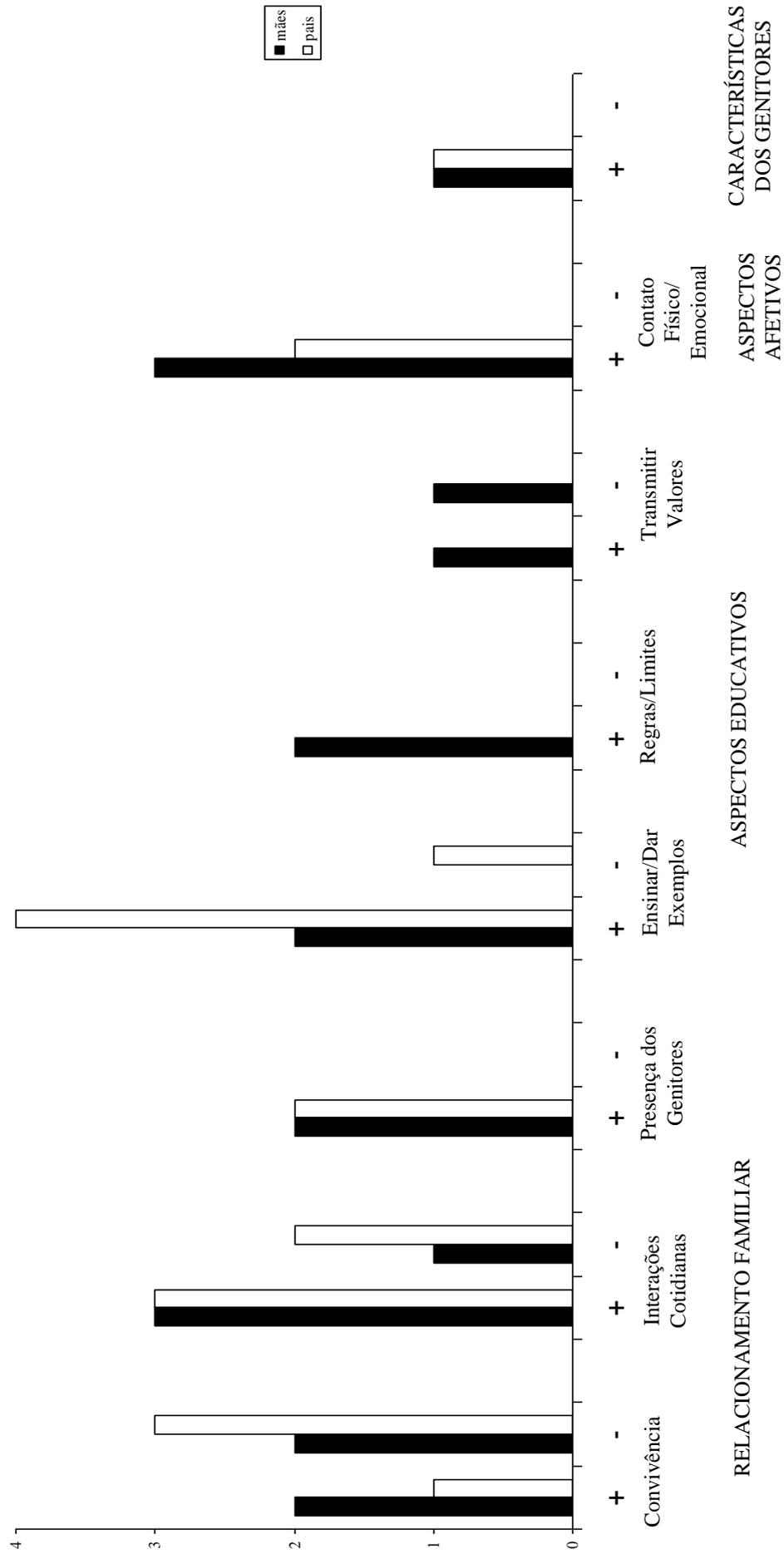


Figura 10. O que mães e pais julgam influenciar o desenvolvimento dos seus filhos, de forma positiva ou negativa.

Para a categoria **Relacionamento familiar** foram estabelecidas três subcategorias: a) **Convivência**; b) **Interações cotidianas**; c) **Presença dos genitores** (Apêndice 1, p. 177).

Para quatro mães e quatro pais, a **Convivência** da criança com pessoas do ambiente familiar influencia no seu desenvolvimento. Foram enfatizados aspectos **positivos** (P2: “*A família unida, a família bem estruturada*”) e **negativos** (M2: “*...a desunião da família, né, brigas, eu acho que a criança, tipo assim, fica traumatizada, né, acaba sendo prejudicada no dia de amanhã*”).

Quatro mães e cinco pais salientaram a importância das **Interações cotidianas**, destacando os aspectos **positivos** (P 7: “*..o estímulo [que é dado à criança]...*”) e/ou os **negativos** (M3: “*... é bater...*”).

Em relação à **Presença dos genitores**, verifica-se que esta subcategoria apareceu nas respostas de duas mães e dois pais, sendo que todos destacaram somente os aspectos **positivos** (P 3: “*Tipo, o dia-a-dia assim, né, com o pai, a mãe. Se eu fizesse uma outra coisa, fosse num churrasco com os amigos, ficar saindo, ir pra porta de bar e esquecer que eu tenho um filho, ia acontecer que ele não ia saber nem que eu era o pai, né*”).

A categoria **Aspectos educativos** foi dividida em três subcategorias: a) **Ensinar/dar exemplos**; b) **Regras/limites**; c) **Transmitir valores** (Apêndice 1, p. 177).

A categoria **Ensinar/dar exemplo** foi mais destacada pelos pais, principalmente enfatizando os aspectos **positivos** (P8: “*...o que a gente pode passa de bom pra ela, ensinando...*”). As mães enfatizaram o **Ensinar/dar exemplos** (M4: “*Óia, a educação. Se os pais são responsáveis é lógico que vai criar um filho responsável. Se você é uma pessoa de bem vai influenciar pro bem*”) e a importância das **Regras/limites**, destacando os aspectos **positivos**: (M 3: “*Eu não sou muito de bater, eu chamo a atenção dele, eu evito de bater porque eu penso assim...*”). A subcategoria **Transmitir valores** foi destacada somente pelas mães (M4: “*A honestidade...*”).

A categoria geral dos **Aspectos afetivos** envolveu as respostas de ambos os genitores que destacaram importância do **Contato físico/emocional** (M5: “*o carinho que a gente dá pra ela, e amor*”; P2: “*é o amor que a gente transmite para eles, né*”).

A categoria **Características dos genitores** enfatizou somente os aspectos **positivos** (M5: “*...tem que ter muita paciência...*”; P7: “*...tem que criar um filho com tolerância.*”).

Quem são as pessoas e/ou ambientes que influenciam no desenvolvimento infantil de forma positiva ou negativa?

Na Tabela 10, encontram-se as respostas dos genitores quanto às pessoas e ambientes que eles julgam que influenciam o desenvolvimento da criança de forma **positiva** e **negativa**.

Tabela 10. – Pessoas e ambientes que influenciam o desenvolvimento infantil, segundo os genitores.

	POSITIVO	F	NEGATIVO	f
PESSOAS	Pai	1	Pessoas nervosas/bravas/descontroladas	3
	Mãe	1	Más companhias	2
	Madrinha	1	Pessoas rudes	1
	Tio	1	Pessoas estranhas	1
	Primos	1	Amizades do pai	1
	Bons Amigos	1		
	Pessoas que participam da vida da criança	1		
	Boas companhias	1		
	Pessoas cultas	1		
	Pessoas pacientes	1		
AMBIENTES	Escola	1	Rua	2
	Clube	1		
	Boa casa	2		
	Sociedade	1		
	Parque de diversão	1		
	Parquinhos dos bairros	1		
	Zoológico	1		
	Ambiente social agradável	1		

Verifica-se na Tabela 10 que, em relação às pessoas consideradas pelos genitores como exercendo **influência positiva**, existem as do convívio familiar e as do extra-familiar;

algumas de modo mais genérico (pessoas cultas, boas companhias, pessoas pacientes), sem especificar quem são. Nas **influências negativas**, foram apontadas pessoas do convívio extra-familiar, sendo a maior parte delas citadas de modo também genérico: pessoas estranhas, nervosas/bravas/descontroladas, entre outras.

Quanto aos ambientes que **influenciam positivamente**, os genitores destacaram a casa e alguns fora dela, como a escola, o clube, parque de diversão, entre outros. Quanto à **influência negativa**, foi relatada apenas a rua.

Quais os papéis que os genitores atribuem a si mesmos e que julgam auxiliar no desenvolvimento dos filhos? O que eles julgam que é prejudicial a esse desenvolvimento?

Investigou-se com os genitores qual ou quais as funções ou papéis que eles atribuem a si mesmos na promoção do desenvolvimento infantil. Foram obtidas 29 respostas, sendo 16 femininas e 13 masculinas, que foram classificadas em quatro categorias gerais: a) **Relacionamento familiar**; b) **Papel educativo**; c) **Papel afetivo** e d) **Geral** (Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice 4, p. 187.

Tabela 11. Funções e os papéis que os genitores atribuem a si em relação a promoção do desenvolvimento infantil

	RELACIONAMENTO FAMILIAR	PAPEL EDUCATIVO	PAPEL AFETIVO	GERAL
MÃES	7	5	2	2
PAIS	6	6	0	1
TOTAL	13	11	2	3

As respostas mais enfatizadas por ambos os genitores foram as categorizadas em **Relacionamento familiar** (M 2 – “*Dar atenção, ..., a atenção, a dedicação da gente, né?*”), seguidas das respostas categorizadas como **Papel educativo** (P2: “*Minha função é passar tudo de melhor para ele, de correto, para que ele aprenda certinho as coisas que... ensinar ele saber bem dividir; o que é certo, o errado, o que pode, o que não pode*”). O **Papel afetivo** foi destacado apenas pelas mães: (M3: “*...o carinho...*”). Duas mães e um pai deram respostas que foram categorizadas como **Geral** (M4: “*Olha, é a única coisa que eu posso falar pra você é que.... educar um filho não é fácil, não é fácil... o dia que vocês for mãe vocês vão saber, nossa, é complicado. Você ter que trabalhar, ter que ser uma dona de casa, uma esposa, ainda ter que cuidar dos filhos, ter que buscar na escola, é muita coisa, né... Mas a gente chega lá.*”).

As categorias gerais a respeito do **Relacionamento familiar**, **Papel educativo** e **Papel afetivo** foram divididas em subcategorias, e são apresentadas na Figura 11 (Apêndice 1, p. 177).

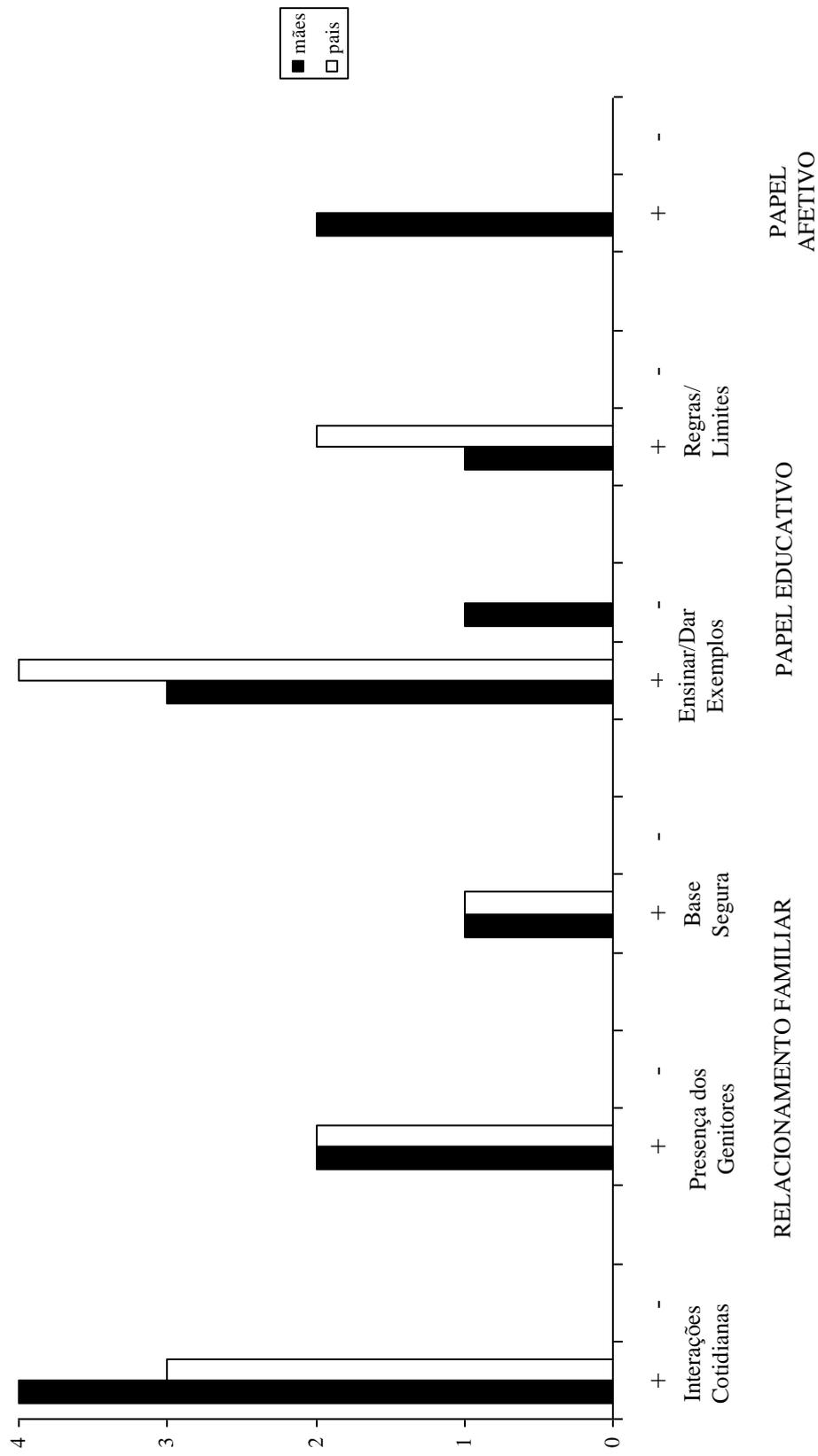


Figura 11. Funções e papéis dos genitores na promoção do desenvolvimento infantil

A categoria **Relacionamento familiar** foi dividida em três subcategorias: a) **Interações cotidianas**; b) **Presença dos genitores**; c) **Base segura**.

Tanto as mães, quanto os pais enfatizaram mais a subcategoria **Interações cotidianas** (M5: “*Na minha maneira de pensar é ser uma boa mãe. Eu trato ela bem, ela quer mesmo mostrar que ela tá ali, então a gente tem que dar atenção. Sempre dar atenção pra ela, né, o pai leva pra passear, mamãe vai lá dançar com ela pra agradar, eu tento fazer tudo que tá ao meu alcance, eu faço pra agradar ela, né.*”).

A segunda subcategoria mais enfatizada foi em relação à **Presença dos genitores** no dia a dia da criança (M3: “*A minha função, eu acho que, como é que vou explicar...acho assim que é ficar com ele...*”; P7: “*A minha função é de tá presente no lado dela acompanhando a cada passo*”).

Fornecer uma **Base de segurança** também foi enfatizado por ambos os genitores (P4: “*Ah, eu acho que é muito grande. Acho que é muito grande. O pai eu acho que é a base né, é a base de tudo ali com os filhos. Porque eu mesmo, pra mim, por mim eu tiro que nem meu pai, ele é velhinho hoje mais eu ainda sinto que se eu tiver perto dele eu me sinto seguro. E eu acho que os meus também é assim*”).

Para a categoria **Papel educativo** foram estabelecidas duas subcategorias: a) **Ensinar/dar exemplos**; b) **Regras/limites**. A primeira dessas subcategorias contém respostas julgadas como positivas e negativas.

Ambos os genitores enfatizaram, em primeiro lugar, a importância de **Ensinar/dar exemplos** (P8: “*Ensiná bastante ela a falar, ensiná as brincadeiras, ensiná o que é, procura já ensiná o que é certo o que é errado pra no futuro não dá muito trabalho*”), seguida da necessidade de colocar **Regras/limites** (M7: “*...e ela é pequenininha ainda, mas eu já deixo ela de castigo nu nu bercinho.*”).

Apenas as mães destacaram a importância do **Papel afetivo** através da importância do **Contato físico/emocional** (M2: “...*carinho, ..é um carinho que ele recebe...*”).

Os genitores julgam que seus filhos também exercem funções/papéis em relação ao próprio desenvolvimento?

Investigou-se com os genitores qual ou quais as funções ou papéis que eles atribuem à criança na promoção do seu desenvolvimento. Foram obtidas 14 respostas dos participantes, oito masculinas e seis femininas, que foram classificadas em quatro categorias gerais: a) **Conformidade**; b) **Desempenho acadêmico**; c) **Autonomia** e d) **Não respondeu** (Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice 5, p. 190.

Tabela 12. Funções e os papéis que os genitores atribuem as crianças em relação ao desenvolvimento infantil

	CONFORMIDADE	DESEMPENHO ACADÊMICO	AUTONOMIA	NÃO RESPONDEU
MÃES	2	1	0	3
PAIS	4	1	2	1
TOTAL	6	2	2	4

A categoria **Conformidade** foi mais destacada por ambos os genitores, seguida do **Desempenho acadêmico**. Dois pais também destacaram a importância de as crianças terem **Autonomia**.

Na Figura 12 encontram-se as categorias – **Conformidade**, **Desempenho acadêmico** e **Autonomia** – divididas em subcategorias (Ver Apêndice 1, p. 177).

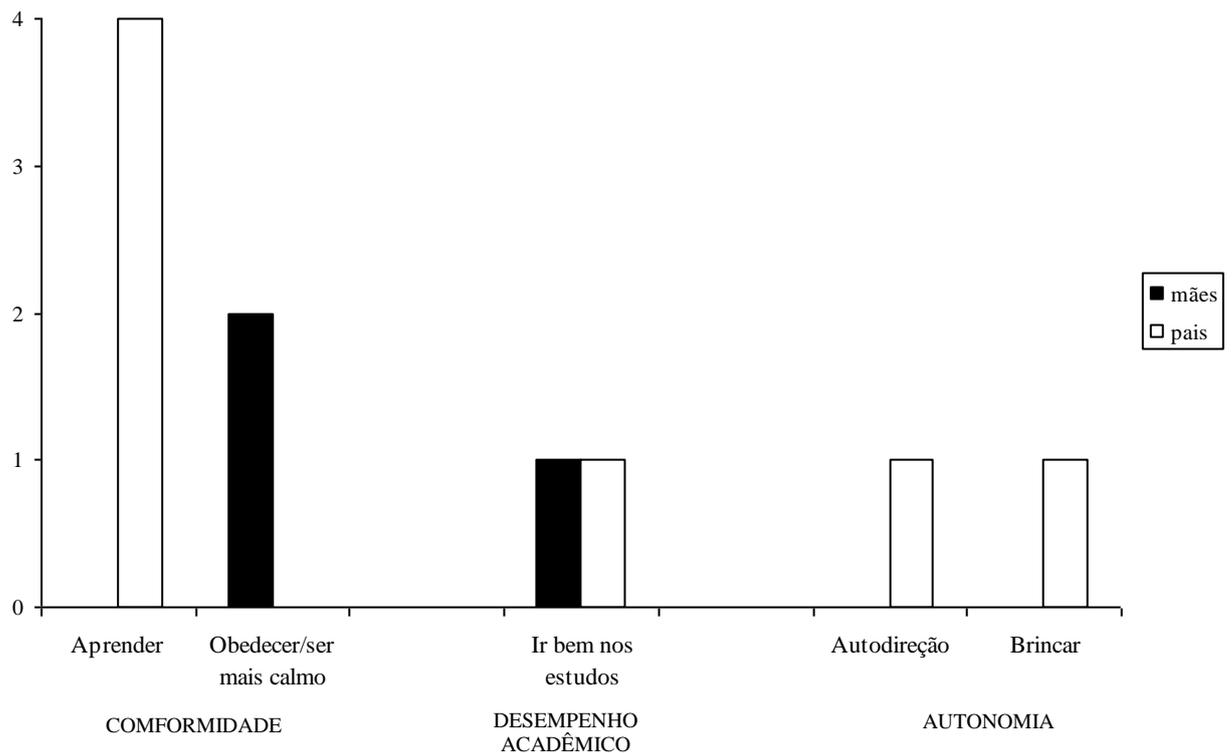


Figura 12. Funções/papéis das crianças no desenvolvimento infantil, segundo os genitores.

A categoria Conformidade foi dividida em duas subcategorias: a) **Aprender o que os genitores ensinam**; b) **Obedecer/ser mais calmo**.

A subcategoria mais destacada pelos pais foi **Aprender o que os genitores ensinam** (P7: “*O papel dela no momento está sendo de ouvinte mas, no futuro espero que seja de uma pessoa que aprendeu bem o que o pai quis passar*”).

Dois mães destacaram a subcategoria **Obedecer/ser mais calmo** (M5: “*O que ela tem que fazer? Acho que ela tem que colaborar mais porque ela é muito estressada, apavorada, estressada. Ela se irrita, ela cai no chão, ela faz birra, sabe, fica esperneando, sabe, quando ela quer uma coisa, ela quer porque quer, sabe, ela é assim. A gente fala pra ela “não pode, não pode”, ela faz aquela birra, se não deixa ela vai chorar, difícil de entender que não pode ser assim, então ela chora, ela faz aquela choradeira, daí ela quer colo, né. Eu acho que pra ela se desenvolver bem, ela tinha que ser mais calma também, que acho que ela é um*”).

pouquinho agitada, não sei se é devido à alergia que ela tem, que acontece isso, porque ela é bem agitada mesmo. Ela não é uma criança revoltada, mas não consegue ficar num lugar, eu procuro evitar o máximo possível sair com ela. Então, eu acho que pra ela ser criada melhor, ela tinha que ser uma criança um pouco mais calma. Ela não é, ela é agitada”).

Para a categoria **Desempenho acadêmico** foi estabelecida a subcategoria **Ir bem nos estudos**, na qual se verificou a resposta de uma mãe e de um pai (M6: *“O papel dele é ir pra escola, ir pra escola e estudar, enquanto eu puder meu filho vai estudar”*; P1: *“Ah eu acho que o estudo, a escola você vai ter contato, diretamente falando, pra ela poder ter um... lá fora, pra ela poder caminhar, se virar, como se diz aí, né”*).

Na categoria **Autonomia**, foram estabelecidas duas subcategorias: a) **Autodireção**; b) **Brincar**.

Verifica-se a ocorrência de repostas paternas para cada uma dessas duas subcategorias. Em **Autodireção** (P6: *“Bom, né. Ela conseguir os objetivos dela, né, do jeito que ela tá crescendo, ela continuar sempre a mesma, né”*); e em **Brincar** (P3: *“Ah, eu penso que ele contribui, ele brinca bastante, até que contribui um pouco, né”*).

O futuro dos filhos: expectativas e comportamentos ideais e reais dos genitores

Nesta seção procurou-se responder a três perguntas: Quais as expectativas que os genitores têm em relação ao futuro de seus filhos? O que eles acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir suas expectativas? Quais são as ações que eles têm feito efetivamente?

Quais as expectativas que os genitores têm em relação ao futuro de seus filhos?

Para responder a essa pergunta foram obtidas 31 respostas, sendo 15 das mães e 16 dos pais. Essas falas foram ordenadas em seis categorias gerais: a) **Futuro profissional**; b) **Futuro nas relações interpessoais**; c) **Desempenho acadêmico**; d) **Valores humanitários**; e) **Ter autonomia**; f) **Geral** (Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice 7, p. 193.

A Tabela 13 apresenta a frequência das categorias a respeito dos valores que os genitores desejam/almejam para o futuro de seus filhos.

Tabela 13. Desejos dos genitores para o futuro de seus filhos

	FUTURO PROFISSIONAL	FUTURO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS	DESEMPENHO ACADÊMICO	VALORES HUMANITÁRIOS	AUTONOMIA	GERAL
MÃES	4	4	5	0	0	2
PAIS	4	4	1	2	2	3
TOTAL	8	8	6	2	2	5

Pode-se verificar que, das seis categorias gerais, quatro têm respostas de ambos os genitores. Somente as categorias **Valores Humanitários** e **Autonomia** foram compostas apenas por respostas paternas.

Nas respostas maternas, a categoria que prevaleceu foi **Desempenho acadêmico** (M2: *“Ah, que ele seja uma pessoa assim, né, bastante inteligente, esperta...”*), enquanto que, nas respostas paternas destacaram-se **Futuro profissional** (P1: *“E as demais coisas que ele luta e consiga na vida dele, na vida futura”*) e **Futuro nas relações interpessoais** (P3: *“Ah, que ele seja feliz, né”*).

As respostas de duas mães e três pais foram categorizadas como **Geral**, por não se enquadrarem nas categorias acima citadas e nem permitirem a construção de novas categorias, devido aos seus conteúdos genéricos (P5: *“Eu desejo o melhor possível, o que todos os pais desejam pra um filho”*).

Na Figura 13 podem-se verificar as categorias gerais acrescidas de suas subcategorias, conforme pode ser visualizado no Apêndice 1, p. 177.

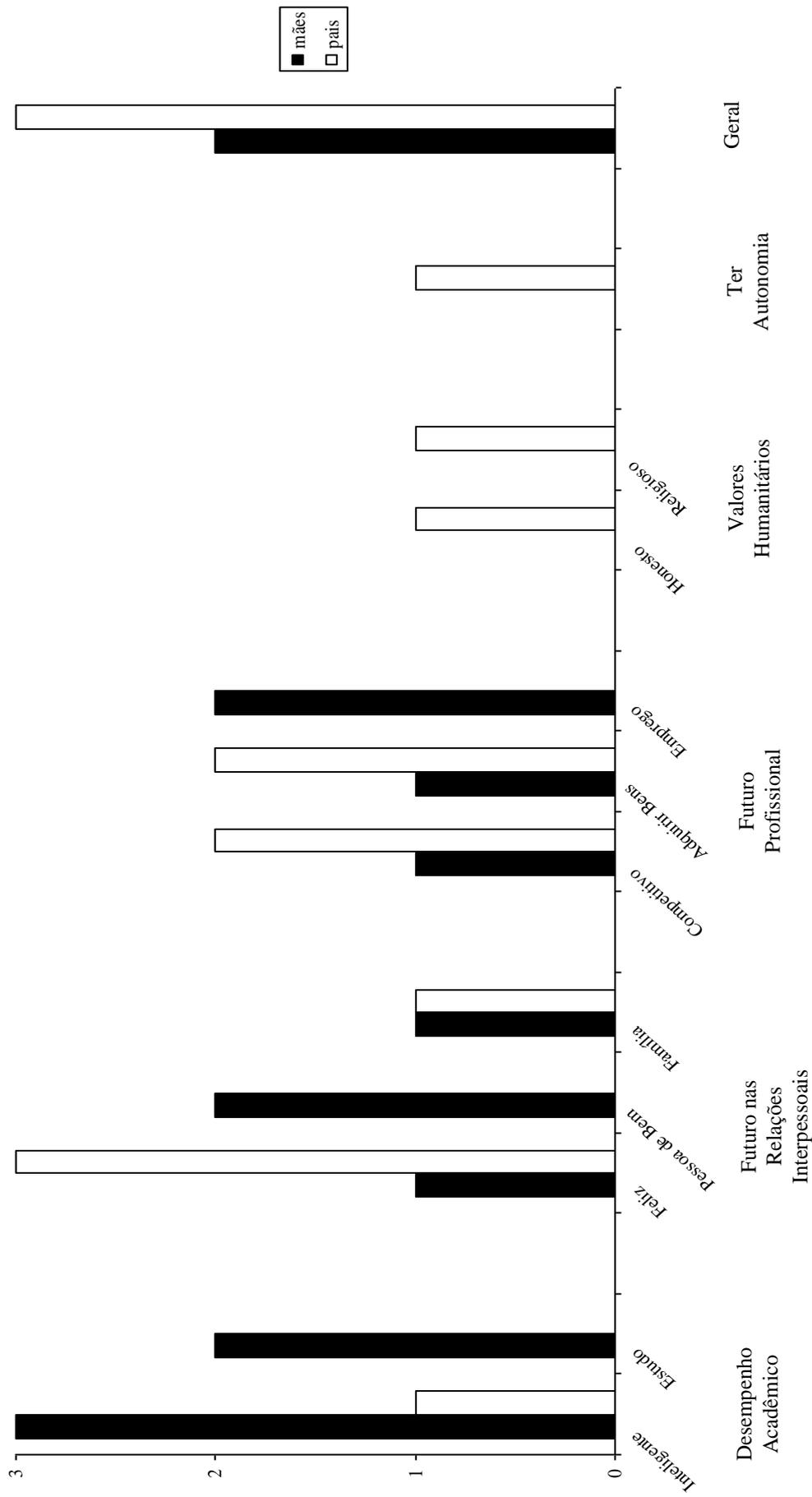


Figura 13. O que os genitores almejam para o futuro de seus filhos.

Como se pode verificar na Figura 13, a categoria **Desempenho acadêmico** foi dividida em duas subcategorias: a) **Ser inteligente**; b) **Se dedicar aos estudos**, que foi a mais enfatizada pelas mães (M3: “*Ah, desejo que ele se torne um cidadão crítico, né, bastante inteligente...*”; M 6: “*Quero um bom estudo...*”).

Oito genitores enfatizaram que querem que os filhos se saiam bem nas futuras **Relações interpessoais**, que foram divididas em três subcategorias: a) **Ser feliz**; b) **Ser pessoa de bem**; c) **Valorize a família**. A categoria mais destacada pelos pais foi o desejo de que seus filhos **Sejam felizes** (P 8: “*...que ela seja muito feliz ...*”). Nessa categoria as mães enfatizaram mais o desejo de que seus filhos **Sejam pessoas de bem** (M4: “*Que seja um homem de bem, independente a profissão, que seja um homem de bem*”). Verificou-se também que os relatos de uma mãe e de um pai referiam-se a que a criança, no futuro, **Valorize a sua família** (P2: “*...que tenha muito amor para a família dele...*”).

A categoria **Futuro profissional** foi dividida em três subcategorias. Uma mãe e dois pais desejaram que seus filhos fossem, no futuro, **Competitivos/esforçados** (M1: “*Eu espero que ele, assim, que ele lute pelas coisas dele, que ele seja uma pessoa de fibra, que ele tenha bem os pés no chão pra que ele possa ser alguém...*”). Novamente para uma mãe e dois pais seus desejos relacionavam-se a que os filhos pudessem **Adquirir bens** no futuro (M1: “*...e que possa ter as suas coisas, isso tudo assim, que ele precisar, que ele possa ter*”; P3: “*...que ele tenha tudo de bom, até melhor que o meu, né, que ele consiga tudo que ele almeja na vida*”). Duas mães também desejaram que seus filhos tivessem um **Emprego**, que trabalhassem.

A categoria **Valores humanitários** foi destacada somente pelos pais, incluindo as subcategorias ligadas à honestidade e à religião (P1: “*Eu desejo no futuro dele é que ele seja religioso que nem eu*”). Um pai também destacou que deseja que a filha tenha **Autonomia**, autodireção (P6: “*Ah, a conquista dela tem que ser o que ela quer*”).

O que eles acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir suas expectativas?

A figura 14 apresenta as categorias das respostas dos genitores a respeito do que acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam o que eles (genitores) desejam/almejam para o futuro das crianças. Essas respostas foram ordenadas em sete categorias, a) **Ensinar/dar exemplos**; b) **Ser boa mãe/bom pai**; c) **Base segura**; d) **Contato físico/emocional**; e) **Interações cotidianas**; f) **Prover financeiramente**; g) **Disponibilidade de tempo** (Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice 10, p. 195.

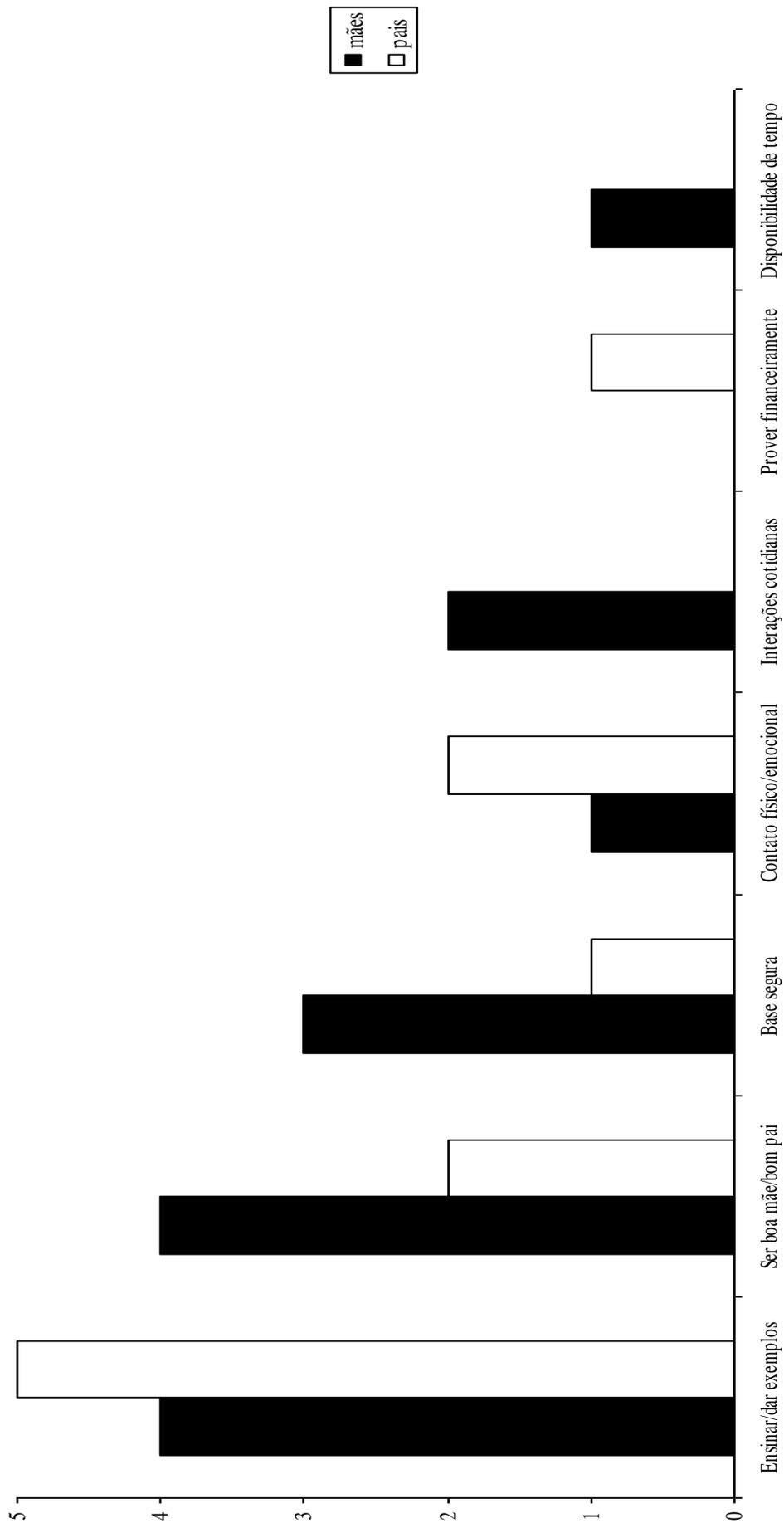


Figura 14. O que os genitores acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam o que eles (genitores) desejam/almejam para o futuro das crianças.

As respostas mais enfatizadas pelas mães foram **Ensinar/dar exemplos** (M2: “*Ah, ensinando ele né, o caminho certo, o caminho errado*”), **Ser boa mãe** (M4: “*O que eu preciso... ah, ser uma boa mãe, uma boa amiga...*”), e ser a **Base segura** para a criança (M1: “[que ela saiba] *qui tudo mundo gosta dela, que em casa é nosso tisouro, acho que é isso que ela tem que saber*”). As mães também deram respostas enfatizando as **Interações cotidianas**, como a necessidade de dar atenção, de conversar com a criança, a necessidade de ter **Disponibilidade de tempo** com o(a) filho(a) (M1: “*...tem que ser mais presente pra ele, estar mais perto dele, ter mais convivência com ele. Mesmo que eu trabalho, que eu tenha mais tempo pra ele quando eu tiver dentro de casa. Eu acho que isso que é fundamental pra uma criança, a mãe tem que, assim ela, todo mundo hoje precisa trabalhar mas você tem que aprender a conciliar o seu serviço e o tempo com seu filho*”) e o **Contato físico/emocional** (M3: “*Ah, eu acho que eu tenho que dar muito carinho*”).

A categoria de respostas mais enfatizada pelos pais também foi a **Ensinar/dar exemplos** (P7: “*Tá, na minha opinião de pai eu tenho que procurá ensiná ela as coisas boas, vou fazê o possível pra ensiná ela o caminho do futuro, pra estudá*”), vindo as categorias **Contato físico/emocional** e **Ser bom pai** em segundo lugar. Um genitor também citou a importância de fornecer uma **Base segura** para a criança e outro o de **Prover financeiramente** (P4: “*Trabalhar, trabalhar, pedir a Deus [para não faltar nada]*”).

Quais são as ações dos genitores para que seus filhos consigam atingir suas expectativas?

Na Figura 15, pode-se observar o que os genitores responderam quando lhes foi perguntado o que eles efetivamente estão fazendo para que seus filhos consigam o que eles (genitores) desejam/almejam para o futuro das crianças. As respostas foram ordenadas em

sete categorias: a) **Ensinar/dar exemplos**; b) **Interagir cotidianamente**; c) **Ser boa mãe/bom pai**; d) **Prover financeiramente**; e) **Disponibilidade de tempo**; f) **Contato físico/emocional**; g) **Regras/limites** (Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice 11, p. 197.

Pode-se verificar que as respostas das mães foram categorizadas em todas as categorias definidas, e as dos pais em três.

As respostas das mães que tiveram maior frequência estão nas categorias **Ser boa mãe** (M4: *“Tudo que uma mãe pode fazer eu to fazendo. Eu to fazendo meu papel de mãe, bem mãezona mesmo”*), **Ensinar/dar exemplos** (M7: *“Tenho ensinado, tenho procurado ensiná ela o certo o errado, não batê porque eu acho que batê num leva a nada ne”*), **Interagir cotidianamente** (M7: *“A gente brinca”*) e ter **Disponibilidade de tempo** para a criança (M5: *“Às vezes eu deixo de fazer tudo o serviço pra ficar com ela...”*). Duas mães também se preocuparam em colocar **Regras/limites** e em **Prover financeiramente**.

As respostas mais frequentes dos pais foram categorizadas como **Ensinar/dar exemplos** (P3: *“Até hoje a gente tem conseguido [ensinar o que é certo e errado], vamos ver mais pra frente, quando ele entrar numa fase depois dos dez anos, assim, que entra mais amizade da rua, fica aquela, aquela, não sabe se escuta o pai ou a amizade da rua. Aí teria que trabalhar agora pra ele chegar nessa fase e já saber a diferença”*), seguidas das categorias **Interagir cotidianamente** e **Prover financeiramente**.

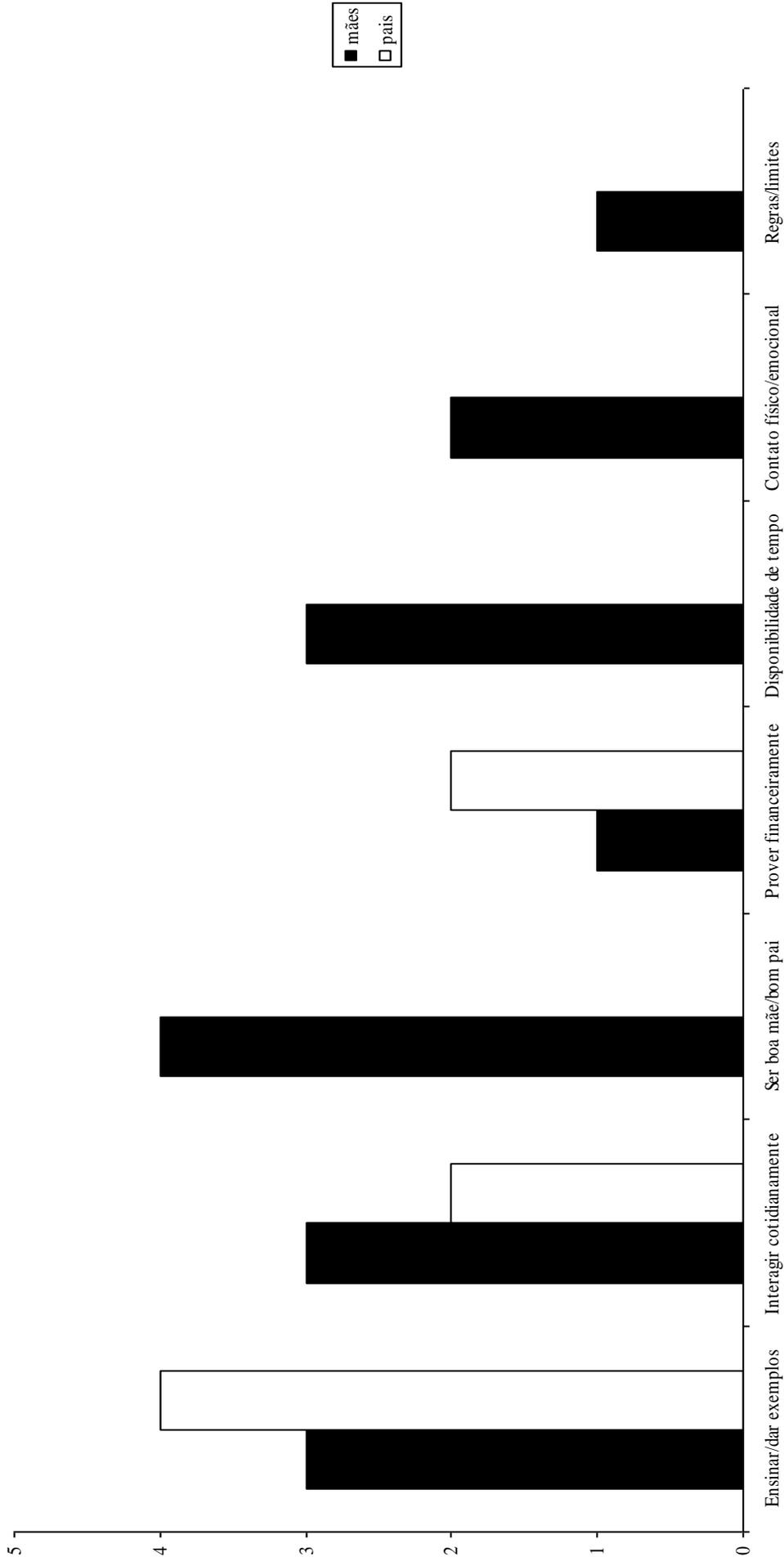


Figura 15. O que os genitores estão fazendo para que seus filhos consigam o que eles (genitores) desejam/almejam para o futuro das crianças

Comparação entre o que os genitores acreditam ter que fazer e o que eles fazem

A Tabela 14 apresenta uma comparação entre as respostas dos genitores quando foram questionados sobre o que acreditam ter que fazer para que seus filhos alcancem o que eles desejam para o futuro deles (crianças) e o que eles (genitores) realmente estão fazendo.

Tabela 14. O que os genitores acreditam ter que fazer e o que eles estão fazendo em relação ao futuro de seus filhos.

	MAES		PAIS	
	Acreditam ter que fazer	Fazem	Acreditam ter que fazer	Fazem
Base segura	3	0	1	0
Contato físico/emocional	1	2	2	0
Disponibilidade de tempo	1	3	0	0
Ensinar/dar exemplos	4	3	5	4
Interações cotidianas	2	3	0	2
Prover financeiramente	0	1	1	2
Regras/limites	0	1	0	0
Ser boa mãe/bom pai	4	4	2	0

Em relação às respostas maternas, verifica-se que, segundo elas, estão fazendo mais do que acreditam ter que fazer; isso só não ocorre com as categorias **Base segura** e **Ensinar/dar exemplos**. Na categoria ser boa mãe, a frequência das respostas são compatíveis.

Os pais, segundo suas respostas, no geral estão fazendo menos do que acreditam ter que fazer em quatro categorias: **Base segura**, **Contato físico/emocional**, **Ensinar/dar exemplos** e **Ser bom pai**. Nas categorias **Interações cotidianas** e **Prover financeiramente**, as frequências das respostas que se referem ao que estão fazendo são superiores às respostas relativas ao que acreditam ter que fazer. Não houve respostas paternas nas categorias **Disponibilidade de tempo** e **Regras/limites**.

Resumindo os dados a respeito do desenvolvimento infantil, segundo a visão dos genitores

Com relação às crenças dos genitores a respeito do desenvolvimento infantil, verifica-se que, para as mães, prevalece a **Ambientalista**, seguida da **Interacionista**, e, para os pais, a **Inatista**, seguida da **Ambientalista**. Apenas dois casais apresentaram a mesma categoria de crenças a respeito do desenvolvimento infantil: **Inatista** e **Ambientalista**. Os outros casais divergem. Quanto à importância da fase de 0 a 2 anos para o desenvolvimento infantil posterior, a maioria dos casais julgou que ela é **Importante**, justificando, principalmente, pela sua relevância na **Aprendizagem/desenvolvimento** futuros.

A maioria dos genitores também acredita que o **Relacionamento familiar** é o fator que mais influencia/interfere no desenvolvimento de seus filhos, seguido dos **Aspectos educativos**. Quanto às pessoas que influenciam no desenvolvimento infantil, os genitores apontaram tanto pessoas do convívio familiar, quanto do extra-familiar. Em relação aos ambientes, de forma positiva foram destacados a casa e alguns ambientes fora dela, como a escola, o clube, parque de diversão; já de forma negativa, foi relatada apenas a rua.

Em seus relatos, os genitores referiram que eles exercem papéis ou funções que auxiliam ou prejudicam o desenvolvimento infantil. As categorias mais apontadas pelas mães e pelos pais, referentes às suas funções para a promoção do desenvolvimento infantil foram o **Relacionamento familiar positivo** e o seu **Papel educativo**. Dentro da categoria **Relacionamento familiar**, ambos os genitores destacaram com maior frequência as **Interações cotidianas**, e em relação ao **Papel educativo**, ambos os genitores destacaram mais a importância positiva de **Ensinar/dar exemplos**.

Quanto à função ou papel mais atribuído pelos genitores às crianças foi o de **Conformidade**, sendo que as mães destacaram mais a subcategoria **Obedecer/ser mais calmo** e os pais, **Aprender o que os genitores ensinam**.

As expectativas das mães em relação ao futuro de seus filhos se referem ao bom **Desempenho acadêmico**, com destaque para **Ser inteligente**, bom **Futuro profissional (Ter bom emprego)** e boas **Relações interpessoais (Ser pessoa de bem)**. Já os pais destacaram **Futuro profissional** (com ênfase para **Ser competitivo/esforçado** e **Adquirir bens**) e boas **Relações interpessoais (Ser Feliz)**.

Quando questionados sobre o que eles acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir essas expectativas, verificou-se que, para ambos os genitores, a categoria **Ensinar/dar exemplos** apareceu com maior frequência em suas respostas. Nas respostas maternas também apareceu, com frequência igual, a categoria **Ser uma boa mãe**. É importante destacar que três mães também enfatizaram a importância de **Oferecerem segurança à criança**, que a criança saiba que é “*meu tesouro*”. Os genitores também foram questionados sobre o que efetivamente estão fazendo para que seus filhos consigam atingir essas expectativas. No geral, as respostas de ambos os genitores coincidiram com as respostas anteriores. As mães enfatizaram também a necessidade de ter mais **Tempo disponível** para o filho e a importância da **Interação cotidiana**. A seguir descrevem-se os resultados obtidos com os genitores a respeito do relacionamento afetivo.

Relacionamento afetivo: visão dos genitores

Neste capítulo estão descritas as concepções dos genitores sobre as relações afetivas, incluindo definição, qualidade da relação, aspectos que os influenciam, importância das relações afetivas iniciais no desenvolvimento posterior da criança e papéis de cada um (genitores e criança). Tais concepções encontram-se organizadas em três tópicos gerais: a) concepções dos genitores sobre relacionamento afetivo genitores-criança e a importância dos primeiros anos de vida nesse processo, b) percepção dos genitores a respeito da relação afetiva com os filhos e c) o futuro dos filhos: expectativas e comportamentos ideais e reais dos genitores.

Concepções dos genitores sobre relacionamento afetivos com seus filhos e a importância dos primeiros anos de vida nesse processo

Nesta sessão serão destacadas, de forma geral, as concepções dos genitores sobre o relacionamento afetivo genitores-criança, assim como a importância do desenvolvimento das relações afetivas, na fase de 0 a 2 anos, para o desenvolvimento posterior da criança.

Quais são as concepções dos genitores a respeito de relacionamentos afetivos genitores-criança?

Na Tabela 15 verificam-se as concepções dos genitores a respeito do relacionamento afetivo genitores-criança. Foram obtidas 43 respostas, sendo 24 maternas e 19 paternas, classificadas em: a) **Contato físico/emocional**; b) **Interações cotidianas**; c) **Características dos genitores**; d) **Disponibilidade de tempo**; e) **Ser bom pai/mãe**; f) **Convivência familiar**; g) **Base de segurança**; h) **Colocação de regras/limites**; i) **Ensinar/dar exemplos**; j)

Reciprocidade criança-genitor (Ver Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Anexo 12, p. 199.

Tabela 15. Concepções dos genitores a respeito do relacionamento afetivo genitor-criança.

	Contato físico/emocional	Interações cotidianas	Características dos genitores	Disponibilidade de tempo	Ser bom pai/mãe	Convivência familiar	Base de segurança	Colocação de regras/limites	Ensinar/dar exemplos	Reciprocidade criança-genitor
MÃES	7	6	3	3	1	0	1	1	1	1
PAIS	4	7	2	1	1	2	0	0	0	2
TOTAL	11	13	5	4	2	2	1	1	1	3

As categorias que mais se destacaram nas respostas maternas e paternas foram **Contato físico/emocional**, para sete mães e quatro pais (M1: *"Uma relação afetiva... Eu acho que é você ter carinho, demonstrar carinho pra ela....pra demonstrar o quanto você tem carinho, você tem amor por ela"*) e **Interações cotidianas**, para seis mães e sete pais (P1: *"Ah, no meu modo de pensar eu acho que... que a gente tem o lado bom e o lado ruim, muitas das vezes que a gente quer brincar, a gente chega quer conversar, quer dialogar. Ah, sempre tá de, procurar fazer aquilo que tá na capacidade nossa de agradar a ele"*).

Essas respostas foram categorizadas como sendo **positivas** e **negativas**, conforme julgamento dos próprios genitores e podem ser visualizados na Figura 16 (Apêndice 1, p. 177).

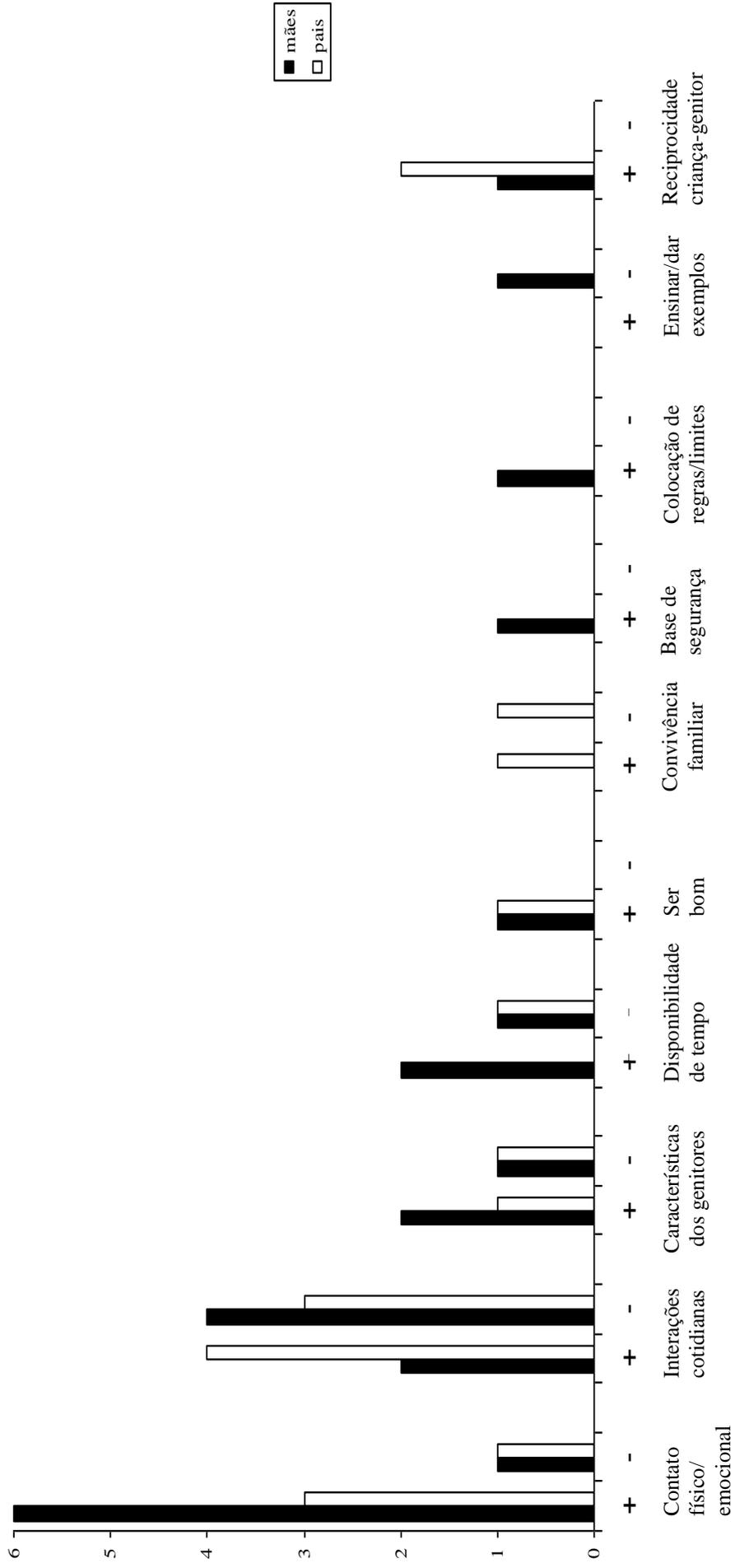


Figura 16. Concepções dos genitores a respeito do relacionamento afetivo genitor-criança.

Na Figura 16, verifica-se que as respostas maternas **positivas** destacam-se na categoria **Contato físico/emocional** (M2: "*É o carinho, né, um abraço, um sorriso, um olhar, eu acho que isso é tudo para uma criança, né? O carinho que a gente passa para eles, eu acho que o carinho é a coisa mais importante, né...*") e as **negativas**, na categoria **Interações cotidianas** (M3: "*...uma relação ruim é bater muito, acho que é bater muito na criança. Não vou negar que eu nunca bati porque ele às vezes merece levar uns tapinhas, mas acho que bater eu acho que é errado porque se a gente é agressivo com ele, a tendência é ele ser agressivo com a gente*"). As respostas paternas, **positivas** e **negativas**, destacam a categoria **Interações cotidianas** (P3: "*...brincar com ele, mostrar pra ele que estamos feliz... mudar a rotina também, né, não ficar sempre ali na mesma coisa, no final de semana vem e fica em casa, mudar um pouco, né, porque senão ele cansa*"; P2: "*...e negativo, eu acho que é um pai e uma mãe que não dá atenção, que não brinca com a criança*") e também a importância do **Contato físico/emocional positivo**.

Verificaram-se somente respostas maternas nas categorias **Base de segurança** (M2: "*...a segurança que eles vão ter é o que o pai e a mãe dá a ele*"), **Colocação de regras/limites** (M1: "*Bom, eu sou meio enérgica né, então eu acho assim, eu penso de uma forma né, que nem eu preciso, se eu precisar brigar com ele, chamar a atenção dele eu chamo, eu grito.... Assim, só que eu acho assim, toda criança tem que ter um limite, se você não der m tapa uma vez, se você não ensinar pra ela o que não pode, entendeu, eu acho que ela acaba criando um mundo que ela acha que tudo tem que ser em volta dela.... mas se você der um tapa, você falar, você por de castigo, eu acho que não seria uma relação ruim. Bom, é o que eu penso né*") e **Ensinar/dar exemplos**, sendo que, nas duas primeiras categorias, as repostas foram classificadas como **positivas** e, na terceira, como **negativa** (M6: "*...não ensinar*").

Na categoria **Convivência familiar**, houve somente respostas paternas, classificadas em **positivas** e **negativas** (P3: "*...vamos supor, eu brigo com ela e vou no serviço descontar no pessoal de lá, tem que mostrar pra ele que está feliz, sempre feliz, a gente nunca... evita assim até de discutir na frente dele, a gente até discutiu algumas vezes, não vou falar pra você que somos perfeitos, né, mas na frente dele a gente tenta evitar, senão fica gravado, né, um ambiente bom, né, não um ambiente pesado*"; P5: "*Que interfere? As coisas ruins, né. O que afeta? As coisas ruins, né, vamos supor, uma má convivência, né, então a criança já cresce com aquela coisa negativa, aí ela só vai aprender coisa errada*").

Qual a importância que os genitores dão às relações afetivas, na fase de 0 a 2 anos, para o desenvolvimento posterior da criança?

Verificou-se com os genitores qual a importância do desenvolvimento das relações afetivas para o desenvolvimento posterior da criança, na fase de 0 a 2 anos de idade e todas as respostas obtidas enfatizaram essa relevância, com exceção de duas, cujo conteúdo não foi condizente com a pergunta. As respostas foram classificadas em cinco categorias: a) **Base afetiva**; b) **Aprendizagem/desenvolvimento**; c) **Formação da personalidade**; d) **Geral**; e) **Não respondeu** (Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice 16, p. 210.

Na Tabela 16, pode-se verificar a frequência das respostas dos genitores em cada categoria.

Tabela 16. Argumentos utilizados pelos genitores para justificar porque as relações afetivas iniciais são importantes para o desenvolvimento posterior da criança.

	Base afetiva	Aprendizagem/desenvolvimento	Formação da personalidade	Geral	Não respondeu
MÃES	4	2	1	1	1
PAIS	4	3	0	2	1
TOTAL	8	5	1	3	2

Na Tabela 16, verifica-se que **Base afetiva** foi a categoria que mais se destacou tanto nas respostas femininas como nas masculinas (M7: *“Ah eu creio que é muito importante que ela tem que saber que ela é querida que ela tem carinho.... sabê que a gente gosta dela...às vezes eu chego lá na frente eu chego beijando ela, dô beijinho pra entrá ela, eu vejo que tem criança que tá lá que fica olhando que eu acho que nunca..nunca teve isso entendeu, tem criança que faz um zoinho que você passa a mão na cabeça e já fica toda contente, eu acho que o carinho é o que incentiva muito nessa fase né...”*), seguida da categoria **Aprendizagem/desenvolvimento** (P2: *“...eles pesam tudo desse dia-a-dia nosso para aprenderem, né, que nem eu falei, a gente tem que tá passo a passo ensinando o correto explicando, tipo assim, as coisas do dia-a-dia, que nem eu tô dizendo, não de 0 a 2 anos mas com o passar do tempo, assim eles vão aprendendo e com certeza vão ser uns adultos bem estruturado”*).

Essas repostas foram subdivididas em **positivas** e **negativas**, em função do julgamento dos genitores. Esses dados encontram-se na Figura 17 (Apêndice 1, p. 177).

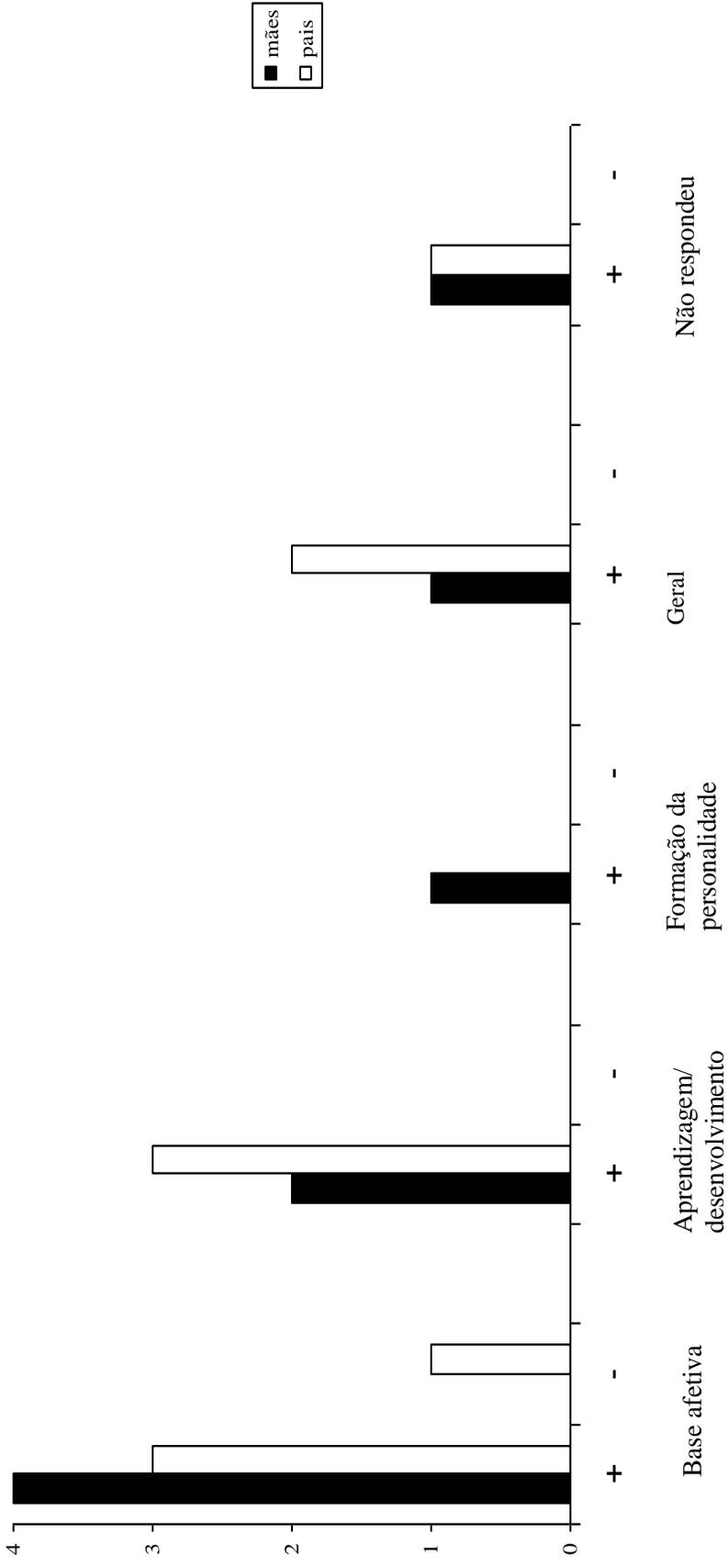


Figura 17. Respostas dos genitores a respeito da importância das relações afetivas iniciais para o desenvolvimento posterior da criança.

Para quatro mães e três pais, o desenvolvimento das relações afetivas é importante, pois é a **Base afetiva positiva** (P8: “*Ah, bastante, muito importante. Sendo que tem amor e carinho vai se tornar uma pessoa boa, de coração bom*”). Um pai destacou que o não desenvolvimento das relações afetivas positivas pode ser prejudicial (P7: “*Num ambiente desagradável, num ambiente de raiva, de brigas, de intrigas, a criança, com certeza, vai crescer com um pensamento virado, ela vai crescer muito brava, entendeu, acredito que seja isso*”).

Duas mães e três pais destacaram a importância da **Aprendizagem/desenvolvimento** (M1: “*...é agora, é agora que ele tá descobrindo tudo, é agora que ele tá começando, então, a criança vai vendo a relação dos pais, a relação até dos avós, tudo assim. Eu acho que ele vai montando tudo isso na cabeça assim, é onde ele vai aprendendo as coisas e vai vendo a vida de uma outra forma né. Porque por mais que seja uma criança, ele vai gravando certas coisas, tem coisas que choca muito e ele vai gravando aquilo na mente; então eu acho que é aí que a criança vai se desenvolvendo. Eu acho que é isso*”).

Uma mãe apontou que o desenvolvimento das relações afetivas é importante para o desenvolvimento da **Formação da personalidade** das crianças (M1: “*Ah, eu acho que tudo né, porque eu acho que a criança vai criar personalidade, caráter dele, tudo né...*”).

Para as respostas que não puderam ser classificadas em nenhuma dessas categorias citadas, foi estabelecida a categoria **Geral** (M8: “*Muito importante*”; P3: “*Acredito que é importante sim, né. De zero a dois anos, de dois a quatro, depois vai indo, né, aí vai trabalhando pra ver como que são os resultados*”).

Uma mãe e um pai **Não responderam** ao que foi perguntado (M6: “*É...eu não sei responder essa daí também*”).

Percepção dos genitores a respeito da relação afetiva com os filhos

Nesta seção são descritos como os genitores percebem a sua relação afetiva com os filhos e o que eles consideram que influencia nesse relacionamento, incluindo os ambientes e pessoas que eles destacam como sendo facilitadores ou prejudiciais. Descreve-se também como os genitores percebem seu próprio papel nesse processo e qual a função/papel das crianças.

Quais são as concepções dos genitores a respeito de sua relação afetiva com os filhos?

Na Figura 18 verificam-se as concepções dos genitores referentes à sua relação afetiva com os filhos. Essas respostas foram classificadas: a) **Muito boa**; b) **Falta de tempo disponível**; c) **Indefinido** (Ver Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Anexo 19 p. 217.

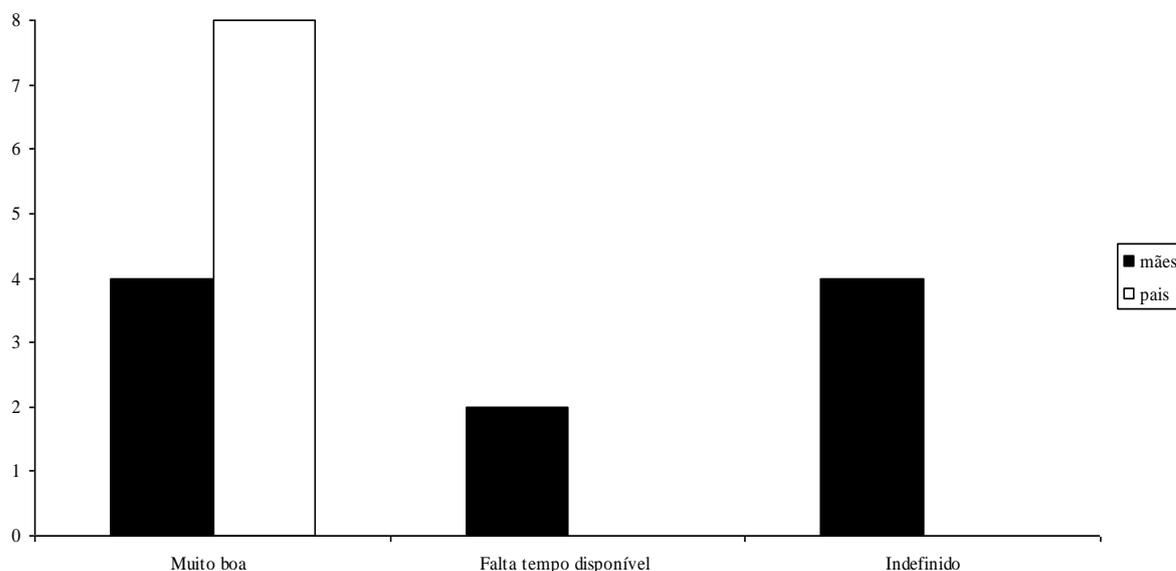


Figura 18. Concepções maternas e paternas referentes à relação afetiva com os filhos.

Na Figura 18, verifica-se que as respostas maternas apareceram nas três categorias: **Muito boa** (M2: *"Ah, é muito boa, assim, sabe, nossa! – Eu tenho um carinho imenso por ele, nossa! É, sabe, não tem explicação, e eu acho que mesmo ele comigo, né? Porque, às vezes, eu acho que só o jeitinho dele falar, né, dele chamar, dele se expressar, então eu acho que é um bom relacionamento"*), **Falta de tempo disponível** (M5: *"Ah, não é muito assim, porque eu fico pouco tempo com ela, mas é mais de amiga, mesmo"*), **Indefinido** (M6: *"A única coisa que eu acho é que a G., ela...ela é muito afastada, assim, sabe, igual, eu já comentei na escolinha, que às vezes estão todas as crianças assim, e ela nunca tá naquele miolinho, ela sempre tá afastada e eu acho que isso mais pra frente possa prejudicar ela. A única coisa que eu acho que mais pra frente pode prejudicar ela é isso, que ela tem essa dificuldade"*). As respostas paternas concentraram-se na categoria **Muito Boa** (P1: *"A nossa relação afetiva é maravilhosa. Chega brinca, não tem tempo ruim, eu posso chegar a qualquer momento ele tá me esperando. Sempre... assim não tem... é bastante boa, bastante gostosa mesmo. Sem birra, sem nada, sem cara feia, normal"*).

O que os genitores consideram que influencia/interfere na sua relação afetiva com os filhos?

A Tabela 17 apresenta as respostas dos genitores sobre o que eles julgam que influencia no desenvolvimento de suas crianças. Foram obtidas 11 respostas das mães e 17 respostas dos pais, totalizando 28 respostas dos genitores, que foram classificadas em quatro categorias gerais: a) **Relacionamento familiar**; b) **Aspectos afetivos**; c) **Aspectos educativos**; d) **Características dos genitores**. As respostas que não se encaixaram em nenhuma categoria foram julgadas como não sendo respostas à questão e estão alocadas na categoria **Não respondeu** (Apêndice 1, p. 177). Na Tabela 17 pode-se observar as frequências

de respostas maternas e paternas em cada uma dessas categorias gerais. As respostas também podem ser observadas no Apêndice 13, p. 202.

Tabela 17. O que os genitores acham que influenciam na sua relação afetiva com seus filhos.

	RELACIONAMENTO FAMILIAR	ASPECTOS AFETIVOS	ASPECTOS EDUCATIVOS	CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS	NÃO RESPONDEU
MÃES	3	3	4	1	0
PAIS	8	4	3	1	1
TOTAL	11	7	7	2	1

Na Tabela 17, verifica-se que três mães e quatro pais consideram que os **Aspectos afetivos** influenciam na relação afetiva deles com o filho (P8: *“Ah, com certeza, né, dando amor e carinho no futuro ela vai ser uma pessoa melhor, uma pessoa boa”*).

Quatro mães e três pais apontaram que os **Aspectos educativos** influenciam na relação afetiva (M6: *“ensinar, mostrar pra ela o que pode, o que não pode, o que é certo, o que não é”*; P2: *“...ensinar bem a criança a brincar e se divertir porque isso faz muito parte e eles sentem muita falta se não tiver, né.....pai e mãe procurar passar tudo de correto para não ter nada errado porque a criança nessa fase de aprendizado é difícil”*).

Para três mães e oito pais o **Relacionamento familiar** influencia na relação afetiva deles com o filho (M7: *“Ah, eu acho que tudo, é a gente brincá. Acho que relação mãe e filha mesmo, né, na medida do possível tô brincando com ela, levo ela pra passeá....que nem eu ti falei a gente sai di di domingo, vai pra... tanto desfile de rodeio quanto prainha, essas coisas, pra praça, e aí a gente leva [ela] com a gente, né, a gente sai sábado à noite e leva ela com a gente, então acho que é isso, ela tá sempre com a gente, acho que ela precisa disso sabe, que ela num vai ficá pra trás, né, que pai e mãe sai e deixa ela, né. Às vezes a gente até deixa,*

quando ela tá durmindo, mas só se for sair bem tarde, mas quando a gente sai a gente sempre leva ela. Eu creio que é isso, ela sabe que tá com a gente sabe, que num vai separá”).

Apenas um pai e uma mãe destacaram as **Características individuais**.

Foram definidas subcategorias para as categorias gerais que enfatizam os **Aspectos afetivos**, **Aspectos educativos** e o **Relacionamento familiar**, assim como as **Características individuais**, algumas contendo aspectos positivos e negativos e outras, só os positivos (ver Anexo 4b, p. 172). A Figura 19 apresenta esses dados.

Para a categoria **Aspectos afetivos** estabeleceram-se duas subcategorias: **Contato físico/emocional**, na qual se verificam as respostas de duas mães e três pais (M4: *“O amor né... O amor, o carinho, isso aí é fundamental”*) e **Reciprocidade criança-genitor**, que contém uma resposta de cada genitor (P4: *“Olh,a de forma negativa eu não sei porque isso não acontece e de forma positiva é eu e ela... Ela gosta de mim e eu gosto dela. É o convívio, né...”*).

Na categoria **Aspectos educativos**, também se estabeleceram duas subcategorias: **Ensinar/dar exemplos** e **Colocar limites/regras**, ambas com respostas positivas e negativas, porém, nas negativas, verifica-se apenas uma resposta materna em cada (M2: *“Tem, né, tipo assim, um ambiente que um pai briga com a mãe, né,.....às vezes, o pai bebe, fuma, então, eu acho que influencia bastante na criança, né, porque eles vão pegar do pai e da mãe o crescimento deles, né, o pai e a mãe às vezes bebem, o filho continuamente e futuramente vai querer, né, às vezes brigar, bater”*). Em nenhuma subcategoria foram verificadas respostas paternas negativas.

As respostas da categoria **Relacionamento familiar** também foram classificadas em duas subcategorias: **Interações cotidianas** e **Presença dos genitores**, ambas com respostas positivas e negativas. Nessas subcategorias verifica-se uma frequência maior de respostas masculinas.

A categoria **Característica individual** foi dividida em duas subcategorias: **Dos genitores** e **Da criança**, sendo que a primeira contém uma resposta masculina (P7: “*É justamente esse, os aspectos positivos é que eu sou atencioso...mais eu sou muito atencioso*”) e a segunda, uma feminina (M5: “*Que influencia? Acho que na positiva, tudo, as coisas mais boas, porque ela é muito amorosa e carinhosa, ela é com a gente*”).

Um pai **Não respondeu** ao que foi perguntado (P5: “*Ah, sempre tem, né, se está sozinho é diferente, se tem outras pessoas, muda*”).

Pode-se verificar que as respostas paternas destacaram mais o **Contato físico/emocional**, as **Interações cotidianas**, a **Presença dos genitores** e o **Ensinar/dar exemplos**. Já o destaque para as mães foi o **Contato físico/emocional**.

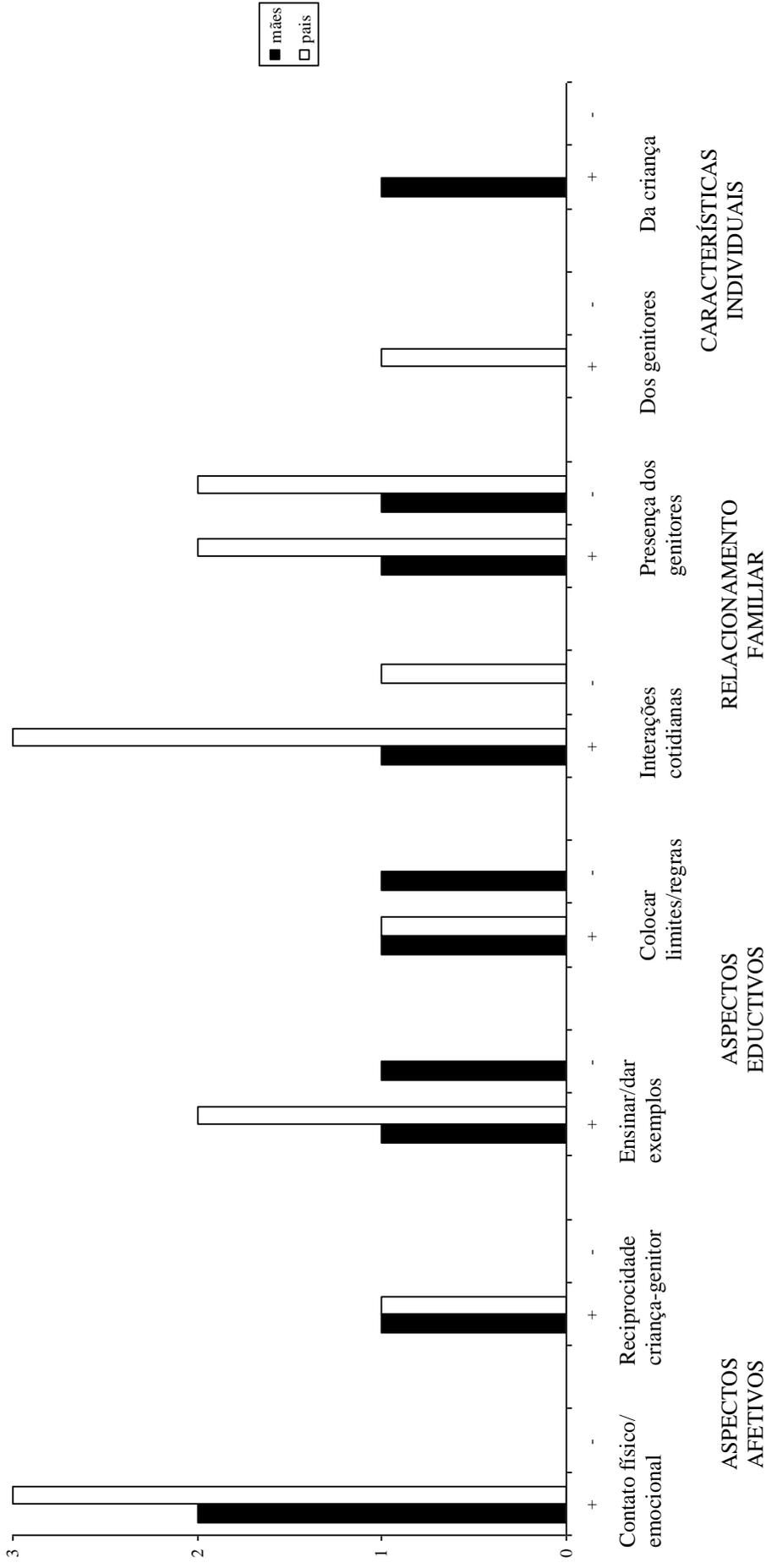


Figura 19. O que mães e pais julgam influenciar na sua relação afetiva com seus filhos, de forma positiva ou negativa.

Quem são as pessoas e/ou ambientes que influenciam na sua relação afetiva com seus filhos de forma positiva ou negativa?

A Tabela 18 refere-se às repostas dos genitores em relação às pessoas e aos ambientes que eles julgam influenciar de forma **positiva** e **negativa** na relação afetiva deles com os filhos.

Tabela 18. Pessoas e ambientes que influenciam a sua relação afetiva com seu filho (a), segundo os genitores

	POSITIVO	F	NEGATIVO	f
PESSOAS	Amigos	2	Pessoas estranhas	1
	Avó	2	Más companhias	1
	Primos	1		
	Pessoas Novas	1		
	Padrinho	1		
	Família	1		
	Crianças bem comportadas	1		
AMBIENTES	Que frequentam	2	Frequentar ambientes ruins (não frequentam)	2

Na tabela acima verifica-se que, em relação às pessoas consideradas pelos genitores como exercendo **influência positiva**, aparecem pessoas do convívio familiar e extra-familiar, algumas de modo mais genérico (pessoas novas, crianças bem comportadas), sem especificar quem são. Em **influências negativas** foram apontadas pessoas do convívio extra-familiar, também citadas de modo genérico.

Quanto aos ambientes que **influenciam positiva e negativamente**, os genitores também citaram de modo genérico: os ambientes que frequentam, eles julgam como sendo adequados e os inadequados eles dizem não frequentar.

Quais os papéis que os genitores atribuem a si mesmos que eles julgam auxiliar na relação afetiva com seus filhos? O que eles julgam que é prejudicial a esse relacionamento?

Foram investigados com os genitores quais são os papéis/funções que eles atribuem a si na relação afetiva com os filhos. (Foram obtidas 30 respostas, sendo 15 respostas maternas e 15 paternas, classificadas em cinco categorias: a) **Proporcionar bom relacionamento familiar**; b) **Papel educativo**; c) **Características individuais**; d) **Papel afetivo**; e) **Geral** (Apêndice 1, p. 177). Esses dados podem ser observados na Tabela 19; e as respostas dos genitores podem ser observadas no Apêndice 14, p. 205.

Tabela 19. Funções e os papéis que os genitores atribuem a si na sua relação afetiva com seu filho(a)

	PROPORCIONAR BOM RELACIONAMENTO FAMILIAR	PAPEL EDUCATIVO	CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS	PAPEL AFETIVO	GERAL
MÃES	7	4	1	3	0
PAIS	6	3	4	0	2
TOTAL	13	7	5	3	2

Em suas respostas ambos os genitores enfatizaram mais a categoria **Proporcionar bom relacionamento familiar**, seguida da importância do **Papel educativo**. Quando as respostas não podiam ser classificadas em nenhuma dessas categorias, elas foram classificadas como **Geral**, e nessa categoria verificaram-se apenas respostas paternas (Tabela 19).

As categorias **Proporcionar bom relacionamento familiar**, **Papel educativo**, **Características individuais** e **Papel afetivo** foram divididas em subcategorias; Figura 20 (Apêndice 1, p. 177).

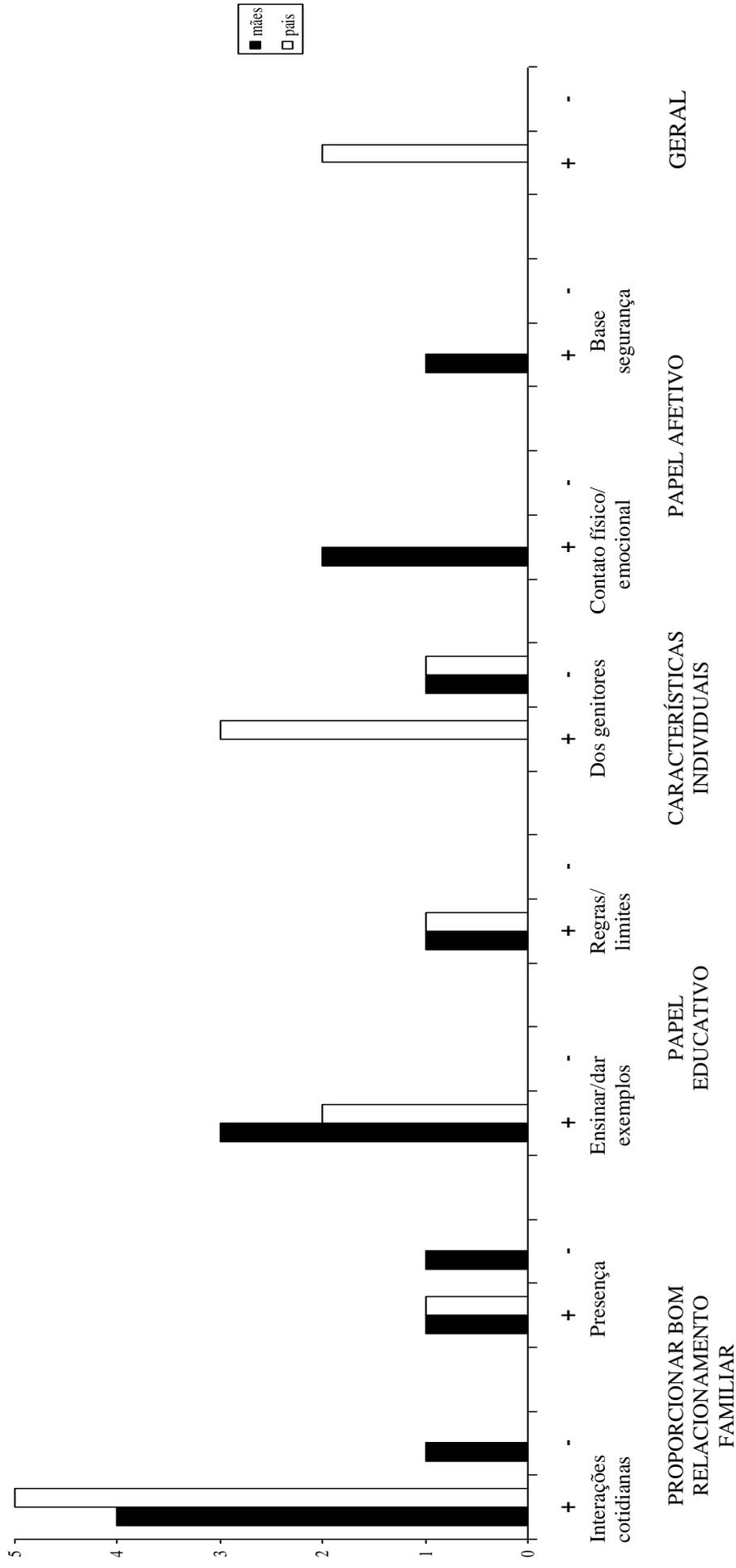


Figura 20. Funções e papéis dos genitores na relação afetiva com seu filho(a)

As respostas femininas aparecem com maior destaque nas subcategorias **Interações cotidianas**, pertencente à categoria **Proporcionar bom relacionamento familiar** (M5: “...atenção, converso bastante com ela, é...eu converso bastante com ela pra ela perceber que eu estou falando com ela que nem com uma pessoa adulta, pra ela se sentir, né, que ela é importante, que é muito importante, né. Às vezes ela começa a falar, aquela linguagem que eu não tô entendendo, ela sabe o que tá falando, só que eu não tô entendendo, mas eu finjo que tô entendendo, aí eu fico conversando “é, é isso mesmo”, às vezes, ela fala “mamãe, mamãe, qué água, dá pás gainha”, aí eu vou com ela, eu falo “pode dar água, mas não joga a mamadeirinha fora”, assim, pra ela sentir que é uma pessoa grande, né, adulta, pra ela achá que eu entendo o que ela tá falando, às vezes, nem tò muito mas eu finjo”), e **Ensinar/dar exemplos**, pertencente à categoria **Papel educativo** (M3: “Meu papel...ah, educar, acho que é o principal. Educação, como se diz, educação vem do berço, dar educação”).

As respostas masculinas apareceram com maior destaque nas subcategorias **Interações Cotidianas**, pertencente à categoria **Proporcionar bom relacionamento familiar** (P4: “...ando com eles, brinco, dou banho, ponho pra dormir, eu faço tudo. Quando ela [esposa] não tá eu sou a mãe”), e **Dos genitores**, pertencente à categoria **Características individuais** (P1: “Minha função eu acho que eu sou um amigo, não só um pai mas um amigo mesmo”).

Os genitores julgam que seus filhos também exercem funções/papéis na relação afetiva?

Os genitores também relataram que as crianças exercem papéis ou funções na relação afetiva genitores-criança. Para eles esses papéis e funções relacionam-se à categoria **Conformidade**, que foi dividida em quatro subcategorias: a) **Corresponder às expectativas**; b) **Reciprocidade criança-genitor**; c) **Aprender o que os genitores ensinam**; d) **Obedecer**, Figura 21 (Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice 15, p. 208.

Na Figura 21, verifica-se que a subcategoria mais destacada pelos pais foi **Reciprocidade criança-genitor** (P2: *“O papel dele, eu acredito que seja assim, transmitir para a gente sentir que ele tá aprendendo, que ele tá pensando bem o que a gente transmite para ele. Eu acho muitíssimo importante é a estrutura de pai e mãe, que nem eu já disse várias vezes, é tudo né, eles pesam tudo desse dia-a-dia nosso para aprenderem, né, que nem eu falei, a gente tem que tá passo a passo ensinando o correto, né, conversando com a criança bastante, explicando, tipo assim, as coisas do dia-a-dia, que nem eu tô dizendo, não de 0 a 2 anos mas com o passar do tempo, assim eles vão aprendendo e com certeza vão ser uns adultos bem estruturado”*). As mães destacaram mais a subcategoria **Corresponder às expectativas** (M6: *“O papel dela... eu acho que é sempre ser amiga, sempre estar do meu lado”*).

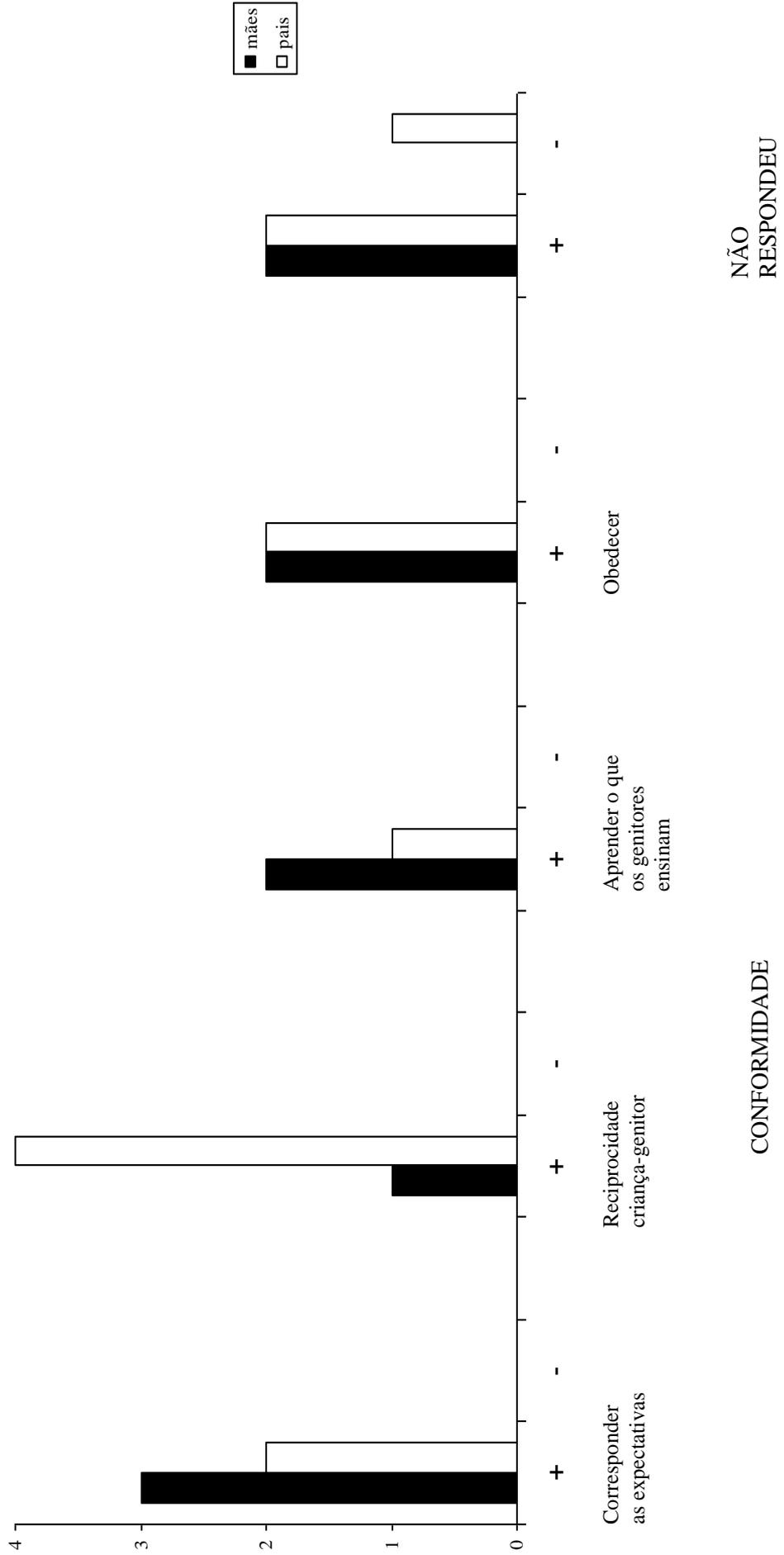


Figura 21. Funções e papéis das crianças na relação afetiva com os genitores, segundo os genitores.

O futuro dos filhos: expectativas e comportamentos ideais dos genitores

Nesta seção procurou-se responder a duas perguntas: Quais as expectativas que os genitores têm em relação ao futuro das relações afetivas de seus filhos com outras pessoas? O que eles acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir suas expectativas?

Expectativas que os genitores têm em relação ao futuro das relações afetivas de seus filhos com outras pessoas

Em relação a esta pergunta, verificaram-se 21 respostas dos genitores, sendo 10 maternas e 11 paternas. Essas respostas foram classificadas em cinco categorias: a) **Futuro nas relações interpessoais**; b) **Futuro profissional**; c) **Valores humanitários**; d) **Geral**; e) **Não respondeu** (Apêndice 1, p. 177). A tabela 20 apresenta as frequências das respostas dos genitores. As respostas dos genitores também podem ser observadas no Anexo 17, p. 213.

Tabela 20. Desejos dos genitores para o futuro de seus filhos

	FUTURO NAS RELÇÕES INTERPESSOAIS	FUTURO PROFISSIONAL	VALORES HUMANITÁRIOS	GERAL	NÃO RESPONDEU
MÃES	6	1	0	2	1
PAIS	9	1	1	0	0
TOTAL	15	2	1	2	1

Pode-se verificar que, para ambos os genitores, prevaleceu a categoria **Futuro nas relações interpessoais** (M1: “Ah, eu espero que ele seja um homem bom... E eu espero que ele tendo uma boa criação né, que ele seja uma boa pessoa, que ele tenha um bom coração,

bons sentimentos, que ele saiba ajudar as outras pessoas, mesmo que às vezes elas não ajude ele, né, mas que ele saiba ser bom pras outras pessoas também, né, com ele, porque eu acho que a pessoa tem que se gostar pra poder gostar dos outros, né. Então eu acho que ele tem que ser bom com ele, aprender a gostar dele....pra poder que as outras pessoas também se sintam bem”; P7: *“Eu desejo que ela se lembre da relação afetiva que nós pai e mãe dela tivemos e se ela pudé ter uma relação afetiva como eu a mãe dela, os avós dela, temos eu acredito que a família dela vai ser bem feliz também”*).

Na categoria **Valores humanitários**, verificam-se somente respostas paternas e, na **Geral**, somente maternas.

As categorias **Futuro nas relações interpessoais**, **Futuro profissional** e **Valores humanitários** foram divididas em subcategorias (Apêndice 1, p. 177), como se pode verificar na Figura 22. Encontram-se também nessa figura as demais categorias gerais.

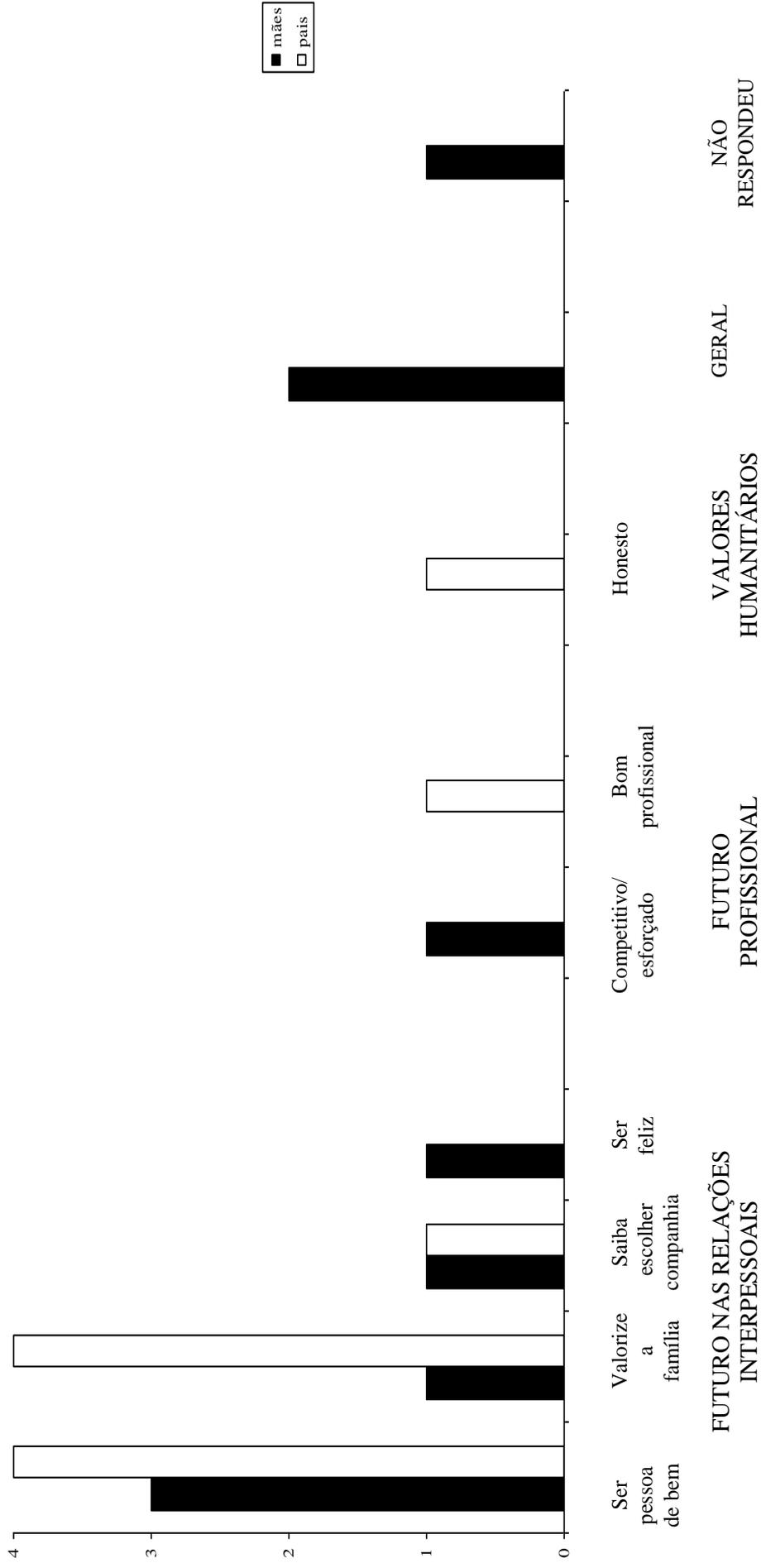


Figura 22. O que os genitores almejam para o futuro de seus filhos.

A categoria **Futuro nas relações interpessoais** foi dividida em quatro subcategorias:

a) **Ser pessoa de bem**; b) **Valorizar a família**; c) **Saber escolher companhias**; d) **Ser feliz**.

Em todas essas subcategorias verifica-se a ocorrência de respostas maternas, com destaque para **Ser pessoa de bem** (M7: *“Ah que ela seja bem carinhosa, sabe, que ela possa ser assim ter um coração mole como se diz né (AHAN) não seja aqueles coração carrancudos assim e cresça bondosa de coração, né”*).

As respostas paternas destacam as subcategorias **Ser pessoa de bem** (P3: *“Ah, que seja uma pessoa boa também, né, de bem, né, nunca pense o mal, nunca deseje fazer mal a ninguém, né, isso é importante, né”*) e **Valorizar a família** (P6: *“Que seja igual eu e a mãe dela somos um com o outro. Dá bastante carinho e amor pro seu futuro esposo, filhos que vierem a ter né”*).

O que eles acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir suas expectativas?

Na Figura 23 podem-se verificar as categorias das repostas dos genitores relacionadas ao que eles acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam o que eles (genitores) desejam/almejam para o futuro das relações afetivas com outras pessoas. Essas respostas foram categorizadas em: a) **Contato físico/emocional**; b) **Ensinar/dar exemplos**; c) **Interações cotidianas**; d) **Respeitar decisões**; e) **Disponibilidade de tempo**; f) **Geral** (Apêndice 1, p. 177). As respostas dos genitores também podem ser observadas no Apêndice 18, p. 215.

As respostas da categoria **Contato físico/emocional** foram classificadas em **positivas e negativas**.

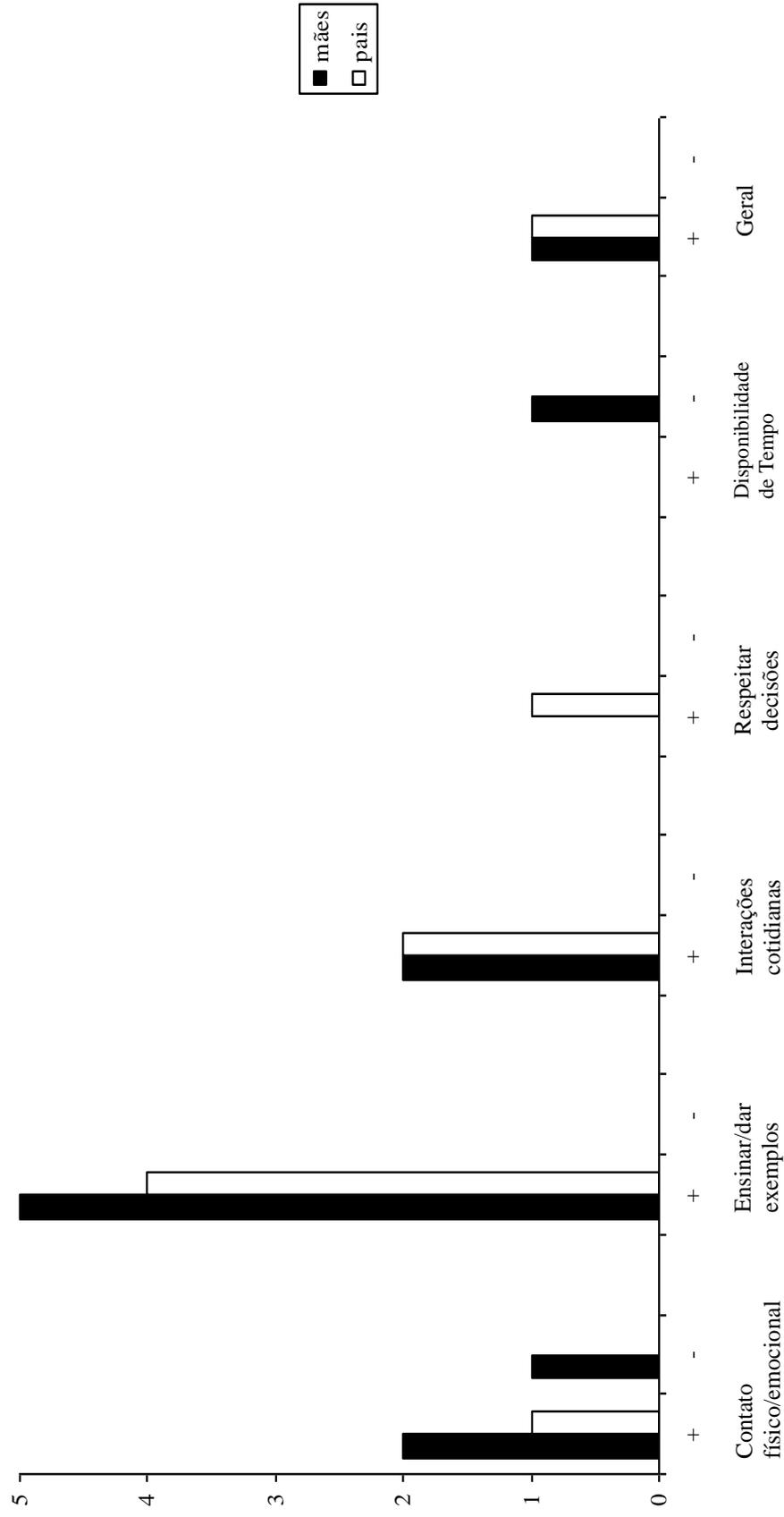


Figura 23. O que os genitores acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam o que eles (genitores) desejam/almejam para o futuro das crianças.

Pode-se verificar na Figura 23, que, nas respostas de ambos os genitores, prevalece a categoria **Ensinar/dar exemplos** (P3: *“Acho que educação é a primeira coisa, né, tem que mostrar pra ele, ensinar a respeitar as pessoas mais velhas como qualquer outra pessoa assim, se ele perder o respeito pelas pessoas vai se tornar aquela pessoa assim...que pensa que ele é o maior de todos e não tá ligando pra nada, então educação influencia mais que, né”*).

Na categoria **Respeitar decisões**, verifica-se somente resposta paterna (P6: *“Procurar sempre ajudar, né, como eu falei, né, tem que olhar e saber qual que é o melhor pra ela, se ela achar que ela tá certa então deixar ela enxergar por ela mesma, porque o papel de pai e mãe é avisar, ir falando pra ela, se ela não quer enxergar...”*), e na categoria **Disponibilidade de tempo**, verifica-se somente resposta materna (M1: *“Aí eu vou falar que nem tudo, eu acho que assim, o serviço estressa um pouco a gente. Então, tem hora que você não tem tanto tempo, tanta paciência. Então é onde assim, você pensa uma coisa, mas nem sempre você faz tudo aquilo certinho, você faz algumas coisas, mas acaba esquecendo de outras, mas eu acho que é por causa do dia corrido, da vida que a gente leva...”*).

Resumindo os dados a respeito das relações afetivas, segundo a visão dos genitores

A análise dos dados coletados aponta que a concepção materna predominante, referente ao relacionamento afetivo genitor-criança, é a importância do **Contato físico/emocional** e das **Interações cotidianas**, enquanto que a paterna refere-se mais às **Interações cotidianas**. Quanto à relevância, do desenvolvimento das relações afetivas nos anos iniciais para o desenvolvimento posterior da criança, verificou-se que ambos os genitores concordam com sua importância e destacam mais a **Base afetiva**, demonstrando a importância da dedicação e afeto dos pais com a criança e sua influência no desenvolvimento e formação da criança que *“precisa ter mais paciência, o mesmo carinho que a gente tem com ele, eu acho que ele vai ter com as outras pessoas”* (M2).

Quando questionados sobre como percebem o seu relacionamento afetivo com os filhos, ambos os genitores classificaram essa relação como **Muito boa**, sendo que essa categoria esteve presente em 100% das respostas masculinas. Nas respostas femininas também apareceram as categorias **Falta de tempo disponível** e **Indefinido**. Em relação aos aspectos que influenciam o relacionamento genitores-criança, o mais destacado pelas mães foi o **Aspecto educativo**, seguido do **Afetivo**, e, pelos pais, o **Relacionamento familiar**. Em relação às pessoas que influenciam o relacionamento afetivo dos genitores com seus filhos, foram mais apontadas como influências positivas, as avós e os amigos, e como negativas, as pessoas estranhas e as más companhias. Os ambientes que frequentam foram apontados como exercendo influências positivas e os que não frequentam, como exercendo influências negativas.

Os genitores também foram questionados sobre os seus papéis e funções na relação afetiva com os filhos. Todos os genitores destacaram, com maior frequência, a categoria **Proporcionar bom relacionamento familiar**, enfatizando a importância das **Interações**

cotidianas. Em relação aos papéis e funções que as crianças exercem na relação afetiva, as mães destacaram mais a importância de **Corresponder às expectativas**, e os pais, a **Reciprocidade criança-genitor**.

Também foram abordados com os genitores o que eles desejam para as relações afetivas futuras de seus filhos com outras pessoas e o que eles acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir suas expectativas. Em relação ao primeiro item, verificou-se que ambos os genitores, destacaram com maior frequência, o **Futuro nas relações interpessoais**, enfatizando a importância de **Ser pessoa de bem**. Os pais também enfatizaram, com igual intensidade, a importância de **Valorizar a família**, que os filhos sigam seus exemplos e vivam bem com os cônjuges e futuros filhos. Ambos os genitores acreditam que, para que seus filhos consigam atingir suas expectativas, eles devem, principalmente, **Ensinar/dar exemplos**, para que as crianças aprendam a *“diferenciar mais tarde tudo que é bom e o que é ruim... mas também para ele aprenda que tem outras pessoas [no mundo]”* (M1).

DISCUSSÃO

Com o apoio da literatura, na primeira seção deste capítulo, discutem-se as condições demográficas das famílias e os dados obtidos a respeito do modo de vida familiar e rede social de apoio, levantando-se as similaridades e diferenças no comportamento dos pais e mães, nas famílias nucleares e extensivas, foco dessa pesquisa. Na segunda seção destacam-se as concepções dos genitores a respeito do desenvolvimento infantil e, na terceira, as concepções deles a respeito do desenvolvimento afetivo.

As famílias pesquisadas

Os dados sociodemográficos das famílias

A amostra desse estudo caracterizou-se como uma população de renda equivalente as classes B2 e C, de 2 a 5 salários mínimos, segundo os critérios médios de renda familiar definidos pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa - ABEP, com ambos os genitores trabalhando e exercendo ocupações que, no geral, exigiam pouca qualificação, nenhuma exigindo o nível superior completo. No entanto, a maioria dos participantes concluiu o Ensino Médio, e dois cursavam o ensino superior. Conforme destacado por Nascimento (2006), apenas 18% da população brasileira, segundo o Censo de 2000, completou o ensino fundamental. A maioria dos casais era jovem e apenas três casados legalmente. Essa é uma tendência que vem sendo observada nos dados levantados pelo IBGE (SIMÕES et al., 2003) que indicam que as uniões legais vêm diminuindo nos últimos censos, e as uniões consensuais seguem o caminho inverso, principalmente entre os mais jovens. Outra característica da

amostra é que metade era de família nuclear e metade extensiva, composta por mãe, pai, filhos, avós e/ou tios(as) e sobrinhos, apesar de que não se pode desconsiderar que, no Brasil, ainda prevalece o modelo da família composta pelo casal com filhos (54%), e apenas 7% é o percentual do arranjo do casal com filhos e com parentes, segundo as informações do IBGE (NASCIMENTO, 2006). No estudo de Amazonas e cols. (2003), realizado em Recife, os autores destacam que a família nuclear apresenta-se com maior frequência nas famílias de crianças de menor faixa etária, indicando que com o aumento da idade das crianças e do número de anos de convivência dos genitores, iniciam-se as separações, ou mesmo a agregação de outras pessoas às famílias, dando origem às famílias “monoparentais, de recasados e extensas” (p. 19). Cerveny (2002) já destacava que as separações ocorrem quando os filhos estão mais velhos, na fase da adolescência.

Todos os casais habitavam em casas de tijolos, localizadas em bairros periféricos da cidade. Três famílias alugavam suas casas, duas habitavam em casa própria e duas moravam na casa própria dos avós junto com eles. Uma família morava em casa cedida pela avó. Nos dados do IBGE de 2005, verifica-se que na região Sudeste houve um aumento no percentual de domicílios próprios quando comparado com os dados referentes a 1995, passando de 69,3% para 72,1% (IBGE 2006).

A divisão de tarefas nas famílias nucleares e extensivas: similaridades e diferenças

As tarefas de cuidado com as crianças eram executadas por todas as mães em ambos os tipos de família. A maioria dos pais das famílias nucleares também executava essa atividade, sendo que apenas um pai da família extensiva o fazia. Nas famílias extensivas e nucleares, outras pessoas também auxiliavam nesse cuidado, mesmo que não habitando junto (tia, avó, babá), mas, nas extensivas, esse cuidado era executado principalmente pelas avós,

além da bisavó, primos e babá. Diversos autores (BRADT, 2001; MCGOLDRICK, 2001; FLECK; WAGNER, 2003; PRADO; VIEIRA, 2003; GABEL; SOARES, 2006) descrevem, como sendo papel tradicional da figura masculina a responsabilidade pelo sustento da casa, e da feminina, os cuidados dispensados aos filhos. Nesta pesquisa, os cuidados dispensados às crianças, quando não estavam na creche, cabiam, sem exceção, as mães, que eram auxiliadas por outras pessoas, mesmo porque trabalhavam fora de casa. McGoldrick (2001) e Fleck e Wagner (2003) complementam que isso ocorre mesmo quando ambos os genitores possuem trabalhos remunerados extra-lar o que foi verificado nessa pesquisa. No entanto, Prado e Vieira (2003) destacam que as mudanças ocorridas dentro da organização familiar atualmente em muitas famílias são compartilhadas com o pai. Isso também pode ser verificado nesse estudo, só que com maior frequência nas famílias nucleares. Nas famílias extensivas, provavelmente pelo grande número de pessoas que habitam juntos e, principalmente pela existência de outras figuras femininas, as figuras masculinas parecem que se acomodam, deixando o cuidado das crianças para as mulheres. Sarti (2003) e Martin e Ângelo (1999), entre vários outros autores, enfatizam que a mulher é o eixo da estrutura familiar.

Embora as mães de ambos os grupos participassem do cuidado diário dispensado às crianças, verificou-se que a atividade de colocar a criança para dormir era mais realizada pelas mães da família nuclear. Segundo Sagi e cols. (1977), os arranjos específicos na hora de dormir, isto é, se a criança é colocada para dormir pela mãe ou por outras pessoas, influencia na associação entre representações de apego materno e o padrão de apego infantil. Já a atividade de alimentar/dar banho, era mais realizada pelo casal, na família nuclear, e por arranjos variados nas extensivas. Levar as atividades de lazer era uma atividade desempenhada por diversos arranjos de pessoas em ambos os tipos de família, e levar à escola era mais desempenhada pelo pai em ambos os tipos de arranjos. Ler e contar história para a criança foi uma atividade que não era executada em metade das famílias de ambos os tipos.

Quando a realizavam, nas famílias nucleares ela era executada por um pai e uma avó e nas famílias extensivas por um casal, ou por um arranjo que incluía diversas pessoas: mãe, avó, primo, tio e bisavó. Já o estudo de Ramos (2008) realizado com famílias de pré-escolares em regiões administrativas do Distrito Federal, com a maior parte dos participantes com nível sócioeconômico semelhante ao da amostra desse estudo, a atividade de contar histórias para os filhos foi lembrada por quase todas as mães embora o pai também a realizasse.

Tudge e cols (2000) pesquisaram comportamentos paternos em diferentes contextos culturais e constataram que o pai passa com o filho um quarto ou menos do tempo que a mãe. No entanto, como em nosso estudo foram encontradas diferenças muito grandes no comportamento dos pais de famílias nucleares e extensivas, em relação ao cuidado das crianças, seria interessante pesquisar a diferença de tempo que eles passam com os filhos nestes dois tipos de arranjos familiares. Outro aspecto importante a ser considerado é a alteração do comportamento paterno ao longo do curso de vida da criança, uma vez que dados da literatura indicam que o pai passa mais tempo cuidando do filho quando ele é bebê do que depois que cresce (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2002), devendo se considerar também as alterações e o tipo de atividade que desempenham juntos ao longo do tempo. Cia, Williams e Aiello (2005) afirmam, com base na literatura pesquisada, que na idade pré-escolar é mais fácil a criança acompanhar o pai, independente do tipo de atividade que irá realizar e do local.

Nos cuidados relacionados às atividades de levar as crianças à escola, o pai era o principal responsável, em ambos os tipos de família, mas a mãe ou a avó também compartilhavam essa atividade. As atividades de lazer com a criança, nas famílias nucleares, eram realizadas principalmente pelo casal, e nas extensivas por diversos arranjos familiares, mais uma vez se constatando, nesse estudo, a variabilidade de contatos a que a criança era submetida quando vivia em famílias extensivas. Embora o percentual de famílias extensas venha diminuindo no Brasil, eles ainda representam 2.971.769 domicílios, ou seja,

aproximadamente 7% dos domicílios do país, segundo fonte do IBGE (2003), aumentando ou diminuindo esse percentual em diferentes regiões do país.

Vários autores têm destacado que o cuidado com os filhos e com as tarefas domésticas é mais assumido pelas mães (PETZOLD, 1996; DESSEN; LEWIS, 1998; GABEL; SOARES, 2006; OLIVEIRA, 2007, entre outros). Os dados desta pesquisa corroboram com os dados destes autores, mas acrescentam que, nas famílias nucleares, as mães e os pais eram os principais responsáveis pela atividade de limpar a casa e comprar comida.

Os dados referentes aos cuidados dispensados às crianças e a casa, assemelham-se ao exposto por Martin e Ângelo (1999), Amazonas e cols. (2003), Fleck e Wagner (2003), Sarti (2003), Braz, Dessen e Silva (2005) e Fonseca (2008), pois, estes autores enfatizam que a responsabilidade pela execução desses cuidados, cabe à figura feminina, e muitas vezes, elas também assumem as responsabilidades financeiras do lar. Fleck e Wagner (2003) ressaltam ainda que mesmo nos lares em que as mulheres contribuem com a maior parte da renda, os homens acabam não assumindo a responsabilidade pelos afazeres domésticos na mesma proporção que elas assumem a condição de principal provedora; eles colaboram na execução das atividades domésticas, mas a responsabilidade por elas é das mulheres, tendo que conciliar as demandas do trabalho com os afazeres domésticos e cuidados com os filhos.

As atividades de lazer realizadas pelas famílias nucleares e extensivas e os principais eventos ocorridos nos últimos seis meses

Em relação às atividades de lazer realizadas pelas famílias nucleares e extensivas, nota-se que ambos os tipos de famílias relataram como principal atividade realizada dentro de casa, assistir à TV/DVD e fora de casa, passear na casa de parentes/amigos, entretanto, as famílias nucleares relataram realizar uma maior variedade de atividades dentro e fora de casa.

Este fato foi verificado, provavelmente em função de a família nuclear ter uma maior necessidade de sair, ver outros lugares e pessoas enquanto que na extensiva, o movimento da casa já era grande e essa necessidade provavelmente menor.

Quanto aos eventos importantes ocorridos nos últimos seis meses com as famílias, verificou-se que eles se relacionavam a mãe começar a trabalhar fora, falecimento ou doenças e uma gravidez. Montandon (2005) já destacava a necessidade de se considerar esses eventos, que podem influenciar em muito a dinâmica familiar.

Rede social de apoio familiar e extra-familiar: figuras que a compõe e os tipos de auxílios oferecidos

Outro fator importante no desenvolvimento familiar é a participação da rede social de apoio, por auxiliarem nos cuidados com a casa e principalmente com as crianças. Esta rede pode ser formada por pessoas do convívio familiar e extra-familiar. Na presente pesquisa, as mães das famílias nucleares e extensivas, destacaram mais as figuras femininas, tias, avós e bisavós, como sendo as figuras que compunham a rede social de apoio familiar, que as auxiliavam quando precisavam de ajuda. Na rede extra-familiar, as famílias nucleares destacaram mais os amigos e vizinhos e as famílias extensas, os vizinhos. Em relação ao tipo de apoio familiar recebido, notou-se que nas famílias nucleares eles eram bem diversificados, destacando-se o levar e buscar as crianças na creche e o financeiro; enquanto que nas extensivas, eles concentravam-se nos cuidados dispensados às crianças. Porém, esta situação inverteu-se no apoio vindo da rede extra-familiar, pois, notou-se que eles eram mais diversificados nas famílias extensivas. Estudos como os desenvolvidos por Dessen e Braz (2000), Amazonas e cols, (2003), Piccinini e cols (2007) e Fonseca (2008), confirmam a

importância das pesquisas que tenham como foco a rede social de apoio e os tipos de apoios oferecidos por ela.

Concepções dos genitores: desenvolvimento infantil

Concepções maternas e paternas, importância dos dois primeiros anos de vida e principais influências neste processo

Em relação às concepções dos genitores referentes ao desenvolvimento infantil os dados apontaram que para as mães prevaleceram a concepção ambientalista e para os pais a inatista, sendo que, somente para dois casais as concepções de ambos os genitores se assemelhavam (para o casal 1 a inatista e para o 2 a ambientalista). Becker (2001) destaca que esta é uma postura negativa, pois, considera a criança um ser passivo no seu desenvolvimento. Na pesquisa de Melchiori e cols. (2007), realizada com mães e educadoras de berçário, verificou-se que prevalecia a crença ambientalista. Comparando estes resultados com os da presente pesquisa, levanta-se a hipótese de que para as mulheres paulistas, costuma prevalecer a crença ambientalista em relação ao desenvolvimento infantil. Provavelmente, essa visão pode ser uma questão de gênero, o que não deixa de ser cômodo para os pais julgarem que o desenvolvimento de seus filhos decorre da bagagem hereditária, julgando assim que não têm o que fazer em relação a promoção do desenvolvimento infantil. No entanto, essa afirmação merece maior investigação porque as amostras desses estudos são pequenas. Em um estudo realizado em Israel (GAUNT, 2005), com 209 casais, os resultados indicaram que os pais apresentaram valores que incentivavam a auto-direção da criança, a estimulação e as mães valores mais conservadores como a tradição, a conformidade e a segurança, dados opostos aos encontrados em nosso estudo.

Quando os genitores foram solicitados a julgarem a importância da fase de 0 a 2 anos da criança em relação ao desenvolvimento posterior, a maioria dos genitores julgou que sim, embora dois pais a julgaram como neutra. As respostas afirmativas destacaram principalmente a importância dessa fase na aprendizagem/desenvolvimento futuros dos filhos. Shore (2000) destaca que até cerca de 20, 25 anos atrás, nem os neurocientistas acreditavam que o cérebro dos bebês pudesse ser tão ativo e complexo como reconhecem na atualidade.

Na literatura, Palácios e Mora (1995), Shore (2000) e Montadon (2005), pontuam sobre a importância dos relacionamentos familiares e extra-familiares e do ambiente, no desenvolvimento infantil. Nessa pesquisa os genitores consideraram que as pessoas do convívio familiar e do extra-familiar exerciam influências, tanto positivas como negativas, assim como, os ambientes que as crianças frequentavam. Estes dados também reforçam a importância da rede social de apoio, que é composta por pessoas do convívio familiar como do extra-familiar (LEWIS, 1987; GOTTLIEB; PANCER, 1988; DESSEN; BRAZ, 2000).

Papéis e funções maternas, paternas e infantis no processo de desenvolvimento

Assim como os genitores consideraram que as pessoas do convívio familiar e extra-familiar influenciavam o desenvolvimento infantil, eles também atribuíram papéis e funções a si e as crianças. Conforme verificado nas respostas fornecidas, aos genitores, cabia o papel, principalmente, de proporcionar um bom relacionamento familiar, através das interações cotidianas, além de estarem presentes no dia-a-dia da criança e serem a base de segurança para seus filhos. Estes dados reforçam as idéias de Oliveira e cols. (2002), Kreppner (2003) e Weber (2005), referentes à importância do clima emocional familiar e dos estilos parentais. A postura negativa dos genitores referida por Becker (2001) também é encontrada nas respostas referentes ao papel que a criança exercia no seu desenvolvimento, pois, das 14 respostas

obtidas, seis (quatro pais e duas mães) foram no sentido de que elas deveriam agir com conformidade, isto é, aprender o que os genitores ensinam e obedecer/ser mais calmas; características descritas também pelos genitores do estudo realizado por Braz, Dessen e Silva (2005).

Expectativas e comportamentos ideais e reais maternos e paternos

No estudo de Braz, Dessen e Silva (2005), realizado com genitores de classe média e baixa, as expectativas dos genitores quanto ao futuro das crianças, relacionavam-se ao sucesso profissional e as relações interpessoais. Na presente pesquisa, em relação às expectativas dos genitores, verificou-se que a maioria das respostas estão relacionadas às futuras relações interpessoais de seus filhos. Para que seus filhos consigam atingir estas expectativas, verificou-se que para ambos os genitores eles deveriam, principalmente, ensinar e dar exemplos. Estes dados confirmam a importância das práticas parentais no relacionamento dos genitores com seus filhos, segundo pontuam Weber e cols. (2004) e Braz, Dessen e Silva (2005), na literatura. Mas, mais que isto, eles demonstram o reconhecimento desta importância, por parte dos genitores.

Concepções dos genitores: relações afetivas

Concepções maternas e paternas e a importância dos dois primeiros anos de vida

As concepções maternas sobre as relações afetivas genitor-criança enfatizaram a importância de ter e demonstrar carinho para a criança, através do abraço, do sorriso, do olhar e do amor em interações diádicas; e as paternas, a importância das interações cotidianas,

dando atenção, sendo companheiro, brincando, conversando, fazendo a criança rir muito e mudando a rotina nos finais de semana, além do contato físico/emocional. É importante ressaltar que os genitores também enfatizaram o quanto é negativo não demonstrar carinho e não interagir com seus filhos.

Em relação à importância que os genitores dão as relações afetivas, na fase de 0 a 2 anos, para o desenvolvimento posterior de seus filhos, as respostas de ambos os genitores enfatizaram a importância da base afetiva, isto é, do carinho, da dedicação, da atenção, da criança saber que é querida pelos pais, de abraçar, beijar, da estrutura de pai e mãe. Novamente os genitores referiram sobre os prejuízos de oferecer uma base afetiva negativa. Melchiori e Dessen (2008) destacam que a relação estabelecida entre os genitores-criança é a base do processo de socialização infantil, e esta relação se dá nos cuidados dispensados pelos genitores às crianças. Nos estudos de Ainsworth e cols (1978) referentes aos padrões de Apego, verificou-se que normalmente os genitores são tidos pelos filhos como uma base de segurança, pois sabem que quando necessitam de afeto, cuidados e proteção, encontrarão nas figuras materna e/ou paterna estarão disponíveis e acolhedoras. No entanto, outras respostas dos genitores enfatizaram a aprendizagem/desenvolvimento, não ressaltando a importância da relação afetiva nesse processo. Esse tipo de resposta em relação à importância da base afetiva para o desenvolvimento posterior da criança pareceu indicar a dificuldade deles em compreender o que é uma relação afetiva.

Percepção dos genitores a respeito da sua relação afetiva com os filhos, principais influências e papéis/funções maternas, paternas e infantis neste processo

Os genitores também relataram como percebiam o seu relacionamento afetivo com os filhos. Das respostas fornecidas por eles, a maioria classificava a relação afetiva como muito boa, por terem carinho pelos filhos, ensinarem o que pode e o que não pode e brincarem com

eles, mas também pelo fato de as crianças retribuírem o carinho, rindo, abraçando, brincando, ou mesmo pelo modo da criança falar e se expressar. A literatura tem destacado que o vínculo entre os genitores e a criança se estabelece no processo de trocas bidirecionais (KREPPNER, 1992, 2003; MELCHIORI; DESSEN, 2008), aspecto enfatizado pelos genitores neste estudo. Contudo, duas respostas maternas relacionavam-se com a falta de tempo disponível, devido à necessidade de ter que exercer atividades remuneradas. Em outros momentos, ambos os genitores destacaram esse aspecto, também com forte carga emocional. Este dado corrobora os de Amazonas e cols. (2003) que referem que nas camadas populares muitas vezes as mulheres necessitam trabalhar o dia todo longe dos filhos; e com Sorj, Fontes e Machado (2007), pois, para estes autores “o modelo ‘tradicional’ do homem provedor e da mulher dedicada aos cuidados da família foi sendo substituído por um modelo no qual mulheres e homens se inserem no mercado de trabalho, mas os cuidados com a família permanecem, em grande medida, uma tarefa realizada apenas pelas primeiras (p 574)”.

Na pesquisa realizada por Mondin (2005), o tempo disponível que as mães possuem, é utilizado nas tarefas domésticas, auxiliando nos deveres escolares e separando brigas dos filhos; nem mesmo aos domingos conseguem modificar esta rotina; o que não foi encontrado nos relatos da maioria dos genitores da presente pesquisa, pois, eles mesmos conseguiam discriminar que sabiam aproveitar com qualidade o pouco tempo que possuíam para estarem com as crianças, sendo amigo(a), brincando bastante, estando presentes e se dedicando à elas.

Em um estudo realizado com mães norte-americanas, de classe média, Huston e Aronson (2005), avaliaram a relação do tempo que as mães trabalhavam fora ou não e a interação com seus bebês. Eles concluíram que as mães que passavam diariamente um tempo fora de casa, proporcionavam um ambiente no lar, mais estimulador à criança, e um comportamento maternal mais positivo. No entanto, os próprios autores destacaram que essas mães não tinham necessidades financeiras prementes e trabalhavam no que gostavam. Estudos

nacionais dessa natureza, com genitores de diferentes classes econômicas e regiões são extremamente necessários para clarificar essa situação no contexto cultural brasileiro.

A importância do clima familiar, isto é, as características que são muitas vezes associadas com aspectos globais e não verbais de trocas afetivas na família, destacada por Kreppner (2003) na literatura, pode ser constatada na presente pesquisa, através dos relatos dos genitores sobre o que consideravam que influencia/interfere no relacionamento afetivo deles com seus filhos, uma vez que para os pais, era principalmente o relacionamento familiar, através das interações cotidianas e da presença dos genitores, e o contato físico e emocional; e para as mães, o contato físico e emocional.

Para os genitores, as pessoas do convívio familiar (incluindo eles e as crianças) e extra-familiar da criança e os ambientes que frequentavam ou não, influenciavam de forma positiva ou negativa a relação afetiva. Os genitores destacaram, como sendo papel deles, proporcionar um bom relacionamento familiar, interagindo com seus filhos, ensinando/dando exemplos. Em relação às crianças eles julgavam que elas deveriam agir com conformidade/passividade, isto é, correspondendo às expectativas dos genitores, aprendendo o que os genitores ensinavam e obedecendo, segundo as mães, e com reciprocidade para os pais, isto é, retribuindo a atenção recebida. Vários autores (RUSSEL, 1997; KELLER; ZACH, 2002; DEMULDER et al., 2000; DESSEN; MELCHIORI, 2008) apontam a importância dos genitores nos cuidados rotineiros com as crianças e da participação da criança no processo de estabelecimento das relações emocionais.

Expectativas e comportamentos ideais maternos e paternos

Dentre as expectativas quanto ao futuro das relações afetivas de seus filhos com outras pessoas relatadas pelos genitores, a maioria das respostas, de ambos os genitores, relacionavam-se ao futuro nas relações interpessoais, destacando, a importância de ser uma

pessoa de bem, que valoriza a família. Para que seus filhos atingissem tais expectativas, eles acreditavam que deveriam principalmente, ensiná-los e dar exemplos. A preocupação em ensinar/dar exemplos é positiva, uma vez que é uma característica não encontrada nos pais negligentes (WEBER et al., 2004).

Nos relatos dos genitores referentes a esta parte da Entrevista sobre Valores e Práticas Parentais, é fundamental ressaltar o quanto os genitores evidenciaram a necessidade de dispensar às crianças cuidados relacionados ao afeto e à estrutura familiar, transmitido valores como amor, carinho, atenção, dedicação de tempo e estrutura de pai e mãe, muito mais do que os valores materiais (financeiro). Também ficou evidente a necessidade de estarem mais tempo com os filhos, oferecendo os cuidados e atenção que necessitam, pois, as atividades remuneradas que exerciam, tomavam-lhes grande parte de seu dia, restando poucas horas para acompanharem o crescimento e o desenvolvimento de suas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o presente trabalho, concluímos que se trata de uma pesquisa que oferece contribuições positivas para a literatura relacionada à família, principalmente no que se refere às concepções e valores relacionados ao desenvolvimento infantil e as relações afetivas estabelecidas entre os genitores e as crianças; especialmente para a literatura nacional, uma vez que foram observadas durante a revisão da literatura, lacunas relacionadas a este tema, e que necessitam ser supridas. Outro dado muito relevante foi em relação à diferença da participação paterna no cuidado com os filhos e nas tarefas domésticas em famílias nucleares e extensivas.

Considera-se que a adoção do modelo sistêmico foi pertinente, pois possibilitou uma maior compreensão das interações e relações entre os membros da família, uma vez que o indivíduo é visto em desenvolvimento e em constante interação com seu sistema familiar, influenciando e sendo influenciado por ele.

Retomando e analisando os objetivos propostos no início deste estudo, concluímos que ao final dele, todos foram contemplados com os dados coletados e analisados.

A análise dos instrumentos utilizados para a coleta dos dados, possibilitou tanto a verificação de pontos positivos como de pontos passíveis às críticas construtivas, com a finalidade de aprimorá-los para coletas em novos estudos. A entrevista de Caracterização do Sistema Familiar possibilitou-nos o acesso a dados riquíssimos da estrutura familiar, como por exemplo, conhecer as diferenças entre as famílias nucleares e extensivas. Entretanto, em alguns momentos, não permitiu-nos diferenciar quando as respostas maternas eram referentes às avós ou aos avôs, ou ainda, se estavam se referindo a ambos simultaneamente, o que possibilitaria maior clareza em alguns detalhes. Em relação à entrevista sobre Valores e Práticas Parentais, é de extrema importância ressaltar a inclusão paterna, pois, o que se

observa na literatura quando se trata da sua participação na coleta dos dados, é que esta é realizada através dos relatos maternos referentes às suas percepções sobre o papel paterno no relacionamento pai-criança. Esta inclusão oferece contribuições positivas para a literatura. Também é fundamental destacar nessa entrevista que, na primeira parte, não foi averiguado com os genitores como é o desenvolvimento de seu filho para eles, isto é, se consideram que o desenvolvimento está dentro do esperado, ou, se a criança apresenta desenvolvimento superior ou inferior ao que é esperado para a idade dela, conforme a visão que eles possuem de desenvolvimento. Assim como, na segunda parte, faltou verificar o que os genitores julgam que realmente tem feito de fato para que seus filhos atinjam suas expectativas, nos relacionamentos afetivos futuros, com esposa, marido, filhos. Esses dados enriqueceriam os resultados finais.

Por fim, analisando a utilização dos instrumentos, concluímos que foram bem empregados para os objetivos propostos. Contudo, sabemos que a utilização de técnicas de observação, por exemplo, possivelmente possibilitaria acessar informações de natureza distintas ou ampliadas. Como esse estudo é parte de um maior, sessões de observação até foram conduzidas, mas não analisadas neste trabalho.

Os procedimentos de coleta e análise dos dados são coerentes e consistentes com os objetivos propostos, porém, foi possível apenas no máximo dois encontros com cada um dos participantes, o que se justifica devido à realidade científica brasileira - escassez de tempo e de recursos financeiros. Estudos longitudinais são extremamente necessários, possibilitando, que a família seja acompanhada durante um período maior de tempo, objetivando apreender mudanças no desenvolvimento individual e das relações familiares (FLEITH; COSTA-JUNIOR, 2005).

Como observado na literatura (BRONFENBRENNER, 2000; KREPPNER, 2003; DESSEN e BRAZ, 2005) e constatado na prática, realizar pesquisas que tenham como foco a

família, proporciona constantes desafios, contudo, é um campo que oferece ao pesquisador inúmeras variáveis a serem estudadas. Apesar de ser uma amostra pequena, em virtude da complexidade e tamanho da realidade brasileira, esse trabalho traça diretrizes para que novos estudos sejam realizados com o objetivo de conhecer a dinâmica e a constituição de novos arranjos familiares.

REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Critério de Classificação Econômica Brasil. Dados com base no Levantamento Sócio Econômico – 2000 – IBOPE. 2003. <acesso em 17/01/2009 http://www.abep.org/codigosguias/ABEP_CCEB.pdf>
- AINSWORTH, M. D S; WITTIG, B. **Determinants of infant behaviour IV**. London: Methuen, 1969.
- AINSWORTH, M. D. S. et al. **Patterns of attachment: a Psychological Study of the Strange Situation**. Hillsdale: Erlbaum, 1978.
- AMAZONAS, M. C. L. A et al. Arranjos familiares de crianças das camadas populares. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n.especial, p.11-20, 2003.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A, 1981.
- ASPESI, C. C., DESSEN M. A.; CHAGAS, J. F. A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L. (Orgs.) **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005 p. 19-36.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTOS, A. C. C. Idéias sobre a criação de filhos: uma intervenção cultural. **Psico**, v. 22, p. 63-87, 1991.
- BECKER F. **A epistemologia do professor**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BERTHOUD, C. M. E. Visitando a fase de aquisição. In: CERVENY, C.M.O.; BERTHOUD, C.M.E. (Orgs.) **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p.29-58.

BOWLBY, J. Padrões de apego e condições contribuintes. In: _____, **Apego a natureza do vínculo**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. v. 1, p. 351-370.

BRADT, J. O. Tornado-se pais: famílias com filhos pequenos In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.) **As mudanças no ciclo de vida familiar**: Uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001, p.206-222.

BRAZ, M. P. **As relações conjugais e parentais de famílias com crianças pré-escolares**: uma comparação do relato de pais e mães de classes sociais baixa e média, 2002. Dissertação de Mestrado não-publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília. Brasília, DF.

BRAZ, M. P; DESSEN, M^a.; A.; SILVA, N. L. P. Relações Conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p.151-161, 2005.

BRETHERTON, I. The origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. **Developmental Psychology**, v. 28, n. 5, p. 759-775, 1992.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. (M. A.V. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. (Trabalho original publicado em 1996).

BRONFENBRENNER, U. Developmental science in the 21st century: emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Social Development**, n. 9, p. 115-125, 2000.

BRONFENBRENNER, U. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model, **Psychological Review**, Washington, D.C., American Psychological Association, n.101, p. 568-586, 1994.

BRUNO, D.D . Guarda compartilhada. **Revista Brasileira de Direito de Família**, Porto Alegre, v. 3, n. 12, p. 27-39, 2002.

BUSTAMANTE, V.; TRAD, L. A. B. Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 1865-74, 2005.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar - uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.) **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001, p. 7 – 27. (Trabalho original publicado em 1995).

CERVENY, C. M. O. Pensando a família sistemicamente. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Orgs.) **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 15-28.

CIA, F.; WILLIAMS, L. C. A. ; AIELLO, A. L. R. . Intervenção focada na família: um estudo de caso com mãe adolescente e criança de risco. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, SP, v. 11, n. 1, p. 49-66, 2005.

CREPALDI, M. A. et al. A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 579-87, set./dez., 2006.

DE MULDER, E. K. et al. Q-sort assessment of attachment security during the preschool years links from home to school. **Developmental Psychology**, v. 36, p. 274-282, 2000.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L. (Org.). **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005, p.113-131.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 221-231, 2000.

DESSEN, M.A. **Questionário de Caracterização do Sistema Familiar**. Laboratório de Desenvolvimento Familiar, Universidade de Brasília. Trabalho não publicado, 2005.

DESSEN, M.A.; LEWIS, C. Como estudar a 'família' e o 'pai'?. **Paidéia – Cadernos de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v. 8, n 14/15, p. 105-21, fev/ago, 1998.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P.; TUDGE, J. **Valores, crenças e práticas parentais**: questões conceituais, teóricas e metodológicas, 2008 (texto apostilado).

DESSEN, M. A.; MELCHIORI, L. E. **Relações de apego**: questões conceituais e metodológicas, 2008 (texto apostilado).

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, n. 8, p. 31-38, 2003.

FLEITH, D.S., COSTA JUNIOR, A.L. Métodos de pesquisa em psicologia do desenvolvimento: o que é relevante considerar? In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, A. L. (Org.). **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005, p. 37-52.

FONSECA, M S. **Mães adolescentes**: estrutura e funcionamento familiar, 2008. 180f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru.

GABEL, C. L. M.; SOARES, D. H. P. Contribuições da terapia familiar sistêmica para a escolha profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 57-64, 2006.

GAUNT, R. The hole of value priorities in paternal and maternal involvement in child care. **Journal of Marriage and Family**, v. 67, p. 643-655, 2005.

GEORGAS, J. Family: Variations and changes across cultures. In: LONNER, W. J.; DINNEL, D. L.; HAYES, S. A.; SATTTLER, D. N.(Orgs.) **Online Readings in Psychology and Culture** (Unit 13, Chaper 3). Bellingham, Washington, USA, 2003. <acesso em 21/10/2008 <http://www.wvu.edu/~culture>>

GOODNOW, J.; COLLINS, W. A. **Development according to parents.** The nature, sources, and consequences of parent's ideas. Hove: Erlbaum, 1990.

GOTTLIEB, B.; PANCER, S.M.. Social networks and the transition to parenthood. In: G. Michaels & W. Goldberg (Orgs.), **The transitions to parenthood.** Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1988, p. 235-269.

HARKNESS, S; SUPER, C. **Parent's cultural belief systems.** The origins, expressions, and consequences. New York: The Guilford Press, 1996.

HINES, P.M. O ciclo de vida nas famílias negras pobres. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.) **As mudanças no ciclo de vida familiar:** uma estrutura para a terapia familiar 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001, p. 440-467. (Trabalho original publicado em 1995).

HUSTON, A. C.; ARONSON, S. R. Mothers' time with infant and time in employment as predictors of mother-child relationships and children's early development. **Child Development**, v. 76, p. 467-482, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000:** famílias e domicílios (resultados da amostra). Rio de Janeiro, RJ (Brasil): IBGE, 2003.

KELLER, H; ZACH, U. Gender and Birth Order as Determinants of Parental Behavior. **International Journal of Behavioral Development**; v. 26, p. 177-184, 2002.

KLAUS, M. H., KENNEL, J. H. & KLAUS, P. **Vínculo:** construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KREPPNER, K. Development in a developing context: rethinking the family's role for children's development. In: WINEGAR, S. T.; VALSINER, J. (Orgs.) **Children's developmental within social context.** Hildale: Sorenson Erlbaum, 1992, p. 161-179.

KREPPNER, K. Social relations and affective development in the first two years in family contexts. In: J. Valsiner e K.J Connolly (Orgs.). **Handbook of development psychology**. Londres: Sage, 2003, p. 194-214.

KRESTAN, J. A.; BEPKO, C. Problemas de alcoolismo e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.) **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001, p. 415-434. (Trabalho original publicado em 1995).

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 413-24, 2002.

LEWIS, C. Fathers and preschoolers. In: LAMB, M.E (Org.), **The role of the Ffather in child development**. New York: Wiley, 1997, p. 121-142.

LUSTER, T.; RHOADES, K., HAAS, B. The Relation between parental values and parenting behavior: a test of the Kohn Hypothesis. **Journal of Marriage and the Family**, v 51, n. 1, p. 139-147, 1989.

MARTIN, V. B.; ÂNGELO, M. A organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v 7, p. 89-95, 1999.

MCGOLDRICK, M. As mulheres e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.) **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001, p. 30-64. (Trabalho original publicado em 1995).

MELCHIORI, L. E. et al. Família e creche: crenças a respeito de temperamento e desempenho de bebês. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 245-252, 2007.

MELCHIORI, L. E.; BIASOLI-ALVES, Z. M., M. Crenças de educadoras de creche sobre temperamento e desenvolvimento de bebês. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 17, n. 3, p. 285-292, 2001.

MELCHIORI, L. E.; DESSEN, M. A. **A Teoria do Apego: contribuições para a compreensão do desenvolvimento humano.** In: CAPELLINI, V. L. M. F; MANZONI, R. M (Orgs.). **Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: diferentes olhares sobre o processo educacional.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

MELCHIORI, L. E.; DESSEN, M. A. **Relações de apego de crianças de 0-2 anos em diferentes contextos de desenvolvimento: família e creche.** Projeto elaborado como parte do pós-doutorado da primeira autora, orientado pela segunda autora, 2005.

MINUCHIN, P. Families and individual development: provocations from the field of family therapy. **Child Development**, v. 56, p. 289-92, 1985.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MONDIN, E. M. C. Interações afetivas na família e na pré-escola. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 1, p.131-138, 2005.

MONTANDON, C. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, maio/ago. 2005.

NASCIMENTO, A. M. **População e família brasileira: ontem e hoje.** Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/decspdf/ABEP200.-476.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2009.

NEGREIROS, T. C. G; FÉRES-CARNEIRO, T. masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, n. 1, 1º semestre 2004.

OLIVEIRA, E. A. et al. Estilos parentais autoritários e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, 1-11. 2002

OLIVEIRA, M. R. **Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós.** 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Brasília.

PALACIOS, J. MORA, J. Desenvolvimento físico e psicomotor na infância. In: COIL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A., **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva** (Tradução Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v. 1, cap. 2, p. 29-41.

PALACIOS, J. Parents' ideas about the development and education of their children. Answers to some questions. **International Journal of Behavioral Development**, n. 13, p.137-155, 1990.

PETZOLD, M. The psychological definition of "the family". In: Cusinato, M (Org.), **Research on family: Resources and needs across the world.** Milão: LED – Edizioni Universitarie, p. 25-44, 1996.

PICCININI, C. A. et. al . O nascimento do segundo filho e as relações familiares. *Psicologia. Teoria e Pesquisa*, v. 23, p. 253-262, 2007.

PLECK, E. H; PLECK, J. H. Fatherhood ideals in the United States: historical dimensions. In M. E. LAMB, M. E. (ed), **The role of the father in child development.** New York: John Wiley & Sons, 1997, p. 33-48.

PONCIANO, E. L. T.; FÉRES-CARNEIRO, T. Modelos de família e intervenção terapêutica. **Interações**, v. 8, n.16, p. 57-80, jul-dez, 2003.

PRADO, A. B.; PIOVANOTTI, M. R. A.; VIEIRA, M. L. Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. **Psicologia em Estudo: Maringá**, v. 12, n. 1, p. 41-50, jan./abr. 2007.

PRADO, A. B.; VIEIRA, M. L. Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. **Revista de Ciências Humanas**, v 34, p. 313-34, 2003.

RAMOS, P. C. C. **Conceitos de pai, mãe e irmão(ã) em crianças pré-escolares de famílias de baixa renda**. 2008. 205fl. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília/DF.

RIBAS, R. C. Socioeconomic status in brazilian psychological research. Part 2: SES and parenting knowledge. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, p. 385-392, 2003.

RODRIGUES, M. M. P. Investimento parental: determinantes biológicos e sociais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 3, p. 199-204, 1998.

RUSSEL, A. individual and family factors contributing to mother's and father's positive parenting. **International Journal of Behavioral Development**, v. 21, p. 111-132, 1997.

SAGI, A. et al. Ecological constraints for intergenerational transmission of attachment. **International Journal of Behavioral Development**, v. 20, p. 287-299, 1997.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez Editora; 2003.

SEIDL-DE-MOURA, M.L. et al. Conhecimento materno sobre desenvolvimento. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p. 421-429, 2004.

SHORE, R. **Repensando o cérebro**. (Tradução Iara Regina Brazil). Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

SIGOLO, S.R.R.L., BIASOLI-ALVES, Z.M.M. Análise de dados de interação mãe-criança: construção de sistemas de categorias. In: ROMANELLI, G. (Org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa. 1998. p. 87-118.

SIMÕES, C. et. al. Comentários dos resultados de nupcialidade e fecundidade. In: **Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Censo Demográfico 2000: nupcialidade e fecundidade (resultados da amostra)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003, p. 35-113.

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 573-594, 2007.

SZYMANSKY H. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO M.C.B., (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez Editora; p. 23-8, 1995

THOMAZ, A. C. P. et al. Relações afetivas entre mães e recém-nascidos a termo e pré-termo: variáveis sociais e perinatais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 1, p. 139-146, 2005.

TUDGE, J. et al. Parents' participation in cultural practices with their preschoolers. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 1-10, 2000.

VALLE, T. G. M. **Reciprocidade sócio-afetiva da criança com fissura lábio-palatal e sua família**, 2000. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade de São Paulo, USP, São Paulo/SP.

WAGNER, A. et al. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, p. 181-86, 2005.

WATERS, E. et al. (Orgs.) Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: new growing points of attachment theory and research. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, v. 60 (2-6, Serial nº 244), 1995.

WEBER, L. N. D. **Eduque com carinho**: para pais filhos. Curitiba: Editora Juruá. 2005.

WEBER, L. N. D. et al., O. J. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.17, n.3, 2004.

WEBER, L.N.D. A evolução das relações parentais: uma abordagem etológica. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 22, p. 19-26, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Universidade Estadual Paulista
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - BAURU**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no Departamento de Psicologia da Unesp, campus de Bauru. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Você poderá desistir a qualquer momento que julgar necessário. Em caso de dúvida você pode procurar a pesquisadora responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Titulo do Projeto: **RELAÇÕES DE APEGO DE CRIANÇAS NOS DOIS PRIMEIROS ANOS DE VIDA NO CONTEXTO INSTITUCIONAL E FAMILIAR**

Pesquisador Responsável: **Ligia Ebner Melchiori**

Telefone para contato: **(14) 3103-6087**

A pesquisa tem como objetivo principal descrever os padrões de interações e relações de apego entre o educador e a criança e entre os genitores e a criança. Serão aplicados questionários a serem respondidos por membros da família e educadores, e filmagem de 5 minutos de situação de brincadeira com a criança. A identificação e descrição dos padrões de interações e relações de apego criança-educador e criança-genitores ampliará o conhecimento que se tem a esse respeito e poderá ajudar no treinamento de educadores de berçário, curso de pais e até mesmo em situações clínicas.

A coleta de dados se dará em no máximo três encontros. Informamos que os dados obtidos serão estritamente confidenciais e nossa conduta será fiel aos princípios éticos que regem a profissão de psicólogos, somente terão acesso aos mesmos os pesquisadores que estarão realizando o estudo. Informamos também que este trabalho poderá ser apresentado em congressos ou ser utilizado em caráter didático. Antecipadamente agradecemos a sua atenção.

Profª. Dra. Ligia Ebner Melchiori, Unesp, campus de Bauru: _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/ _____

CPF/ _____, abaixo assinado, concordo em participar desse estudo.

Fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data _____

Nome e Assinatura do participante ou responsável: _____

Anexo 2 – Comitê de Ética em Pesquisa



O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em sua 21ª Reunião Ordinária realizada no dia 03 de julho de 2006, na Sala 01 do Prédio da Pós-Graduação da Faculdade de Ciências da UNESP, Câmpus de Bauru, às 09h30, após análise do parecer emitido pelo relator **APROVA** o projeto “Relação de apego de crianças, nos dois primeiros anos de vida, no contexto institucional” sob responsabilidade da Professora Doutora Lígia Ebner Melchiori.

Bauru (SP), 03 de julho de 2006


PROF. DR. AMAURI GOUVEIA JUNIOR
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
Faculdade de Ciências

O presente trabalho - Concepções maternas e paternas sobre desenvolvimento infantil e relações afetivas - é parte deste projeto, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.


unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Comitê de Ética e Pesquisa

Av. Engº Luiz Edmundo Corrêa Coube, s/nº - Vargem Limpa - Bauru/SP - Cep: 17033-360
Fone: (14) 221-8000 (Ramal 8349) - e-mail: ceiart@fc.unesp.br

Anexo 3 - Questionário de Caracterização do Sistema Familiar
 Maria Auxiliadora Desssen - 2005
 Laboratório de Desenvolvimento Familiar – Instituto de Psicologia
 Universidade de Brasília - UnB

Criança: _____ Família: n.º _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Aplicador: _____

Data: ____/____/____ Início: ____ hs ____ min. Término: ____ hs ____ min

I – CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA FAMÍLIA

1. Nome da mãe (iniciais): _____ Idade (anos, meses): _____

Nome do pai (iniciais): _____ Idade (anos, meses): _____

2. Estado Civil Atual:

a) () casados () vivem juntos

b) () 1º companheiro () 2º companheiro () 3º companheiro () 4º companheiro ou +

c) Há quanto tempo você vive com seu(ua) companheiro(a) atual? (anos e meses) _____

d) Quantos filhos teve com cada companheiro(a)? _____

3. Escolaridade

Mãe:

Completo: () Primeiro Grau () Segundo Grau () Graduação

Incompleto: () Primeiro Grau () Segundo Grau () Graduação

Pai:

Completo: () Primeiro Grau () Segundo Grau () Graduação

Incompleto: () Primeiro Grau () Segundo Grau () Graduação

4. Ocupação atual:

a) Categorias	Mãe	Pai
1 – Serviços Básicos		
Administrativos		
Serviços técnicos em geral		
Serviços de comércio e vendas		
Operacionais Gerais		
2 – Profissionais Liberais		
3 – Profissionais da Educação		
4 – Trabalho em casa		
5- Outros (especificar) _____		
6 – Desempregados		
7 – Aposentados		

b) Mãe:

Há quanto tempo? _____ Horas que trabalha por dia: _____

Quantos dias na semana: () 2ª à 6ª () 2º à sábado () 2ª à domingo () trabalho por escala

c) Pai

Há quanto tempo? _____ Horas que trabalha por dia: _____

Quantos dias na semana: () 2ª à 6ª () 2º à sábado () 2ª à domingo () trabalho por escala

5. Religião:

a) Possui religião? () Não () Sim Qual? _____

b) Frequência: () mensalmente () quinzenalmente () semanalmente () esporadicamente () não freqüente

6. Renda Familiar Atual (por mês):

Mãe = R\$ _____ Pai = R\$ _____

Outros (que contribuam): Quem? _____

Valor = R\$: _____

Total = R\$ _____ Em salários mínimos: _____

7. Moradia

a) Tipo de moradia: () Casa () Apartamento () Barraco () Sem teto

b) Situação da moradia: () Própria () Alugada () Invasão () Outros

c) Área urbana: () Bairro Nobre () Periferia

d) Área rural: _____ (especificar)

e) Há quanto tempo residem nesta localidade? _____

8. Quem mora na casa? Há quanto tempo (anos; meses)?

Parentes por parte de pai

Parentes por parte da mãe

Não familiares

() avô _____

() avô _____

() babá _____

() avó _____

() avó _____

() _____

() tio _____

() tio _____

() _____

() tia _____

() tia _____

() _____

() outros _____

() outros _____

() _____

9. Constelação Familiar

a) Número de pessoas na família: _____

b) Crianças residentes: _____

c) Idade, sexo e escolaridade dos filhos (que moram na casa)

Primogênito _____

Segundo _____

Terceiro _____

Outros _____

d) Atualmente onde os filhos estudam, em que período e desde que idade?

- Tipo de Escola: (1) Creche (2) Pré-Escola (3) Escola Formal

- Instituição: (1) Pública (2) Privada

- Período: (1) Integral (2) Parcial

Filho	Tipo de Escola	Instituição	Período
Primogênito			
Segundo			
Terceiro			

e) Há alguma criança que não está freqüentando creche ou instituição escolar?

(especificar motivo)

f) Há alguma criança morando com parentes ou amigos?

(especificar motivo)

II – CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR

a) Quanto aos cuidados dispensados aos filhos

1. Quem cuida dos filhos quando a criança não está na pré-escola?

() mãe () pai () irmãos () avô () avó () babá () empregada doméstica () vizinhos () outros ____

Em que local?

() Na

própria residência da criança () na residência de quem cuida da criança () outros ____

b) Quanto às atividades de lazer da família

1. Local

Local	Atividades
Dentro de casa	
Na vizinhança	
Residência de parentes/amigos	
Locais públicos	

2. Tipos de Atividades e Freqüência:

ATIVIDADES SOCIAIS	Nunca	Menos que uma vez/mês	1 a 3 vezes/mês	1 vez/semana	Diariamente
Religiosas					
Grupos de estudo/assistência à comunidade					
Missas/cultos em geral					
Eventos sociais/festas					
Encontros sociais com familiares/amigos					
Visitas					
Comemorações em geral					
Encontros em locais públicos/alimentação					

Culturais					
Festas típicas					
Cinema, teatro					
Visitas a centros culturais					

3. Com quem a família compartilha as atividades de lazer?

Todos os membros da família Toda família com avós

(que residem no mesmo local)

Apenas mãe e filhos

Toda família com parentes em geral

Apenas pai e filhos

Toda família com amigos

4. O quê a família faz durante a semana?

c) Divisão das tarefas domésticas

1. Atribuições

Que pessoas fazem as atividades abaixo:

M P I A Em Vz O

a) Cuidado com filhos

- Alimentação/banho
- Levar à escola
- Ler/contar histórias
- Levar às atividades de lazer
- Colocar a criança para dormir

b) Limpar a casa

c) Cozinhar

d) Lavar/Passar Roupas

e) Comprar Comida

f) Orientar a empregada nas tarefas domésticas

➤ Legenda: M= mãe; P= pai; I= irmão; A=avós; Em= empregada; Vz= vizinhos; O= outros

2. A família tem empregada doméstica? Sim Não Há quanto tempo? _____

Período de tempo: Integral Parcial Diarista

d) Dados de Saúde da família

1. Uso de substâncias na família:

Tipo de substância	Criança	*	*	*
Cigarro				
Álcool				
Drogas				

*Demais membros da família

2. Tipos de atendimento às famílias:

Tipos de atendimento	Criança	*	*	*
Médico				
Psicólogo/Psiquiátrico				
Outros				

*Demais membros da família

3. Doenças na família:

Doenças	Criança	*	*	*
Cardiovascular				
Transtornos mentais e de comportamento				
Respiratórias				
Ósteo-musculares				
Alergias				
Endócrina-hormonal				
Deficiências/Síndromes				
Outras				

*Membros da família

e) Sobre os eventos ocorridos com a criança do estudo

Evento	Nos últimos 6 meses	De 6 a 12 meses	Há mais de 1 ano (especifique)	Nunca aconteceu
Mudança de escola				
Agressão por parte de: a) mãe ou pai b) irmão ou irmã f) outros				
Mudança de cidade				
A mãe começou a trabalhar fora de casa				
Perda de emprego de um dos genitores (especificar)				
Problemas financeiros				
Nascimento de um irmão				
Hospitalização ou enfermidade na família:				
Morte na família a) irmão ou irmã b) avós, c) amigos íntimos d) outros (especifique)				
Brigas entre os pais sem agressões físicas com agressões físicas				
Problemas de saúde Do pai: () físico () mental Da mãe: () físico () mental				
Consumo de álcool Quem?				
Consumo de drogas ilegais Quem?				
Violação de leis Quais?				
Outras experiências que tiveram impacto na vida da criança. Liste-as:				

III – CARACTERÍSTICAS DA REDE SOCIAL DE APOIO DA FAMÍLIA: (Com quem você conta quando precisa de ajuda?)

OBS: Colocar a ordem de importância nos quadradinhos correspondentes

Membros familiares	Tipo de Apoio
1º	
2º	
3º	
4º	
5º	

Rede Social Não Familiar (amigos, vizinhos, empregada, babá, outros)	Tipo de Apoio
1º	
2º	
3º	
4º	
5º	

Instituições

Creche

Pré-escolar (criança de 2 a 6 anos)

Escola primária e secundária

Centro de saúde

Outros _____

Profissionais

Médico

Professor

Outros _____

**Anexo 4 - Roteiro de Entrevista sobre Valores e Práticas Parentais
(a ser respondida pelos genitores, individualmente)**

Lígia Ebner Melchori e Maria Auxiliadora Desssen - 2005

Obs: Esse roteiro de entrevista foi elaborado com a finalidade de identificar os valores, crenças e práticas educativas dos genitores a respeito do desenvolvimento do bebê e da formação dos vínculos afetivos. Como valor, estamos procurando identificar o que cada um deles almeja para o filho(a). Como crenças estamos considerando o que eles acreditam que têm que fazer para serem bem sucedidos em relação a alcançarem os valores que almejam para a criança. Por práticas educativas estamos nos referindo ao que eles realmente estão fazendo para alcançarem os valores pretendidos.

I – Desenvolvimento da criança

1. O que você pensa ser o desenvolvimento da criança? Você poderia me explicar o que é desenvolvimento na sua opinião?
2. O que você acha que influencia/interfere, no desenvolvimento da criança?
Aspectos positivos-
Aspectos negativos-
Quem [pessoa(s), ambiente(s), etc.] influencia positivamente?
Quem [pessoa(s), ambiente(s), etc.] influencia negativamente?
3. Qual a sua função/papel no desenvolvimento do seu filho(a)?
E o papel dele(a)?
4. Qual a importância da fase de 0 a 2 anos, no desenvolvimento posterior do seu filho?
5. O que você deseja/almeja para o seu filho(a) quando ele(a) crescer?
6. O que você acredita ter que fazer para conseguir que seu filho(a) seja o que você quer [citar as próprias palavras do genitor(a)] quando crescer?
7. Mas o que você tem feito, de fato, para que seu filho(a) se torne.... [citar as próprias palavras do genitor(a), obtidas como resposta da pergunta número 5]?
8. Você gostaria de acrescentar alguma outra informação?

II – Sobre as relações afetivas

1. O que você pensa/julga ser uma relação afetiva com uma criança?
Boa/ adequada-
Ruim/inadequada-
2. O que você acha que influencia/interfere na relação afetiva entre você e seu filho(a)?
Aspectos positivos-
Aspectos negativos-
Quem [pessoa(s), ambiente(s), etc.] influencia positivamente?
Quem [pessoa(s), ambiente(s), etc.] influencia negativamente?
3. Qual a sua função/papel na relação afetiva com seu filho(a)?
E o papel dele(a)?
4. Qual a importância do desenvolvimento das relações afetivas, na fase de 0 a 2 anos, para o desenvolvimento posterior da criança?
5. O que você deseja/almeja para as relações afetivas de seu filho(a) com outras pessoas (filhos, esposa, marido) quando eles crescerem?
6. O que você acredita ter que fazer para conseguir que seu filho(a) tenha relações afetivas no futuro do jeito que você descreveu [citar as próprias palavras do genitor(a)]?
7. Você poderia me descrever como é a sua relação afetiva com seu filho(a)?
8. Você gostaria de acrescentar alguma outra informação?

APÊNDICES

Apêndice 1 – Categorias

I - Desenvolvimento da criança

1- Crenças subjacentes a noção de desenvolvimento infantil dos genitores:

- Inatista (nasce com características específicas, estágios de maturação pré-programados)
- Ambientalista (aprendizado, a educação, o afeto com que é tratado, a importância do brincar, a presença dos genitores)
- Interacionista (ênfase no amadurecimento e na aprendizagem)

2- O que influencia/interfere no desenvolvimento da criança:

- RELACIONAMENTO FAMILIAR

- Convivência
 - Positiva (genitores e criança, união/estrutura da família, convivência familiar)
 - Negativa (brigas/discussões na família, desunião, genitores não se darem bem)
- Interações Cotidianas
 - Positivas (dar atenção, brincar, conversar, estimular a criança)
 - Negativas (bater, brigar)
- Presença dos Genitores (ter pai e mãe juntos)

- ASPECTOS EDUCATIVOS

- Ensinar/Dar Exemplos
 - Positivos (dar exemplo, ensinar o certo e o errado)
 - Negativos (genitores irresponsáveis, ensinar a violência, a agressividade)
- Regras/Limites (chamar a atenção, dizer que não pode)
- Transmissão de Valores (honestidade)

- ASPECTOS AFETIVOS

- Contato Físico/Emocional (carinho/amor que genitores proporcionam para a criança)

- CARACTERÍSTICAS DOS GENITORES (ter paciência, tolerância)

- NÃO RESPONDEU

3- Papel dos genitores no desenvolvimento da criança:

- RELACIONAMENTO FAMILIAR

- Interações Cotidianas (dar atenção, brincar, conversar, levar pra passear, dançar com ela, agradar)
- Presença dos Genitores (ficar com criança, estar presente no dia a dia)
- Base de segurança (fornecer segurança à criança)

- PAPEL EDUCATIVO

- Ensinar/Dar exemplos
 - Positivo (ensinar o que é certo e errado, o que pode e o que não pode, ensinar a brincar, explicar as coisas)
 - Negativo (criança que vê briga, violência, vai se espelhar nisso)
- Regras/Limites (deixar de castigo, chegar mais firme com criança, colocar limites)

- PAPEL AFETIVO

- Contato Físico/Emocional (dar carinho)

- GERAL
 - Geral (procuo fazer de tudo um pouco, vou fazer tudo que puder)

4- Papel da criança em seu desenvolvimento:

- CONFORMIDADE
 - Aprender o que os genitores ensinam (demonstrar que está aprendendo o que é certo, o que é errado, que está recebendo carinho, saber transmitir, ser ouvinte)
 - Obedecer/ser mais calma (colaborar mais, ser mais calma, se obediente)
- DESEMPENHO ACADÊMICO
 - Ir bem estudos (ir pra escola, estudar)
- AUTONOMIA
 - Auto direção (conseguir os objetivos dela)
 - Brincar (brincar)
- NÃO RESPONDEU

5- Importância da fase de 0 a 2 anos para o desenvolvimento infantil:

- IMPORTANTE
 - Aprendizagem/Desenvolvimento (desenvolvimento do cérebro, aprende o certo e o errado, adquire conhecimentos)
 - Auto-conhecimento (se descobrem)
 - Base afetiva (fase que a criança se sente protegida, amada, segura)
 - Geral (fase importante, base do desenvolvimento posterior)
- NEUTRA (não vai se lembrar, não sabe o que vai ser no futuro)
- NÃO RESPONDEU

6- Expectativas e valores quanto ao futuro da criança:

- FUTURO PROFISSIONAL:
 - Competitivo/Esforado (lutar pelo que deseja, se esforçar)
 - Ter capacidade de Adquirir Bens (ter as coisas, ter o que precisar)
 - Ter emprego (ter bom emprego, trabalhar)
- DESEMPENHO ACADÊMICO:
 - Inteligente (aprender fácil, ser esperto, ser crítico)
 - Se dedique ao estudo (estudar)
- FUTURO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS:
 - Ser feliz (pessoa feliz, criança feliz, muito feliz)
 - Ser pessoa de bem (boa pessoa, homem de bem)
 - Valorizar a família (cuide da família dele, tenha amor à família)
- VALORES HUMANITÁRIOS:
 - Honesto (honesta)
 - Religioso (seguir os preceitos da religião)
- TER AUTONOMIA
 - Auto-direção (consiga o que ele/a quer)
- GERAL (o melhor, tudo de bom)

7- Ações que os genitores acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir suas expectativas:

- ENSINAR/DAR EXEMPLO (dar exemplo, ensinar o certo e o errado, educar, levar a escola)
- SER BOM PAI/MÃE (ser boa mãe, bom pai, amigo(a), fazer o melhor pela criança)
- SER A BASE SEGURA (estar ao lado, se dedicar, ajudar, apoiar)
- TER CONTATO FÍSICO/EMOCIONAL (dar amor, carinho)
- INTERAGIR COTIDIANAMENTE (brincar, conversar)
- PROVER FINANCEIRAMENTE (lutar muito, trabalhar)
- DISPONIBILIDADE DE TEMPO (estar mais presente na vida da criança)

8- Ações que os genitores tem feito efetivamente:

- ENSINAR/DAR EXEMPLO (dar exemplo, ensinar o certo e o errado, educar, levar a escola, não levar para a malícia)
- INTERAGIR COTIDIANAMENTE (brincar, conversar)
- SER BOM PAI/MÃE (ser boa mãe, bom pai, amigo(a), fazer o melhor pela criança)
- PROVER FINANCEIRAMENTE (lutar muito, trabalhar, não deixar faltar nada)
- DISPONIBILIDADE DE TEMPO (estar mais presente na vida da criança)
- TER CONTATO FÍSICO/EMOCIONAL (agradar, dar carinho)
- COLOCAR REGRAS/LIMITES (colocar limites)

II – Sobre as relações afetivas

1- Concepções dos genitores sobre relacionamento afetivos genitor-criança:

- CONTATO FÍSICO/EMOCIONAL
 - proporcionado (demonstrar carinho, amor à criança)
 - não proporcionado (não dar carinho)
- INTERAÇÕES COTIDIANAS
 - positivas (dar atenção, brincar, se dedicar, conversar)
 - negativas (bater, brigar, não dar atenção, só pensar na parte material)
- CARACTERÍSTICAS DOS GENITORES
 - positivas (ser paciente, sincero, calmo, verdadeiro, companheiro, compreender o que a criança quer)
 - negativas (não ter paciência)
- DISPONIBILIDADE DE TEMPO
 - estar presente no dia a dia com a criança (tempo com a criança, ficar junto com ela)
 - estar ausente do dia a dia com a criança (falta de tempo com criança, não estar presente)
- CONVIVÊNCIA FAMILIAR
 - positiva (evitar discutir na frente da criança, estar feliz)
 - negativa (má convivência, ambiente pesado)
- SER BOM PAI/MÃE (ser bom pai, boa mãe, amigo(a))
- BASE DE SEGURANÇA (oferecer segurança à criança)
- COLOCAR LIMITES/REGRAS (deixar de castigo, colocar limites)
- ENSINAR/DAR EXEMPLO
 - negativo (não ensinar)
- RECIPROCIDADE CRIANÇA-GENITOR (criança apegada com genitor, interage com ele, demonstra carinho)
- GERAL (é muito boa)

2- Concepções dos genitores a respeito de sua relação afetiva com seu filho

- MUITO BOA (ter carinho, faz tudo o que está ao alcance, ensinar, mostrar o caminho certo)
- FALTA TEMPO DISPONÍVEL (quando a ênfase maior é na falta de tempo – quando genitor tem tempo ele brinca com a criança)
- INDEFINIDO (não foi possível definir a resposta do genitor)

3- O que influencia/interfere no relacionamento afetivo genitor-criança:

- ASPECTOS AFETIVOS
 - Contato físico-emocional (dar amor/carinho)
 - Reciprocidade genitor-criança (vínculo estabelecido entre as díades criança-mãe, criança-pai)
- ASPECTOS EDUCATIVOS
 - Ensinar/dar exemplo:
 - positivo (ensinar o que pode e o que não pode, o certo e o errado, ser bom exemplo para a criança)
 - negativo (genitor beber, fumar brigar e/ou bater na criança)

- Colocar regras/limites:
 - positivo (corrigir a criança, chamar atenção)
 - negativo (alguém interferir quando chama atenção)
- RELACIONAMENTO FAMILIAR
 - Interações cotidianas:
 - positivas (brincar, passear)
 - negativas (não dar atenção, não brincar)
 - Presença dos genitores:
 - estar presente (ficar com criança, estar sempre presente)
 - estar ausente (falta de tempo, não estar presente)
- CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS
 - Dos genitores (ser atencioso)
 - Das crianças (ser amoroso(a), carinhoso(a))
- NÃO RESPONDEU

4- Papel dos genitores no relacionamento afetivo genitor-criança:

- PROPORCIONAR BOM RELACIONAMENTO FAMILIAR
 - Interações cotidianas:
 - positivas (dar atenção, brincar, se dedicar, conversar, cuidar, proteger)
 - negativas (não dar atenção)
 - Presença:
 - Estar presente (ter tempo com criança, estar perto)
 - Estar ausente (falta de tempo com criança)
- PAPEL EDUCATIVO
 - Ensinar/dar exemplos (educar, dar exemplos, transmitir conhecimentos)
 - Colocar regras/limites (colocar limites)
- CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS
 - Dos genitores:
 - positivas (ser amibo, bom pai/mãe, ter paciência)
 - negativas (ser descabeçado, ser arrogante, desonesto, não ser amigo)
- PAPEL AFETIVO
 - Contato físico/emocional (dar carinho)
 - Base de segurança (ser a estrutura, a base da criança)
- GERAL (é tudo, fazer o possível, estar perto)

5- Papel das crianças nas relações afetivas:

- CONFORMIDADE
 - Aprender o que genitores ensinam (distinguir o certo e o errado, aprender, entender)
 - Obedecer (obedecer, ser bom filho (a), atencioso (a))
 - Corresponder às expectativas (ser a criança que todo o genitor quer ter)
 - Reciprocidade criança-genitor (carinhosa, ser companheira)
- NÃO RESPONDEU

6- Importância das relações afetivas, na fase de 0 a 2 anos, para o desenvolvimento posterior da criança:

- BASE AFETIVA
 - Positiva (carinho, dedicação, estrutura de pai e mãe)
 - Negativa (ambiente desagradável, de raiva, de brigas, de intrigas)

- APRENDIZAGEM/DESENVOLVIMENTO (fase de descobertas, tudo quer, aprendizagem)
- FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE (criar personalidade, caráter)
- GERAL (muito importante, acho que sim)
- NÃO RESPONDEU

7- Expectativas dos genitores quanto ao futuro da criança:

- FUTURO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS
 - Seja pessoa de bem (homem bom, boa pessoa, tenha um coração bom)
 - Valorize a família (tenha uma família feliz, bem estruturada, seja um excelente marido)
 - Saiba escolher companhias (amigos, marido)
 - Ser feliz (seja feliz)
- FUTURO PROFISSIONAL
 - Competitivo/esforçado (lute por ele mesmo)
 - Bom Profissional (autêntico, bom profissional)
- VALORES HUMANITÁRIOS
 - Honesto (pessoa honesta, que não mata, que não rouba, que não minta)
- GERAL (tudo de bom)
- NÃO RESPONDEU

8- Ações que os genitores acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir suas expectativas:

- CONTATO FÍSICO-EMOCIONAL (genitores terem carinho pela criança, dar carinho)
- ENSINAR/DAR-EXEMPLOS (ensinar, mostrar o caminho certo)
- INTERAÇÕES COTIDIANAS (conversar, dar conselhos, dar carinho)
- RESPEITAR DECISÕES (avisar, mas deixar a criança enxergar por ela mesma se resta certa)
- DISPONIBILIDADE DE TEMPO
 - negativo (não ter tempo)
- GERAL (é tudo, faz o que têm que ser feito)

Apêndice 2 - Tabela 21. Crenças dos genitores relacionadas ao desenvolvimento infantil.

Categorias de respostas	Respostas	Frequência de respostas
Inatista	M 1 – Como ele sempre se comporta, eu assim, conforme ele vai vendo as coisas, eu acho que desenvolvimento é isso, eu acho que conforme o tempo vai passar eu acho que é o jeito que ele se comporta. A maneira dele ser, o jeito que ele vai ser, eu acho que é ai que ele vai se desenvolvendo. Vendo os outros, eu acho que é isso.	5
	P 1 – Ah, eu acho que o desenvolvimento infantil hoje em dia, as crianças tão nascendo muito esperta né. Não é igual antigamente que as pessoas nasciam, as crianças, as crianças nasciam era parada, ai as criança, nasce tudo agitada tudo, qué tudo do jeito deles. Assim acho que cada dia que passa as coisas vão mudando né, eles vão ficando mais espertos mais inteligentes, mais...	
	P 5 – Desenvolvimento...que jeito que você fala? Desenvolver é a criança ficar esperta, né, ser esperta, inteligente. Que nem, ela é muito esperta, inteligente, só que é levada, ela, mas é bem inteligente, desenvolve bem	
	P 6 – É tudo né, tem que movimentar mais, né, e ver que ela quer, e dar o que ela precisa pra sobreviver, porque agora, que ela não consegue falar algumas coisas direito, então tem que saber o que ela quer, né, realmente, daí ela ainda é pequena e vai se desenvolver mais, né, vai crescendo	
	P 7 – Na minha opinião desenvolvimento é a capacidade que o individuo adquire de aprender as coisas.	
Ambientalista	M 2 – Eu acho que é tudo, né? Tipo assim...é o desenvolvimento deles agora, tipo assim...é o que eles vão ser quando crescer no dia de amanhã, né? É em casa, com os pais, na creche, né? Então com certeza, no dia de amanhã, eles vão ser uma boa pessoa.	6
	M 5 – Desenvolvimento, na minha opinião? Ah, desenvolvimento é ela aprender a falar bem, ah, desenvolver bem na escola, com os amigos, né, fazer amizades, né, isso é muito importante, porque ela tem que ter um bom desenvolvimento, né, pra ela poder ser uma pessoa, bem formada, assim né, Eu não sei, né, ela tem que aprender a falar bem, ela tem que comer bem, alimentar bem, ela ter que ser uma criança educada, e tem que também tentar, dar o melhor que a gente pode, pra ver se a criança, né, desenvolve bem, pra ser uma criança, uma pessoa de bem no futuro, né mas a gente faz o que pode né?	
	M 6 – Ah, eu acho que o desenvolvimento, na minha opinião é uma boa educação, um bom estudo. É, esse eu acho que é o básico, né, uma boa educação, carinho, pro desenvolvimento dela, né, porque se não tiver isso, como que ela vai se desenvolver, se caminhar, né.	
	P 2 – Ah, desenvolvimento é a criança, ela se desenvolver bem em casa, o pai e mãe brincar com a criança, ensinar o que é certo, o que é errado, transmitir o maior amor e carinho para a criança no dia-a-dia, para ela estar se desenvolvendo cada vez para melhor.	

	<p>P 3 – Acho que pra criança, tendo o pai e a mãe assim junto, a família é essencial, né, senão depois na escola, né, vamos supor que ela não tenha um pai, não tenha a mãe, por motivo de falecimento assim, né, é muito chato, né, “vou na casa do meu pai, vou na casa da minha mãe”, daí vê os amiguinhos se divertir com o pai e a mãe deles, né, então eu acho que o essencial é sempre estar junto ali, sempre trabalhando todo mundo junto, né, nessa parte. Ter o pai e a mãe junto.</p>	
	<p>P 8 – Aprende, sempre ta aprendendo sabe, brincando, aprendendo a falar tudo é desenvolvimento ce vê que ela ta se desenvolvendo (<i>Ahan</i>).</p>	
Interacionista	<p>M 4 – Desenvolvimento é tudo né, vai ser uma criatura, é, como é que se fala... Ah, o desenvolvimento é o crescimento, é a postura da pessoa, é a... o que faz uma pessoa de bem, o desenvolvimento é tudo, o desenvolvimento vai ser a postura da pessoa.</p>	2
	<p>M 7 – Ahh, eh como que ela tahh evoluino, eu creio que o desenvolvimento seja a evolução dela no tanto crescimento como aprendizado.</p>	
Não respondeu	<p>M 3 – Ah, eu acho ele muito inteligente porque tem coisa assim que eu, como fiz magistério, pra idade dele eu acho ele muito inteligente, ele reconhece pessoas, sabe reconhecer lugares, se ele chega em um lugar, ele sabe falar, eu já fui, já estive neste lugar, já reconhece. Eu acho ele bem inteligente.</p>	3
	<p>M 8 – Na minha opinião? Ah, é crescer, brincar, se alimentar bem.</p>	
	<p>P 4– É tudo né, o desenvolvimento da criança é tudo. Ah, é importante né, pra ele quando ele crescer, no meio da sociedade, Aj, eu acho que assim, na criança...Eu acho que é tudo na vida dele.</p>	

Freqüência pelo número de respostas.

Apêndice 3 - Quadro 5. O que os genitores consideram que influenciam/interferem no desenvolvimento infantil.

	POSITIVO		NEGATIVO	
RELACIONAMENTO FAMILIAR	Convivência	M 3 – Ah, a convivência [dos genitores] com ele [criança]...	M 1 – Eu acho que se houver brigas, discussão...e... eu acho que é isso. Os pais não se darem bem, eu acho que a criança acaba ficando um pouco travada. Eu acho que isso interfere.	
		M 5 – Ah, eu acho que a convivência dentro de casa,	M 2 – ...a desunião da família, né, brigas, eu acho que a criança, tipo assim, fica traumatizada, né, acaba sendo prejudicada no dia de amanhã.	
		P 2 – A família unida, a família bem estruturada.	P 2 – ...é um pai e uma mãe que vive brigando, uma família mais desestruturada, a criança...prejudica muito a criança	
	Interações Cotidianas	M 2 – ...eu acho que, assim, você tem que dar muita atenção...	P 3 –...ele ver o pai e mãe brigando.	
		M 3 – eu procuro, às vezes eu converso com ele, brinco,	P 5 – ...vamos supor, se o pai e a mãe não convive bem, então a criança também, já cresce naquele sentimento	
		M 5 – ...[dar] muita atenção, Eu acho que atenção é o principal.	M 3 – . é bater...	
		P 3 – Então, tendo um tempo pra ficar junto com ele, a gente procura se dedicar, né, fazer o máximo, brincar um pouco. <u>Aí, final de semana se divertir com ele</u>	P 3 –brigar com ele...	
	Presença Genitores	P 6 – ...porque nem todos os ambientes assim que a gente vê,	P 6 – Mais atenção né, é né,eu praticamente nem fico perto dela, né, porque eu trabalho a semana inteira e só fico mais perto dela no final de semana, sábado e domingo eu fico mais com ela.	
		P 7 – ..o estímulo [que é dado à criança]...		
		M 1 – Eu acho que é os pais [dia a dia com a criança]...		
M 4 – ...porque tem os dois né [pai e mãe]...				
P 1 – Eu acho que a criança crescendo com pai e mãe né influencia bastante né. Agora... pra num causar danos e roubos, de drogas, essas coisas, eu acho que o certo é sempre cresce com o pai e a mãe né.				
P 3 – Tipo, o dia-a-dia assim, né, com o pai, a mãe. Se eu fizesse uma outra coisa, fosse num churrasco com os amigos, ficar saindo, ir pra porta de bar e esquecer que eu tenho um filho, ia acontecer que ele não ia saber nem que eu era o pai, né				
M 1 – Eu acho que se a gente tem um bom comportamento, eu acho que aí é onde a criança se desenvolve melhor.		P 7 – ...é ensinar a violência ensinar criar um filho agressivo		
ASPECTOS	Ensinar/Dar			

EDUCATIVOS	Exemplos	<p>M 4 – Óia, a educação. Se os pais são responsáveis é lógico que vai criar um filho responsável. Se você é uma pessoa de bem vai influenciar pro bem.</p> <p>P 3 – Tem dar um exemplo positivo pra não haver o negativo.</p> <p>P 5 – As coisas positivas é o comportamento, né, do pai e da mãe...</p> <p>P 7 – ...tudo o que é certo você ensinar que é certo, tudo o que é errado você ensinar que é errado, o ensinamento.</p> <p>P 8 – ...o que a gente pode passa de bom pra ela, ensinando...</p>	um filho pra briga...
	Regras/Limites	<p>M 3 – Eu não sou muito de bater, eu chamo a atenção dele, eu evito de bater porque eu penso assim...</p> <p>M 5 – ...ela é nervosinha, assim, um pouco estressada, sabe, tem vezes que ela faz arte e a gente fala pra ela “não pode”, daí ela fala pra gente “não bate”, “não bate”, é pra não bater, “não bate”.</p>	
ASPECTOS AFETIVOS	Transmitir Valores	M 4 – A honestidade...	M 4 – Se o pai e a mãe é irresponsável que é o caminho de filho...é ser irresponsável também...se for uma pessoa do mal vai influenciar pro mal.
	Contato Físico/Emocional	M 2 – ...eu acho que, assim, você tem que dar carinho para eles.	
		M 3 –acho que bastante carinho.	
		M 5 – o carinho que a gente dá pra ela, e amor	
		P 2 – é o amor que a gente transmite para eles, né	
P 5 – o amor, o carinho que dá pra criança			
CARACTERÍSTICAS DOS GENITORES	M 5 – ...tem que ter muita paciência...		
	P 7 – ...tem que criar um filho com tolerância.		
NÃO RESPONDEU	M 8 – Ah, eu acho que a criança fica mais feliz né, contente. Nem tudo influencia nem tudo né...		

Apêndice 4 - Quadro 6. Função/papel no desenvolvimento infantil que os genitores julgam ser pertinentes a eles.

		POSITIVO	NEGATIVO
RELACIONAMENTO FAMILIAR	Interações Cotidianas	<p>M 2 – Dar atenção, ..., a atenção, a dedicação da gente, né?</p> <p>M 3 – ...brincar...</p> <p>M 4 – Olha, eu sou bem pegajosa, eu sou pegajosa, eu gosto de tudo certinho. E sou bem pegajosa, prum lado é bom né, claro, eu pego no pé, pra ir na escola pra num faltar na escola, pra ir pro curso, eu sou bem de pegar. Não gosto que fica na rua, vai mas eu não gosto. Então sou bem pegajosa, sou bem chatinha mesmo.</p> <p>M 5– Na minha maneira de pensar é ser uma boa mãe. Eu trato ela bem, ela quer mesmo mostrar que ela tá ali, então a gente tem que dar atenção. Sempre dar atenção pra ela, né, o pai leva pra passear, mamãe vai lá dançar com ela pra agradar, eu tento fazer tudo que tá ao meu alcance, eu faço pra agradar ela, né.</p> <p>P 1 – Ah, eu acho muito importante. Porque... nas relações com os filhos, eu brinco.</p> <p>P 3 – Ah, meu papel, acho que é, acho que é mais importante o papel da minha mulher do que o meu, eu mais brinco com ele, na verdade, eu brinco.</p> <p>P 6 – Procurar dar o melhor pra ela, né, entender o que ela quer dizer, né...</p>	
	Presença dos Genitores	<p>M 1 – Ai agora... Difícil de explicar... Eu acho que se eu tivesse mais presente, eu acho que.... Que melhora né. Apesar que o Pedro, não sei se foi o fato de ele ter ido pra creche, ele é um pouco independente. Ele não depende de mim pra tudo né... Então eu acho que a gente tem que ser mais presente.</p> <p>M 3 – A minha função, eu acho que, como é que vou explicar...acho assim que é ficar com ele...</p> <p>P 3 – O meu papel acho que não é tão...acho que é assim importante de estar junto. né, mas não igual o dela [mãe] né....</p>	

		<p>P 7 – A minha função é de tá presente no lado dela acompanhando a cada passo.</p> <p>M 6 – A minha função... eu acho que é primordial, né, porque o pai, a mãe é a base de tudo pra criança, né....., então eu acho que a mãe, o pai são a base da criança, a estrutura, né</p> <p>P 4 – Ah eu acho que é muito grande. Acho que é muito grande. O pai eu acho que é a base né, é a base de tudo ali com os filhos. Porque eu mesmo, pra mim, por mim eu tiro que nem meu pai, ele é velhinho hoje mais eu ainda sinto que se eu tiver perto dele eu me sinto seguro. E eu acho que os meus também é assim.</p> <p>M 2 – ...ensinar o que é certo, o que é errado, né? Daí eu acho que é saber o que é bom, o que é ruim.</p> <p>M 6 – ... né, eles vão se espelhar na gente,.....</p> <p>M 7 – Ensiná as melhores coisas possíveis né procura ensiná o certo o errado.....</p> <p>P 2 – Minha função é passar tudo de melhor para ele, de correto, para que ele aprenda certinho as coisas que... ensinar ele saber bem dividir; o que é certo, o errado, o que pode, o que não pode.</p> <p>P 5 – Eu tenho que conversar com ela, Costumo numm num num querê ensiná batendo, sabe. Ensinar, né, explicar as coisas pra ela pra ver se ela desenvolve.</p> <p>P 7 –... e ensinando o que que é certo e o que que é errado para ela.</p> <p>P 8 – Ensiná bastante ela a falar, ensiná as brincadeiras, ensiná o que é, procura já ensiná o que é certo o que é errado pra no futuro não dá muito trabalho.</p> <p>M 7 – ...e ela é pequininha ainda, mas eu já deixo ela de castigo nu nu bercinho.</p> <p>P 3 – ...e ela [mãe] que educa, na verdade, porque eu não tenho nem coragem de falar um pouco mais alto com ele, ela já chega mais firme com ele.</p>	
<p>PAPEL EDUCATIVO</p>	<p>Ensinar/Dar Exemplos</p>	<p>M 6 – ...se é uma casa de violência, uma família de briga, de coisa errada, eles vão se espelhar naquilo e vão crescer daqueles jeito.....</p>	
	<p>Regras/Limites</p>		

			<p>P 6 – ...fazer mais ou menos os gostos dela um pouco, né, tem que ir sempre controlando e ela vai exigir o que ela quer, tem uma hora que a gente tem que tesourar, né. Não impedir o que ela quer fazer toda hora, né.</p> <p>M 2 – ...carinho, ..é um carinho que ele recebe...</p> <p>M 3 – o carinho</p> <p>M 4 – Olha, é a única coisa que eu posso falar pra você é que... educar um filho não é fácil, não é fácil... o dia que vocês for mãe vocês vão saber, nossa, é complicado. Você ter que trabalhar, ter que ser uma dona de casa, uma esposa, ainda ter que cuidar dos filhos, ter que buscar na escola, é muita coisa, né... Mas a gente chega lá.</p> <p>M 8 – Ah, eu procuro fazer de tudo um pouco.</p> <p>P 1 – ... eu falo “o que eu puder fazer por ele eu vou fazer”, isso eu num tenho dúvida. Eu num tive né, assim se pude da pra ele isso ai vai se....</p>	
PAPEL AFETIVO	Contato físico/ Emocional			
GERAL	Geral			

Apêndice 5 - Quadro 7. Função/papel no desenvolvimento infantil que os genitores julgam ser pertinentes às crianças.

CRIANÇAS	
CONFORMIDADE	CATEGORIAS
	<p>Aprender O Que Os Genitores Ensinam</p> <p>P 2 – Ah, o papel dele, eu acho que é demonstrar que está aprendendo o que é certo, o que é errado, que uma criança tá recebendo carinho, saber transmitir, então esse aspecto é a parte dele.</p> <p>P 5 – E aprender, né.</p> <p>P 7 – O papel dela no momento esta sendo de ouvinte mas no futuro espero que seja de uma pessoa que aprendeu bem o que o pai quis passar</p> <p>P 8 – A função dela é aprender né, cada dia aprende mais cada dia ce tem uma surpresa com ela</p>
	<p>Obedecer/Ser Mais Calma</p> <p>M 5 – O que ela tem que fazer? Acho que ela tem que colaborar mais porque ela é muito estressada, apavorada, estressada. Ela se irrita, ela cai no chão, ela faz birra, sabe, fica esperneando, sabe, quando ela quer uma coisa, ela quer porque quer, sabe, ela é assim. A gente fala pra ela “não pode, não pode”, ela faz aquela birra, se não deixa ela vai chorar, difícil de entender que não pode ser assim, então ela chora, ela faz aquela choradeira, daí ela quer colo, né. Eu acho que pra ela se desenvolver bem, ela tinha que ser mais calma também, que acho que ela é um pouquinho agitada, não sei se é devido à alergia que ela tem, que acontece isso, porque ela é bem agitada mesmo. Ela não é uma criança revoltada, mas não consegue ficar num lugar, eu procuro evitar o máximo possível sair com ela. Então, eu acho que pra ela ser criada melhor, ela tinha que ser uma criança um pouco mais calma. Ela não é, ela é agitada.</p> <p>M 7 – A função dela é se obediente, espero...</p>
	<p>Ir Bem Nos Estudos</p> <p>M 6 – O papel dele é ir pra escola, ir pra escola e estudar, enquanto eu puder meu filho vai estudar</p> <p>P 1 – Ah eu acho que o estudo, a escola você vai ter contato, diretamente falando, pra ela poder ter um... lá fora, pra ela poder caminhar, se virar, como se diz ai né.</p>
AUTONOMIA	<p>Auto-Direção</p> <p>P 6 – Bom, né. Ela conseguir os objetivos dela, né, do jeito que ela ta crescendo, ela continuar sempre a mesma, né.</p>
	<p>Brincar</p> <p>P 3 – Ah, eu penso que ele contribui, ele brinca bastante, até que contribui um pouco, né.</p>
NÃO RESPONDEU	<p>M 1 – Ah... Que será que ele tem que fazer pra se desenvolver.... Ai eu não sei, acho que tendo contato com crianças é melhor que tendo contato só com... não assim, uma criança mantém contato com adultos ela se desenvolve rápido né... Eu acho que o fato do Pedro falar mais cedo, o fato dele falar e as pessoas entender eu acho que é isso, por que morei um ano com minha sogra e só tinha adulto na casa, não tinha criança, então eu acho que ele se desenvolveu mais rápido, pelo fato de ter só adulto perto dele. Agora que ele tem contato com criança, ele entrou na creche com 8 meses e agora que ele tem contato com mais criança né.... Mas antes ele só tinha contato com adulto e eu acho que isso a criança se desenvolve mais cedo</p>
	<p>M 3 – O papel dele...ai eu já não vou saber explicar, não.</p>
	<p>M 6 – Dela... o papel dela.... deixa eu ver... isso eu acho que não vou saber responder</p>
	<p>P 4 – Papel da criança – Pra mim é quase tudo pra mim. Os meus filhos pra mim eles são... o maior motivo de eu querer viver é eles. Eu acho que posso dizer que eu vivo praticamente por eles porque eu adoro eles. Sem eles eu não sei o que eu faria</p>

Apêndice 6 - Quadro 8. Concepções dos genitores quanto a importância ou não da fase de 0 a 2 anos para o desenvolvimento posterior do seu filho

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
IMPORTANTE	<p data-bbox="347 1644 408 1845">Aprendizagem/Desenvolvimento</p> <p data-bbox="347 568 379 1576">M 1 – Eu acho que essa fase é a fase que eles acabam gravando na mente o que eles vêem né...</p> <p data-bbox="408 174 469 1576">M 2 – Ensinar as coisas certas, o errado, para que no dia de amanhã ele cresça e vá aprendendo o que é certo, o que é errado e para ter um bom futuro.</p> <p data-bbox="485 869 517 1576">M 5 – Porque ela ainda é criança, o cérebro tá se desenvolvendo...</p> <p data-bbox="533 383 564 1576">M 6 – É nessa fase que eles estão aprendendo, né, aprendendo a pedir, se espelhando, é daí que vão começar né.</p> <p data-bbox="596 741 628 1576">M 7 – É onde ela aprende tudo né, tanto a falá como andá, o que comer, sabe?</p> <p data-bbox="660 174 807 1576">P 2 – Essa fase, que nem eu tava dizendo, que ele tá, é uma fase que aprende, que pega muito bem as coisas, que aprende bem, então, no dia de amanhã, ele crescer, saber corretamente viver o dia-a-dia assim...o dia de amanhã, ter a família dele, os filhos dele, ter um ambiente de família, saber que o filho... mesmo num todo com a esposa, com os filhos, no lar em geral. Desenvolvimento, eu acho que a gente tem que tá no dia-a-dia, não é só de 0 a 2 anos, mas no dia-a-dia, tá ensinando corretamente, porque cada fase é uma fase, né, e você tem que tá trabalhando sempre em cima da criança para ela tá no dia-a-dia.</p> <p data-bbox="823 174 884 1576">P 4 – É muito boa né... Eu acredito que toda fase, essa e outras que vem, toda fase a pessoa vai tendo... qualquer conhecimento fica com a pessoa.</p> <p data-bbox="916 174 976 1576">P 5 – É importante ensinar pra ela cada vez aprender mais, porque por enquanto ela é nova, né, e vai aprender através da idade, então cada vez mais ela vai se desenvolver, melhor.</p> <p data-bbox="1008 1133 1040 1576">P 6– Pra ela ser mais inteligente, né, já é.</p> <p data-bbox="1072 174 1133 1576">P 7 – ...é a fase de aprendizagem, essa fase de 0 a 2 anos na minha opinião é uma das fases melhor que tem para a criança aprender uma fase que ela aprende o que que é certo o que que é errado, ela aprende o que que é bom e o que que é ruim</p> <p data-bbox="1165 174 1225 1576">P 8 – Ah eu acho que já começou desde já pro futuro dela, pra quando ela crescer né, desde já o que ela vai aprendendo ela vai levá, carregá pro futuro né .</p>
	<p data-bbox="1265 1061 1297 1845">Auto-conhecimento</p> <p data-bbox="1265 1061 1297 1576">M 1 – ..é nessa fase que eles tão se descobrindo.</p>
	<p data-bbox="1308 1697 1340 1845">Base afetiva</p> <p data-bbox="1308 174 1417 1576">M 5 – ...ela tem que se sentir protegida, amada, ela tem que sentir que a mãe é muito importante, o pai também, que são as pessoas com quem ela pode contar. Ela tem que aprender, né, e perceber que a gente é tudo na vida dela, pra ela se sentir segura, isso que é importante, se sentir segura, ver que a gente ama e faz tudo por ela, pra poder, né, se sentir firme.</p>

	Geral	<p>M 2 – Ah, é muito importante.</p> <p>M 4 – É a base né.... É a base.</p> <p>M 8 – Muito importante.</p> <p>P 7 – Eu acho que essa fase é uma das fases mais importantes na criança, uma fase até mesmo psicológica dela.</p>
NEUTRA		<p>P 1 – Oh, essa fase agora, assim, ele tá na creche né, tipo não tem um... ainda um parecer né, de assim, o que que vai ser do futuro dele. Mas essa fase na creche é excelente, não tem problema algum.</p> <p>P 3 – Até que é importante, né. Eu acho que mais pra frente tem uma fase mais importante, depois que ele tiver uns cinco anos, assim, quando ele tiver uns quinze, uns dez anos, ele vai lembrar daquela fase, agora da fase de dois anos ele não vai lembrar tanto, os dois anos pra ele é só o início, né.</p>
NÃO RESPONDEU	M 3 – Importância...também não vou saber responder essa pergunta.	

Apêndice 7 - Quadro 9. Expectativas dos genitores em relação ao futuro de seus filhos,

	SUB-CATEGORIAS
FUTURO PROFISSIONAL	Competitivo/Esforado M 1 – Eu espero que ele, assim, que ele lute pelas coisas dele, que ele seja uma pessoa de fibra, que ele tenha bem os pés no chão pra que ele possa ser alguém.... P 1 – E as demais coisas que ele luta e consiga na vida dele, na vida futura. P 7 – ...que ela seja uma pessoa esforçada, que ela seja uma pessoa capaz de fazer até mesmo o que eu não pude fazer.
	Ter capacidade de Adquirir Bens M 1 – ...e que possa ter as suas coisas, isso tudo assim, que ele precisar, que ele possa ter. P 3 – ...que ele tenha tudo de bom, até melhor que o meu, né, que ele consiga tudo que ele almeja na vida. P 7 – Eu desejo que ela tenha tudo o que eu tenho e que ela tenha mais, cada vez tenha mais, entendeu.
	Ter emprego M 3 – ...trabalhe... M 6 – ...um bom trabalho.
	Inteligente M 2 – Ah, que ele seja uma pessoa assim, né, bastante inteligente, esperta... M 3 – Ah, desejo que ele se torne um cidadão crítico, né, bastante inteligente... M 7 – Que ela possa ser inteligente, possa ser esperta. P 7 – Que ela seja uma pessoa inteligente .
	Se Dedique ao Estudo M 3 – ...que estude... M 6 – Quero um bom estudo...
	Ser Feliz M 6 – ...que seja uma pessoa feliz. P 2 – Ah, eu desejo que ele seja uma criança feliz... P 3 – Ah, que ele seja feliz, né. P 8 – ...que ela seja muito feliz ...
FUTURO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS	

	Ser Pessoa de Bem	M 2 – ...que ele seja um bom adolescente, um bom jovem.
		M 4 – Que seja um homem de bem, independente a profissão, que seja um homem de bem.
	Valorize a Família	M 3 – ...crie a família dele.
		P 2 – ...que tenha muito amor para a família dele...
VALORES HUMANITÁRIOS	Honesto	P 2 – ...honesto...
	Religioso	P 1 – Eu desejo no futuro dele é que ele seja religioso que nem eu.
TER AUTONOMIA	Auto-direção	P 6 – Ah, a conquista dela tem que ser o que ela quer.
		M 5 – Que se desenvolva, o melhor, eu desejo o melhor pra ela.
GERAL		M 8 – Ah, desejo tudo de melhor, tudo de bom.
		P 4 – Tudo de bom. Tudo de bom e mais um pouco.
		P 5 – Eu desejo o melhor possível que todos os pais desejam pra um filho.
		P 8 – Tudo de bom...

Apêndice 10 - Quadro 10. Ações que os genitores acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir suas expectativas

CATEGORIAS	
Ensinar/Dar Exemplos	<p>M 1 – Ensiná as coisas certas, desde que ensinando que ela tem um Deus, ensinando que tudu mundo gosta dela, que em casa é nosso tisouro, acho que é isso que ela tem que saber.</p> <p>M 2 – Ah, ensinando ele, né, o caminho certo, o caminho errado.</p> <p>M 5 – ...dar uma boa educação, pelo menos a gente tenta, né, pra no futuro ela ser uma pessoa educada...</p> <p>M 6 – Uma boa educação...</p> <p>P 1 – Que eu tenho que ensinar pra ele os caminhos que eu...né, os caminhos que eu ando...os caminhos que eu tomo...</p> <p>P 2 – Passar para ele tudo que a gente aprende que é correto, que é certo, que a vida é difícil, né, mas saber o caminho correto...né...as coisas corretas que...</p> <p>P 3 – Tem que seguir a linha, não pode desentortiar, né, botar ele na linha, ali, trabalhando em cima da cabeça dele pra ele fazer a coisa certa...tem que dar educação...né...pra ele...levar à escola</p> <p>P 5 – Ah, ensinar...</p> <p>P 7 – Ta na minha opinião de pai eu tenho que procura a ensiná ela as coisas boas, vou fazê o possível pra ensiná ela o caminho do futuro, pra estudá.</p>
Ser Boa Mãe, Bom Pai	<p>M 4 – O que eu preciso.... Ah, ser uma boa mãe, uma boa amiga....</p> <p>M 6 – se amiga, né, não ser mãe, ser amiga.</p> <p>M 8 – A gente tem que procura faze o melhor ...</p> <p>P 4 – ...fazer as coisas certas e esperar que Deus vai...</p> <p>P 6 –ser um bom pai, um bom amigo.</p>
Base Segura	<p>M 3 – ...muita dedicação,....., não deixar de lado, se tiver algum problema .</p> <p>M 5 – Fazer tudo de bom agora pra ela ser no futuro, plantar agora, pra ela poder colher depois. Fazer tudo de bom pra ela agora...</p> <p>M 6 – ...lutar muito né, pra que tudo que ela almeja eu possa ajudar ela, e ela possa conseguir, né, sempre estar apoiando...sempre estar ao lado...</p> <p>P 6 – O papel de ajudar, né, de dar o maior apoio, força...</p>
Contato Físico/Emocional	<p>M 3 – Ah, eu acho que eu tenho que dar muito carinho</p> <p>P 5 – ...com amor, carinho, né.</p> <p>P 8 – Dá muito amor, carinho...</p>
Interações Cotidianas	<p>M 1 – Acho que conversar...</p> <p>M 3 – ... é, atenção, conversar...</p>

Prover Financeiramente	P 4 – Trabalhar, trabalhar, pedir a Deus...[que não falte nada em casa]
Disponibilidade de Tempo	M 1 – ...tem que ser mais presente pra ele, estar mais perto dele, ter mais convivência com ele. Mesmo que eu trabalho, que eu tenha mais tempo pra ele quando eu tiver dentro de casa. Eu acho que isso que é fundamental pra uma criança, a mãe tem que, assim ela, todo mundo hoje precisa trabalhar mas você tem que aprender a conciliar o seu serviço e o tempo com seu filho.

Apêndice 11 - Quadro 11. Ações que os genitores tem feito efetivamente

CATEGORIAS	
Ensinar/Dar Exemplo	<p>M 2 – Ah, ensinado</p> <p>M 6 – a gente tenta ensinar pra ela o que é certo, o que é errado.</p> <p>M 7 – Tenho ensinado, tenho procurado ensina ela o certo o errado, não bate porque eu acho que bate num leva a nada neh</p> <p>P 1 – Então não tem aquela, procuro não levar muito ele pra malícia né.</p> <p>P 2 – Eu tenho ensinado...passar as coisas corretas para ele</p> <p>P 3 – Até hoje a gente tem conseguido [ensinar o que é certo e errado], vamos ver mais pra frente, quando ele entrar numa fase depois dos dez anos, assim, que entra mais amizade da rua, fica aquela, não sabe se escuta o pai ou a amizade da rua. Aí teria que trabalhar agora pra ele chegar nessa fase e já saber a diferença</p> <p>P 5 – ensinando, né, explicando, falando pra ela é assim, assim pode assim não, pra ver se ela se desenvolve melhor.</p>
Interagir Cotidianamente	<p>M 1 – eu levo ele pra brincar</p> <p>M 5 – Aí, às vezes quando eu posso, eu saio com ela na rua, fico andando, sabe pra agradar ela, daí ela volta tudo feliz, aí ela quer que eu danço com ela, daí a pouco ela não quer mais dançar, aí ela fala que quer assistir a Barbie, eu vou e ponho a Barbie pra ela, faço tudo pra ver se ela vida mais calma porque ela é estressada demais... pra dançar com ela porque ela quer dançar porque ela quer, sabe.</p> <p>M 7 – a gente brinca</p> <p>P 5 – Conversando....</p> <p>P 6 – brinco com ela,</p>
Ser boa mãe/bom pai	<p>M 2 – Com certeza, a gente tem se dedicado o máximo, né, para que ele seja uma criança...</p> <p>M 3 – eu procuro fazer o que eu posso, o que eu não posso também....</p> <p>M 4 – Tudo que uma mãe pode fazer eu to fazendo. Eu to fazendo meu papel de mãe, bem mãezona mesmo.</p>

	<p>M 8 – Ahh, eu acho que já tenho feito sim Não tudo mais assim por....</p> <p>M 6– Ah, a gente trabalha, a gente tentar proporcionar o melhor pra ela,</p> <p>P 4 – Trabalho [para não faltar nada em casa]</p> <p>P 7 – Olha no momento eu tenho trabalhado feito loco pa num deixa falta nada pra ela entendeu,até mesmo eu tenho muito problema de tempo com ela pra que num falte em outros aspectos materiais, entendeu.Nada pra ela falta aqui em casa, nós vivemos uma vida humilde só que não falta nada pra ela e procuro fazer o máximo possível] para que cada vez mais falte menos coisas pra ela</p>
Disponibilidade de Tempo	<p>M 1 – Quem nem agora, antes eu não fazia isso, mas agora que que eu faço, pra mim ter mais um pouco de tempo com ele, eu folgo uma vez por semana, em todas as minhas folgas é onde fico com ele em casa, então na minha folga eu fico com ele, pra que eu tenha um tempo a mais pra ele. Porque é difícil, que nem, eu saio pra trabalhar, ele não me vê e ele fica na creche, então o tempo que eu tenho pra ficar aqui, eu não levo ele na creche, ele fica comigo, pra ele ter um tempo a mais pra ficar comigo. Pra ficar um pouco mais comigo.</p> <p>M 5 – As vezes eu deixo de fazer tudo o serviço pra ficar com ela....</p> <p>M 7 – procuro fazer o possível, apesar de num ter muito tempo com ela porque ela fica mais na creche, mas quando ela ta comigo dia e noite eu procuro fica o máximo de tempo com ela.</p>
Contato Físico/Emocional	<p>M 3 – eu dou muito carinho,</p> <p>M 7 – Procuro...agradar,</p>
Regras/Limites	<p>M 3 – ... eu não sou muito de mimar, porque eu acho que o mimo acaba estragando a criança, né, eu tenho limites,</p>

Apêndice 12 - Quadro 12. Concepções dos genitores sobre relacionamento afetivos genitor-criança

CATEGORIAS	POSITIVO	NEGATIVO
CONTATO FÍSICO/EMOCIONAL	<p>M 1 – Uma relação afetiva... Eu acho que é você ter carinho, demonstrar carinho pra ela....prá demonstrar o quanto você tem carinho, você tem amor por ela.</p> <p>M 2 – É o carinho, né, um abraço, um sorriso, um olhar, eu acho que isso é tudo para uma criança, né? O carinho que a gente passa para eles, eu acho que o carinho é a coisa mais importante, né...</p> <p>M 3 – Uma relação boa é dar bastante carinho.</p> <p>M 4 -...eu acho que o carinho é a coisa mais importante, né.....</p> <p>M 6 – Muito carinho, muito amor...</p> <p>M 8– Tem a ver com carinho.</p> <p>P 3 – Dar carinho...</p> <p>P 7 – prá quando o adulto dá carinho a ela.</p> <p>P 8 – ...dá carinho, bastante amor né...</p> <p>M 2 – ... a atenção, o companheirismo.</p> <p>M 3 – Uma relação boa é dedicação, tem que se dedicar, né.</p>	<p>M 2 - Não dar o carinho.</p> <p>P 7 – ...quando a pessoa não dá carinho porque criança nessa fase de 0 a 2 anos eu acredito que ela tá muito carente, que ela tem muito carinho ela tem carência com afeto, ela tem carência de um abraço.</p>
INTERAÇÕES COTIDIANAS	<p>P 1 – Ah, no meu modo de pensar eu acho que... que a gente tem o lado bom e o lado ruim, muitas das vezes que a gente quer brincar, a gente chega quer conversar, quer dialogar. Ah, sempre tá de, procurar fazer aquilo que tá na capacidade nossa de agradar a ele.</p> <p>P 2 – Ah, relação boa seria você brincar com a criança, fazer a criança rir muito, brincar muito, é uma qualidade de vida de uma criança normal, né...</p>	<p>M 1 –e eu sei que não é uma coisa muito boa pra uma criança você gritar, você bater, não é bom. Então, não é bom, eu acho que seria ruim você bater, você... né... mas assim, que você espancar seria uma ^{néssima}</p> <p>M 2 – O ruim é, tipo assim, não dar atenção para a criança, a dedicação que a criança precisa ...se preocupar mais com o que ter, o que fazer, o que vestir. Acho que tá preocupado é, assim....a criança. Tem gente que veste a criança, sabe, quer que a criança, tipo assim, dá o dinheiro, sabe, e isso não é...</p> <p>M 3 – uma relação ruim é bater muito, acho que é bater muito na criança. Não vou negar que eu nunca bati porque ele às vezes merece levar uns tapinhas, mas acho que bater eu acho que é errado porque se a gente é agressivo com ele, a tendência é ele ser agressivo com a gente.</p> <p>M 6 – Inadequada... não brincar....</p>

	<p>P 3 – ...brincar com ele, mostrar pra ele que estamos feliz... mudar a rotina também, né, não ficar sempre ali na mesma coisa, no final de semana vem e fica em casa, mudar um pouco, né, porque senão ele cansa.</p> <p>P 8 – Boa é o que a gente procura fazer, brincar.</p>	<p>P 1 – Não dar atenção. Eu acho que, pra mim eu acho que é isso aí. É xingar, bater, sabe... Mas também tem muitas das vezes que a gente chega assim num dia meio estressante, então conforme, fica meio difícil ai de [dialogar com ele, brincar]..</p> <p>P 2 – ...e negativo, eu acho que é um pai e uma mãe que não dá atenção, que não brinca com a criança.</p> <p>P 3 – ...né, não ser agressivo, chega num dia mal humorado do serviço, assim. Tem, todo mundo tem problema no serviço, eu tenho, mas não pode assim, misturar família com serviço.</p> <p>M 7 –...as vezes a gente perde a paciência.</p>
CARACTERÍSTICAS DOS GENITORES	<p>M 6 – ... [quando você é capaz de] compreender o que eles querem, né. Então, compreender geralmente o que eles querem, quando eles choram, o que quer.</p> <p>M 7 – ...ter paciência, sabe? Ter calma... eu acho que precisa ser calma né, porque ela [criança] acorda de noite, ela brinca até tarde, cê tá com sono e ela mesmo acordando cedo ela dorme quando chega da creche, aí vai acordar 7 da noite, vai dormir só 10 horas... a gente tem que ter calma, tem que ter paciência e as vezes a gente perde a paciência.</p> <p>P 7 – Eu acho que quanto mais o indivíduo for atencioso, melhor vai ser para o desenvolvimento da criança....adulto, pra quando o adulto tem paciência com ela.</p>	<p>P 7 – E uma relação afetiva ruim é quando a pessoa num paciência é quando a pessoa num tolera.</p>
DISPONIBILIDADE DE TEMPO	<p>M 1 – Eu acho que o tempo que você tem com ela. Eu acho que é o tempo que você passa junto com a criança.</p> <p>M 8 – Tem haver a ficar junto. Cê acha que tem a ver com isso?</p>	<p>M 8 – Inadequada... não estar presente, ser uma pessoa ausente.</p> <p>P 2 – e negativo, eu acho que é um pai e uma mãe que só pensa na parte material; um pai e uma mãe que só trabalha, só pensa nas outras coisas... não dedica parte de um tempo para a criança...</p>
CONVIVÊNCIA FAMILIAR	<p>P 3 – ...vamos suport, eu brigo com ela e vou no serviço descontar no pessoal de lá, tem que mostrar pra ele que está feliz, sempre feliz, a gente nunca, evita assim até de discutir na frente dele, a gente até discutiu algumas vezes, não vou falar pra você que somos perfeitos, né, mas na frente dele a gente tenta evitar, senão fica gravado, né, um ambiente bom, né, não um ambiente pesado.</p> <p>M 4 – É ser mãe, é ser amiga.</p> <p>P 1 – ...é ter um relacionamento firme, um relacionamento verdadeiro, sincero, não só como pai mas de amigo né. Eu acho que é isso, muito importante.</p>	<p>P 5 – Que interfere? As coisas ruins, né. O que afeta? As coisas ruins, né, vamos suport, uma má convivência, né, então a criança já cresce com aquela coisa negativa, aí ela só vai aprender coisa errada.</p>
SER BOM PAI/MÃE		

BASE DE SEGURANÇA	M 2 –a segurança que eles vão ter é o que o pai e a mãe dá a ele.	
COLOCAÇÃO DE REGRAS/LIMITES	M 1 – Bom, eu sou meio enérgica né, então eu acho assim, eu penso de uma forma né, que nem eu preciso, se eu precisar brigar com ele, chamar a atenção dele eu chamo, eu grito.... Assim, só que eu acho assim, toda criança tem que ter um limite, se você não der m tapa uma vez, se você não ensinar pra ela o que não pode, entendeu, eu acho que ela acaba criando um mundo que ela acha que tudo tem que ser em volta dela.... mas se você der um tapa, você falar, você por de castigo, eu acho que não seria uma relação ruim. Bom, é o que eu penso né.	
ENSINAR/DAR EXEMPLOS		M 6 –não ensinar.
RECIPROCIDADE CRIANÇA-GENITOR	M 5 – Ela é muito apegada em mim, não sei se é porque eu fico longe dela o dia inteiro, que quando eu chego, ela quer ficar comigo, se é por isso, a falta que ela sente, né, desde pequenininha que ela fica na creche. Aí eu não sei, deve ser alguma coisa relacionada à distância, né, que eu fico o dia inteiro longe, então aí quando eu chego, ela quer ficar comigo. Não quer mais saber de ficar brincando sozinha, ela brinca um pouquinho e já corre para saber onde é que eu tô, sabe. Porque tem criança, né, que fica brincando lá, não tá nem aí, né, ela não, ela quer ficar mais comigo do que brincar sozinha. Acho que se eu tiver na sala, ela fica lá, se eu tiver aqui, ela fica aqui, se eu tiver lá fora, ela fica lá. Ela quer estar onde eu estou.	
	P 4 – Óia, a relação ruim eu não sei porque eu não tenho, a relação boa eu tenho com eles. Eles me adora. Se eu sair, prá qualquer lugar que eu sair, tem hora que eu tenho que sair escondido se não for pro serviço porque se não eles quer ir comigo. Então dessa relação boa eu sei, porque eles gostam muito de mim. P 7 – Uma relação afetiva boa com a criança é quando ela interage com o adulto.	
GERAL	P 6 – Bom, né, muito boa. Ai, me pegou, como é filha...	

Apêndice 13 - Quadro 13. O que influencia/interfere no relacionamento afetivo genitor-criança

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	POSITIVO	NEGATIVO
ASPECTOS AFETIVOS	Contato físico/emocional	<p>M 2 – ...o amor que a gente transmite a ele, eu tenho certeza.</p> <p>M 4 – O amor né... O amor, o carinho, isso aí é fundamental.</p> <p>P 5 – ...dar amor pra criança...</p> <p>P 7 – eu procuro dá muito carinho pra ela, na medida do possível.</p> <p>P 8 – Ah com certeza né, dando amor e carinho no futuro ela vai ser uma pessoa melhor, uma pessoa boa.</p> <p>M 2 – Ah, sei lá...Esse vínculo que a gente tem, né, o carinho dele, às vezes...positivo, ah,</p> <p>P 4– Olha de forma negativa eu não sei porque isso não acontece e de forma positiva é eu e ela... Ela gosta de mim e eu gosto dela. É o convívio né...</p>	
ASPECTOS EDUCATIVOS	<p>Reciprocidade criança-genitor</p> <p>Ensinar/dar exemplos</p> <p>Colocar limites/regras</p>	<p>M 6 – ensinar, mostrar pra ela o que pode, o que não pode, o que é certo, o que não é.</p> <p>P 2 – ...ensinar bem a criança a brincar e se divertir porque isso faz muito parte e eles sentem muita falta se não tiver, né.....pai e mãe procurar passar tudo de correto para não ter nada errado porque a criança nessa fase de aprendizado é difícil.</p> <p>P 5 – O bom exemplo, né, se eu der um bom exemplo, pra ela quando eu estiver com ela, eu acho que influencia, acho que o que um pai tem que dar pra um filho é isso, né,</p> <p>M 3 –porque eu acho que tem que deixar do jeito que tá, se chamar a atenção, deixá chorar, rolar no chão, porque eu não gosto que vá lá e agrade....</p> <p>P 7 – De vez em quando a gente precisa dá um puxãozinho de orelha prá té educação só que... eu sou uma pessoa que tolero muito ela.</p>	<p>M 2 – Tem, né, tipo assim, um ambiente que um pai briga com a mãe, né,.....às vezes, o pai bebe, fuma, então, eu acho que influencia bastante na criança, né, porque eles vão pegar do pai e da mãe o crescimento deles, né, o pai e a mãe às vezes bebem, o filho continuamente e futuramente vai querer, né, às vezes brigar, bater.</p> <p>M 3 – De negativo é só quando eu chamo a atenção, daí ele faz birra e [alguém] interfere, pra agradecer ele, eu acho que isso tá errado, não acho isso certo, não.....que daí ele volta a fazer a mesma coisa. Principalmente a madrinha, às vezes o pai.</p>

RELACIONAMENTO FAMILIAR	Interações Cotidianas	<p>M 7 – Ah eu acho que tudo, é a gente brincá. Acho que relação mãe e filha mesmo né, na medida do possível tô brincando com ela, levo ela pra passeá....que nem eu ti falei a gente sai di di domingo, vai pra... tanto desfile de rodeio quanto prainha, essas coisas, pra praça, e aí a gente leva [ela] com a gente né, a gente sai sábado a noite e leva ela com a gente, então acho que é isso, ela tá sempre com a gente, acho que ela precisa disso sabe, que ela num vai fica pra trás ne, que pai e mãe sai e deixa ela né. Às vezes a gente até deixa, quando ela tá durmindo, mas só se for sair bem tarde, mas quando a gente sai a gente sempre leva ela. Eu creio que é isso, ela sabe que tá com a gente sabe, que num vai separá.</p> <p>P 1 – ...levá ele pra sai, brincá, diálogo mais fácil.</p> <p>P 2 –quando não tem uma criança os pais procurar juntar os três [pai-mãe-criança] e brincar.....</p> <p>P 6 –... tudo que a gente quer é uma criança feliz, né, seja junto com nós, tanto pra ela, quanto pra mãe dela, a gente brinca com ela pra que ela seja completamente [feliz]...</p>	<p>P 3 – Aspecto negativo é se não tiver atenção em casa, o pai chega mal humorado do serviço, a mulher também chega mal humorada do serviço, isso não é bom né, daí ele procura o pai pra brincar, ele não dá atenção, ou a mãe também não, daí é mais fácil marcar um aspecto negativo na cabeça dele que um positivo.</p>
	Presença dos Genitores	<p>M 6 – Vamos ver...na afetiva, eu acho que nada interfere a gente, né, eu procuro sempre estar presente, né, sempre estar ali do lado dela,</p>	<p>M 1 – Eu acho que a falta até de tempo. O único dia que eu fico mais com ele e na minha folga então eu acho que a falta do tempo, porque eu saio do serviço eu venho pra cá, eu vou pegar ele as cinco horas, então eu acho que a falta do tempo interfere um pouco. E eu vejo que ele é assim, ele é muito mais apegado ao pai do que a mim, acho que o fato de ele acordar e ver o pai dele, apesar dele não ter tanto tempo assim, porque eu chego primeiro que ele, eu vou buscar ele, mas eu acho que a hora que ele acorda que ele vê o pai eu acho que, não sei se interfere um pouco. Porque eu não tô aqui a hora que ele acorda, eu acho que a criança fica aqui, né... 'cadê minha mãe'? Eu acho que é isso aí.</p>

		<p>P 1 – Eu acho que assim, mais os finais de semana né. Teria assim mais tempo com ele né..., Eu acho que os tempos vagos né, se tornam uma [influência] positiva.</p> <p>P 5 – apesar do pouco tempo, o pouco que a gente tem, tem que [aproveitar]</p> <p>P 7 – É justamente esse, os aspectos positivos é que eu sou atencioso...mais eu sou muito atencioso.</p> <p>M 5 – Que influencia? Acho que na positiva, tudo, as coisas mais boas, porque ela é muito amorosa e carinhosa, ela é com a gente.</p> <p>P 5 – Ah, sempre tem, né, se está sozinho é diferente, se tem outras pessoas, muda.</p>	<p>P 1 – Eu acho que o serviço também né. O serviço. Negativamente né. Isso, de trabalhar, de não poder tar constantemente, igual ele vai pra creche, eu só ver ele de noite, tem hora que eu chego em casa e ele já tá dormindo. Aí chega no outro dia cedo tem que pegar ele, levar ele pra creche, então fica meio...</p> <p>P 7 – ...eu num tenho muita disponibilidade de tempo como eu já te disse...</p>
CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS	Dos Genitores		
	Da criança		
NÃO RESPONDEU			

Apêndice 14 - Quadro 14. Papel dos genitores no relacionamento afetivo genitor-criança:

	Interações Cotidianas	POSITIVO	NEGATIVO
PROPORCIONAR BOM RELACIONAMENTO FAMILIAR		<p>M 1 – Eu acho que tem que dar mais atenção a ele nestes momentos, brincar mais... né... ver as coisas que ele faz, prestar mais atenção no jeito que ele tá, eu acho que é isso, eu tenho que tá mais em cima dele pra ver como que ele tá se saindo né...</p> <p>M 2 – Ah, minha função.....se dedicar melhor a ele né.</p> <p>M 5 –atenção, converso bastante com ela, é...eu converso bastante com ela pra ela perceber que eu estou falando com ela que nem com uma pessoa adulta, pra ela se sentir, né, que ela é importante, que é muito importante, né. Às vezes ela começa a falar, aquela linguagem que eu não tô entendendo, ela sabe o que tá falando, só que eu não tô entendendo, mas eu finjo que tô entendendo, aí eu fico conversando “é, é isso mesmo”, às vezes, ela fala “mamãe, mamãe, qué água, dá pás gainha”, aí eu vou com ela, eu falo “pode dar água, mas não joga a mamadeirainha fora”, assim, pra ela sentir que é uma pessoa grande, né, adulta, pra ela achar que eu entendo o que ela tá falando, às vezes, nem to muito mas eu finjo.</p> <p>M 7 – A minha função?!?... Que minha função é cuidá bem dela, protegê, sei lá, creio que mãe é pra isso né...</p> <p>P 2 – ...é brincar muito, participar muito do dia-a-dia dele, sempre tá junto com ele, caminhando.....</p> <p>P 4 – ...ando com eles, brinco, dou banho, ponho pra dormir, eu faço tudo. Quando ela [esposa] não tá eu sou a mãe.</p> <p>P 5 – ...conversando....</p> <p>P 6 – Ah, é ser um pai, é pra brincar, né..... então eu deixo ela porque é bom a gente ver ela brincando</p> <p>P 8 – A gente brinca o dia todo.</p>	<p>M 6 – ...[Se eu for uma mãe] que nunca dá atenção, é claro que ela nunca vai querer se apoiar em mim.....</p>
Presença		<p>M 1 – Então eu acho que é isso aí, eu acho que eu tando perto eu tenho que tar mais, mostrar pra ele que eu realmente, eu tô presente, que eu tô... eu acho que é isso.</p>	<p>M 1 – Então, eu acho que tudo isso assim, a falta... acho que tudo isso é</p>

		<p>P 3 – É muito importante né. A pessoa que vai estar mais perto dele é eu, né, eu e ela [esposa].</p>	<p>relativo a minha falta de tempo. Eu acho assim, se eu não trabalhasse, eu acho que seria diferente. O fato de eu trabalhar, de eu não tá tão perto, tão próxima a ele, que essa fase é a fase que eles tão descobrindo tudo. Entendeu... Porque o que eu vê ele fazer aqui é o que eu sei que ele ta aprendendo ...</p>
<p>PAPEL EDUCATIVO</p>	<p>Ensinar/Dar Exemplos</p>	<p>M 3 – Meu papel...ah, educar, acho que é o principal. Educação, como se diz, educação vem do berço, dar educação.</p> <p>M 6 – ...que ela tá se espelhando, né...</p> <p>M 7 – protege ensiná.. educá..</p> <p>P 2 – Minha função é transmitir, passar para ele tudo de bom,.....ensinando as coisas.</p> <p>P 7 – Minha função é de educador (<i>AHAN</i>). Passar pra ela o que que é ter educação certa, o que que ela deve fazer quando fazer e o que que ela não deve fazê em momento nenhum</p> <p>M 4 – Meu papel de mãe né... meu papel de mãe mesmo....pegar no pé (risos). Pegar no pé mesmo, botar pro caminho bom. Caminhar em frente.</p> <p>P 5 – ...falando “isso pode, isso não pode”</p>	
<p>CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS</p>	<p>Dos Genitores</p>	<p>P 1 – Minha função eu acho que eu sou um amigo, não só um pai mas um amigo mesmo.</p> <p>P 4 – Eu sou um bom pai.....</p> <p>P 5 – ...mas eu procuro ter paciência.... então a gente tem que ter paciência com ela né.</p>	<p>M 6 – ...se eu for uma mãe descabeçada, desmiolada.... nunca vai ter eu como uma amiga,</p> <p>P 6 – ...não ser arrogante e falar “não é pra brincar com essas crianças, que não serve pra você”, então daí eu tô sendo bem desonesto com ela.....</p>

PAPEL AFETIVO	Contato físico/ Emocional	M 5 – Isso mesmo, eu dou bastante carinho....	
		M 8 – Quando eu tenho tempo eu dou muito carinho e ela retribui.	
	Base segurança	M 6 – A gente tem que ser um ponto de estrutura, né.....então eu procuro ser a base pra ela.	
GERAL	Geral	P 4 – É tudo, é tudo....	
		P 5 – Acho bom. Ah, eu procuro fazer o máximo possível pra ela, né,... tento fazer o máximo possível.	

Apêndice 15 - Quadro 15. Papel das crianças nas relações afetivas

CONFORMIDADE	CATEGORIAS	POSITIVAS	NEGATIVAS
	Aprender O Que Os Genitores Ensinam	<p>M 2 – ... saber o que é certo, o que é errado.</p> <p>M 7 – A função dela é aprendê.....</p> <p>P 7 – A função dela é de ser uma menina...que aprenda a coisas fácil que entenda o que o pai e a mãe quer passar</p>	
	Obedecer	<p>M 2 – Ah, tipo assim, né, eu acho que obedecer, sabe, os pais, né,.....</p> <p>M 4 – A função do filho é ser um bom filho e obedecer à mãe, a mãe e o pai né...</p>	
	Corresponder as expectativas	<p>M 1 – Porque por mais que as vezes eu chamo a atenção dele, eu grito com ele, ele chora mas aí ele vem, ele vai no meu colo, ele não fica emburrado. Ele vem pra mim, por mais que seja uma briga feita, ele vem pra mim. Eu acho que ele é assim.</p>	
		<p>M 6 – O papel dela... eu acho que é sempre ser amiga, sempre estar do meu lado</p>	
		<p>M 7 – seja bem atenciosa.</p>	
		<p>P 6 – Ah, continuar sendo do jeito que ela é.</p> <p>P 7 – ...ser uma menina que na medida do possível seja o que que qualquer pai quera ter uma pessoa companheira uma pessoa agradável uma pessoa humana né porque tem muitas crianças aí que tão vivendo num estilo não humano de animal</p>	
	Reciprocidade Criança-Genitor	<p>M 3 – O papel dele é que o que ele faz influencia na nossa relação, o comportamento dele.</p> <p>P 3 – Ah, ele influencia sim, sei lá, o carinho que a gente tem com ele, assim, que ele tem com a gente, entre nós dois, nessa parte assim mais.</p>	

		<p>P 4 – Ah, eu acho que ela retribui do melhor jeito possível. Ai</p> <p>P 8 – E ela também, num pode vê a gente que já vem brincando, já vem querendo muntá a cavalo.</p> <p>P 2 – O papel dele, eu acredito que seja assim, transmitir para a gente sentir que ele ta aprendendo, que ele ta pensando bem o que a gente transmite para ele. Eu acho muitíssimo importante é a estrutura de pai e mãe, que nem eu já disse várias vezes, é tudo né, eles pesam tudo desse dia-a-dia nosso para aprenderem, né, que nem eu falei, a gente tem que ta passo a passo ensinando o correto, né, conversando com a criança bastante, explicando, tipo assim, as coisas do dia-a-dia, que nem eu to dizendo, não de 0 a 2 anos mas com o passar do tempo, assim eles vão aprendendo e com certeza vão ser uns adultos bem estruturado.</p>	
<p>NÃO RESPONDEU</p>		<p>M 1 – Como assim... Qual o papel dele, do Pedro... Eu acho até assim, que ele tá assim... eu acho que tando só nós dois, é diferente, quando não tem ninguém, quando o pai não tá por perto, eu acho que quando ta só nós dois ele é mais carinhoso. Ele é uma criança carinhosa sabe, ele fica, as vezes, depende do tempo, ele fica um pouco mais teimoso, eu acho que ele é mais carinhoso, tando assim [só comigo].</p> <p>M 5 – Da C..ela quer aparecer, sabe, ela quer que a gente mostre ela, igual, aqui na sala, ela não consegue ficar, ela tem que fazer alguma coisa pra gente ficar ligado só nela. Ela é assim.</p> <p>P 5 –..ela é muito esperta, só que criança esperta sempre é malinha....muito esperta....</p> <p>P 1 – Ah, eu acho que o papel dele é normal. Ah é muito importante né, é uma coisa que eu não tenho nem palavras pra expressar o que é. É muito importante isso demais, eu não sei nem o que falar até</p>	<p>P 5 – É que ela é meio nervosa, né, então ela precisa ser mais calma. Ela é bem levada, até na creche mesmo sempre tem reclamação dela, com as outras crianças lá. Então, ela é desse jeito....mas muito levada</p>

Apêndice 16 - Quadro 16. Importância das relações afetivas, na fase de 0 a 2 anos, para o desenvolvimento posterior da criança

CATEGORIAS	IMPORTANTE	NÃO IMPORTANTE
BASE AFETIVA	<p>M 2 – Vai com certeza, vai né, porque eu acho que o carinho e a dedicação que a gente tem para com ele, né, então no dia de amanhã ele vai ser uma boa criança, um adulto assim...vai ter mais paciência, o mesmo carinho, que a gente tem com ele, eu acho que ele vai ter com as outras pessoas.</p>	<p>P 7 – Num ambiente desagradável num ambiente de raiva de brigas de intrigas a criança com certeza vai crescer com um pensamento virado ela vai crescer muito brava, entendeu, acredito que seja isso.</p>
	<p>M 4 – É o começo né, se você é uma boa mãe, lógico que ele vai ser um bom filho. É a base... É o começo.</p>	
	<p>M 5 – ...ah, sim, eu dou bastante carinho, bastante atenção pra ela, pra ela se sentir amada, porque foi assim na minha infância, então hoje eu sou uma pessoa feliz, por que eu sou feliz? Porque eu tive uma boa infância, né...meu pai, nossa, meu pai, ele faleceu quando eu tinha dois anos, mas ele dava muito carinho, amor pra gente, nossa...meu pai era muito amoroso, então eu fui criada com muito carinho, sabe, humilde, sabe, mas criada com muito amor, muito carinho, sabe. Nós era muito apegada com nosso pai, nossa mãe, sabe, era uns filhos que era muito obediente, sabe, nós foi criada em sítio, então eu quero que ela seja assim igual eu, quando ela crescer e tiver adulta, pro resto da vida, que ela seja feliz. Isso, que viva bem, que case, que tenha um relacionamento bom com o marido, né, que seja uma pessoa compreensiva, né, vou passar pra ela, vou fazer de tudo pra ela poder ser do jeito que a gente quer, do jeito que a vida é, que nem tudo que a gente quer, pode ter, saber também.</p>	
	<p>M 7 – Ahh eu creio que é muito importante que ela tem que saber que ela é querida que ela tem carinho.... sabe que a gente gosta dela...as vezes eu chego lá na frente eu chego beijando ela do beijinho pra entra ela eu vejo que tem criança que ta la que fica olhando que eu acho que nunca..nunca teve isso entendeu, tem criança que faz um zoinho que você passa a mão na cabeça e já fica toda contente, eu acho que o carinho é o quee incentiva muito nessa fase neh....</p>	
	<p>P 2 – Eu acho muitíssimo importante é a estrutura de pai e mãe...</p>	
	<p>P 7 – Eu acredito que ... que a relação afetiva constrói na cabecinha da criança..é, é... um ideal para ela, entendeu? Ela vendo uma relação afetiva entre a mãe e o pai, o ambiente com os avós, tudo numa relação de carinho tudo, a criança vai ser uma criança mais amorosa uma criança mais agradável, eu acredito que ela vai ser até uma criança mais calma.</p>	
	<p>P 8 – Ah, bastante, muito importante. Sendo que tem amor e carinho vai se tornar uma pessoa boa, de coração bom</p>	

<p>APRENDIZAGEM/ DESENVOLVIMENTO</p>	<p>M 1 – ...é agora, é agora que ele ta descobrindo tudo, é agora que ele ta começando, então, a criança vai vendo a relação dos pais, a relação ate dos avós, tudo assim. Eu acho que ele vai montando tudo isso na cabeça assim, é onde ele vai aprendendo as coisas e vai vendo a vida de uma outra forma né. Porque por mais que seja uma criança, ele vai gravando certas coisas, tem coisas que choca muito e ele vai gravando aquilo na mente então eu acho que é aí que a criança vai se desenvolvendo. Eu acho que é isso.</p> <p>M 3 – Essa fase é importante porque nessa fase que eles estão descobrindo as coisas, né. Então pra eles tudo é novo, então, tem muita gente que fala que é a pior fase, eu já acho o contrário, acho que é melhor, né, porque ele já ta entendendo, já sabe o que está fazendo, então eu acho que essa fase é muito boa.</p> <p>P 1 – Ah a gente tem que ter bastante compreensão né, com as criança, porque essa fase é uma fase que tudo quer, tudo quer fazer, então essa fase é uma fase que a gente tem que ter bastante compreensão e bastante amor né. Pra que não possa se chocar né.</p> <p>P 2 – ...eles pesam tudo desse dia-a-dia nosso para aprenderem, né, que nem eu falei, a gente tem que ta passo a passo ensinando o correto ... explicando, tipo assim, as coisas do dia-a-dia, que nem eu to dizendo, não de 0 a 2 anos mas com o passar do tempo, assim eles vão aprendendo e com certeza vão ser uns adultos bem estruturado.</p> <p>P 5 – Ah, eu acho que a importância é que ela vai mudar bem, né, porque ela é criança... de um carinho que a gente vai dando, então ela vai mudando e ela vai mudar, sim, com certeza que ela muda, pra melhor. Que por enquanto, muitas coisas que a gente fala, ela não entende direito, então a gente vai com amor, com carinho...Então, acho que através de um diálogo... conversando, dialogando, eu tenho certeza que ela muda, sim, daí vai crescendo, vai se desenvolvendo melhor através do diálogo, da conversa que a gente vai tendo com ela e ela vai cada vez mais entender o que a gente está falando, se a gente disser “filha, não faz isso”, ela vai entender que não tem que fazer. Então vai mudar, sim.</p>
<p>FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE</p>	<p>M 1 – A, eu acho que tudo né, porque eu acho que a criança vai criar personalidade, caráter dele, tudo né....</p>
<p>GERAL</p>	<p>M 8 – Muito importante.</p> <p>P 3 – Acredito que é importante sim, né. De zero a dois anos, de dois a quatro, depois vai indo, né, aí vai trabalhando pra ver como que são os resultados.</p> <p>P 4 – Eu acho que sim.</p>

<p>NÃO RESPONDEU</p>	<p>M 6 – É...eu não sei responder essa daí também.</p> <p>P 6 – Ah, sempre achar o que deve ser pra ela os amigos perto dela, quem ela considera mais se ela não vai com uma pessoa ela já se afasta e procurar a pessoa certa. Porque daí não tem como, né, você falar o que é bom pros amigos pra ela, ela que tem que saber, né, porque ela vai vendo, ela vai brincando se ela não pode ela não vai brincar, porque a gente já viu já como é que ela é, quem não considera, e se ela não considera uma pessoa, se afastar vai pra perto dos primos dela, vai atrás da mãe dela, de mim ou da mãe dela, daí ela começa a olhar, a ver se a pessoa ta brincando com ela porque nem toda pessoa que chega aqui ela já vai brincando com ela, ela dá uma segurada, porque ela já começa a olhar, se a pessoa ta brincando com ela, ela vai deixando, tem que fazer amizade, a própria pessoa que chega tem que fazer amizade, você viu como é que é, que vocês chegou aqui e ela começou a brincar com vocês, né, quando é assim, ela já cai fora, nem quer, chora, nem da mãe dela ela fica perto, coisa que a gente percebe isso aí, ela faz isso mesmo, sabe, mas como vocês chegou brincando, ela viu vocês brincando e ela brincou com vocês, é coisa que ela bate o olho e vê que a pessoa é boa, então ela ...</p>
-----------------------------	---

Apêndice 17 - Quadro 17. Expectativas dos genitores quanto ao futuro da criança

	SUB-CATEGORIAS
FUTURO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS	<p data-bbox="347 1565 373 1785">Ser Pessoa de Bem</p>
<p data-bbox="347 185 501 1373">M 1 – A, eu espero que ele seja um homem bom... E eu espero que ele tendo uma boa criação né, que ele seja uma boa pessoa, que ele tenha um bom coração, bons sentimentos, que ele saiba ajudar as outras pessoas, mesmo que as vezes elas não ajude ele né, mas que ele saiba ser bom pras outras pessoas também né, com ele, porque eu acho que a pessoa tem que se gostar pra poder gostar dos outros né. Então eu acho que ele tem que ser bom com ele, aprender a gostar dele....pra poder que as outras pessoas também se sintam bem.</p>	<p data-bbox="539 154 600 1373">M 6 – É, eu desejo que ela continue assim, seja mais amiga, companheira, que ela possa se espelhar em tudo que nós fizemos, que nós fomos, né, e ver o que é certo, o que é errado.</p>
<p data-bbox="635 154 695 1373">M 7 – Ahh que ela seja bem carinhosa sabe que ela possa ser assim ter um coração mole como se diz né (<i>AHAM</i>) não seja aqueles coração carrancudos assim e cresça bondosa de coração né</p>	<p data-bbox="730 949 756 1373">P 1 – Ah que ele seja uma pessoa boa...</p>
<p data-bbox="794 185 855 1373">P 3 – Ah, que seja uma pessoa boa também, né, de bem, né, nunca pense o mal, nunca deseje fazer mal a ninguém, né, isso é importante, né.</p>	<p data-bbox="874 322 916 1373">P 4 – ...um homem de bem, né, uma boa pessoa. E minha filha uma excelente pessoa né grandona..</p>
<p data-bbox="938 185 999 1373">P 5 – Desejo é que ela puxa o exemplo da mãe dela, uma boa pessoa que nem a mãe dela é, desejo pra ela isso aí.</p>	<p data-bbox="1034 1565 1059 1785">Valorizar a Família</p>
<p data-bbox="1034 185 1158 1373">M 3 – Dele? Desejo pra ele o mesmo que eu tenho agora, o mesmo que eu tenho agora, ah, eu tenho uma família feliz, não acho que eu sou infeliz, não, graças a deus, a gente briga mas na medida do possível, procuramos conversar, nós trabalhamos, né, dividimos as contas, assim, ele paga mais, né, só que eu fico com uma parte também, trabalho pra ter as minhas coisas, pra ter as coisas dele.</p>	<p data-bbox="1193 185 1254 1373">P 2 – Eu desejo assim, que ele seja, assim, tenha uma família bem estruturada... a gente vai procurando fazer o melhor que a gente pode para futuramente ser um pai de família....</p>
<p data-bbox="1289 714 1315 1373">P 4 – Ah sim, eles sendo meus filhos, um excelente marido....</p>	<p data-bbox="1337 185 1398 1373">P 6 – Que seja igual eu e a mãe dela somos um com o outro. Dá bastante carinho e amor pro seu futuro esposo, filhos que vierem a ter né.</p>

		<p>P 7 – Eu desejo que ela se lembre da relação afetiva que nós pai e mãe dela tivemos e se ela pudé ter uma relação afetiva como eu a mãe dela, os avós dela, temos eu acredito que a família dela vai ser bem feliz também.</p>
	Saiba escolher companhias	<p>M 4 – Eu espero que ele tenha o mesmo comportamento que eu, graças a Deus eu tenho muita amizade, graças a Deus, eu quero que ele tenha o mesmo relacionamento de amigos, entre amigos.</p> <p>P 6 – Acho que ela mesma tem que preferir qual que é a pessoa, o marido com quem ela ta se envolvendo, se é pessoa boa ou não é, se é bom de parente, se não é, se é tranqueira, então a gente tem que estar sempre alertando ela, essa pessoa é boa pra você ou não é, a gente tá falando isso pro seu bem, tem que tá sempre ajudando, mas não pode chegar falando coisa que não vê.</p>
	Ser Feliz	<p>M 6 – Ahh desejo que ela seja feliz só.</p>
FUTURO PROFISSIONAL	Competitivo/Esforado	<p>M 1 – ... [que ele aprenda] lutar por ele....</p>
	Bom Profissional	<p>P 2 – ... bem autêntico, bem profissional, que futuramente, na parte profissional, a gente vai ensinando, a gente vai procurando fazer o melhor que a gente pode para futuramente... bem profissional, que tenha...a gente procura fazer o melhor de si para que ele se dê bem futuramente.</p>
VALORES HUMANITÁRIOS	Honesto	<p>P 1 –uma pessoa honesta, que não rouba, que não minta, procurar sempre o certo.</p>
	M 1 –é lógico, toda mãe quer que seu filho seja bom em tudo né...	
GERAL	M 2 – Eu desejo tudo de bom, né! Eu acredito que o que eu tô passando para ele agora, futuramente, acho que é tudo de bom.	
	M 5 – Eu tenho que ensinar desde cedo pra ela, né, que tudo tem a hora. Tem a hora de ganhar o presente, né, quando poder ter, a gente dá, quando não tem, ela tem que entender. É assim, se vou na loja com ela, ela não fica implicando, ela não faz birra, se fala “mamãe vai levar essa bonequinha bonita”, ela fala “bonita, bonita”, ela o único jeito que ela dá, se fala “mamãe não vai levar”, ela só fala “bonita”, sabe, ela não fica fazendo aquela...porque tem criança que faz aquela birra, quer e quer e quer e chuta, ela não, se fala ela entende. Ela só faz birra de denovo, assim, se o pai dela chega perto de mim, ela não quer, ela chora, ela empurra, ela tem ciúmes, a pequenininha, ela não deixa que pega, a pequenininha é um amorzinho, ela quase não dá trabalho, ela tá acordadinha, mas ela quase não chora.	
NÃO RESPONDEU		

Apêndice 18 - Quadro 18. Ações que os genitores acreditam ter que fazer para que seus filhos consigam atingir suas expectativas:

CATEGORIAS	POSITIVO	NEGATIVOS
<p>Contato Físico/Emocional</p>	<p>M 3 – Olha, eu, como eu trabalho com crianças, acho que a principal coisa pra ele chegar no que eu sou é o carinho.... Então, são muito carentes as crianças, né, então eu acho que o carinho é a principal coisa pra criança.</p> <p>M 8 – Creio que dá muito carinho....</p> <p>P 5 – Ah, preciso dar muito carinho.....</p>	<p>M 3 – ...porque a falta de carinho é muito ruim, assim, pra criança, porque eu vejo, né, pelo menos as crianças da creche, que a gente vê, os pais, as mães, apanham muito, a mãe virou “sapatão”, então não é isso que eu desejo pra ele.</p>
<p>Ensinar/Dar Exemplos</p>	<p>M 1 – Eu tenho que ensinar pra ele, eu acho que agente tem que ensinar tudo que é bom e tudo que é ruim pra que ele saiba diferenciar mais tarde tudo que é bom e o que é ruim, pra que ele saiba mais tarde tudo que ele pode aproveitar e onde ele não pode pisar. Eu acho que eu tenho esse papel, esse dever, de mostrar pra ele tudo que é certo e o que é errado.</p> <p>M 2 – Ah, ensiná-lo, no dia-a-dia, no crescimento, na adolescência, na juventude, ensinar ele, né, o melhor caminho, as coisas certas, o que é errado, né, falar pra ele assim, né, esse mundo de hoje que a gente vive, como é difícil, então a gente tem que ensinar que ensinar ele a caminhar, né?</p> <p>M 5 – Ensinar pra ela tudo de bom, de melhor.</p> <p>M 6 – É, a gente vai ter que ensinar pra ela, né, desde pequena, pra ela, pra ela ser educada assim adequadamente pra gente poder sair, mostrar, encaminhar ela, né.</p> <p>M 7 – To ensinando o máximo que eu posso entendeu, ela num sabe muito ela tem um aninho mas creio que ela...há de aprender muito pega uma idade que já ensina as coisas que ce fala e ela entende, agora ce fala e ela ri pra você ee não entende muito</p> <p>P 2 – Ensinar no dia-a-dia e também fazer estudar bastante, porque hoje em dia o estudo é, né, porque a gente procura desde pequeno colocar a criança na escolinha, ensinando em casa, né, as professoras da escola ensinando, em casa, é..e dia-a-dia, vai ensinando..</p> <p>P 3 – Acho que educação é a primeira coisa, né, tem que mostrar pra ele, ensinar a respeitar as pessoas mais velhas como qualquer outra pessoa assim, se ele perder o respeito pelas pessoas vai se tornar aquela pessoa assim...que pensa que ele é o maior de todos e não ta ligando pra nada, então educação influencia mais que né.</p> <p>P 5 – ensinando pra ela como deve fazer, mostrando pra ela como que a mãe dela é, explicando pra ela certinho e ensinando, né, pra que ela consiga aprender.</p>	

Interações Cotidianas	P 8 – Dá uma boa educação, uma boa orientação.		
	M 4 – Conversa, muita conversa.		
	M 8 – ...muito conselho		
	P 5 – Ah, preciso dar muito carinho, conversa, ensinando pra ela como deve fazer, mostrando pra ela como que a mãe dela é, explicando pra ela certinho e ensinando, né, pra que ela consiga aprender.		
	P 6 – ...e aconselhar qual que é o certo e o errado....		
Respeitar decisões	P 6 – Procurar sempre ajudar, né, como eu falei, né, tem que olhar e saber qual que é o melhor pra ela, se ela achar que ela ta certa então deixar ela enxergar por ela mesma, porque o papel de pai e mãe é avisar, ir falando pra ela, se ela não quer enxergar...		
Disponibilidade de Tempo			M 1 - Ai eu vou falar que nem tudo, eu acho que assim, o serviço estressa um pouco agente. Então, tem hora que você não tem tanto tempo, tanta paciência. Então é onde assim, você pensa uma coisa, mas nem sempre você faz tudo aquilo certinho, você faz algumas coisas mas acaba esquecendo de outras, mas eu acho que é por causa do dia corrido, da vida que agente leva...
Geral	M 1 – Eu acho que tudo né, eu tenho que fazer tudo.		
	P 4 – Olha o que eu tenho que fazer eu não sei mas o que eu tiver que fazer eu vou fazer.		

Apêndice 19 - Quadro 19. Concepções dos genitores a respeito de sua relação afetiva com seu filho.

	CATEGORIAS
<p>Muito boa</p>	<p>M 2 – Ah, é muito boa, assim, sabe, nossa! – Eu tenho um carinho imenso por ele, nossa! É, sabe, não tem explicação, e eu acho que mesmo ele comigo, né? Porque, às vezes, eu acho que só o jeitinho dele falar, né, dele chamar, dele se expressar, então eu acho que é um bom relacionamento</p> <p>M3 – Acho que é boa, eu tenho muito carinho por ele, graças a Deus.</p> <p>M 6 – Eu acho que é ótima minha relação com ela, eu procuro fazer tudo, né, o que ta ao meu alcance eu procuro fazer, ensinar o que pode, o que não pode, né, mostrar o caminho certo.</p> <p>M 7 – Ohh ela ela gosta bastante de mim creio, quando eu chego ela já vem quer abraça tudo creio que elaa sei la eu gosto muito dela ela é tudo pra mim minha vida se eu perde tudo eu sei que ela eu num perco ehh sei lá</p> <p>P 1 – A nossa relação afetiva é maravilhosa. Chega brinca, não tem tempo ruim, eu posso chegar a qualquer momento ele ta me esperando. Sempre... assim não tem... é bastante boa, bastante gostosa mesmo. Sem birra, sem nada, sem cara feia, normal.</p> <p>P 2 – A minha com o V é muito boa, ele brinca muito, ele gosta muito de brincar comigo, ele ri bastante, é uma criança bem alegre.</p> <p>P 3 – Eu acho que é um bom relacionamento, eu e ele, assim, tem um bom relacionamento</p> <p>P 4 – Ah, é boa. Eu diria que é boa ate demais.</p> <p>P 5 – Ah, acho que é muito amorosa. Eu dou muito carinho pra ela, apesar do tempo, mas levo ela pra creche e busco, é, vixe, é muito gostoso. Quando fica uns tempo na creche, assim, daí ela chega é assim, aquele amor, aquele carinho, a gente é amoroso, muito gostoso.</p> <p>P 6 – É boa, excelente, eu brinco com ela, se diverte com ela, procuro sempre estar perto dela, às vezes eu fico mais no quarto do que aqui perto dela, daí ela vai lá, mas ela fica mais aqui, do que lá comigo, então eu to sempre perto, né, se precisar de mim, eu to em casa, eu fico mais em casa do que na rua, agora eu já virei crente mesmo, né, então não tem mais que sair pra gandaias, pros bar, então eu fico curtindo ela. No fim de semana eu fico mais com ela do que... [na rua]</p> <p>P 7 – A minha relação qua Giovana é de amor, num tem outra explicação, é de amor, eu.. eu sou apaixonado por ela entendeu, eu amo ela. Hoje acredito que se eu ficasse sem ela era como se eu tivesse se eu num tivesse chão, num tem explicação, é uma... os sentimentos que eu tenho por ela é uma coisa muito boa que eu nunca senti, uma coisa muito boa.</p> <p>P 8 – Ahh a gente brinca viu, o dia todo quando ela tá comigo no final de semana, principalmente, que a mãe dela trabalha ela fica comigo o dia todo. Ai é o dia todo brincando, fazendo bagunça</p>

<p>Falta tempo disponível (quando a ênfase maior é na falta de tempo)</p>	<p>M 5 – Ah, não é muito assim, porque eu fico pouco tempo com ela, mas é mais de amiga, mesmo.</p> <p>M 8 – Quando eu tenho tempo de ficar com ela brinco bastante</p>
<p>Indefinido</p>	<p>M 1 – Sabe, é que ele é assim, tem hora que ele quer as coisas da maneira dele, e eu não faço, porque eu acho que a criança tem que ter um pouco de limite, porque se eu sempre fizer tudo que ele quer, a vida mais tarde vai ensinar pra ele que não é desse jeito. Então quando agente ta só eu, eu faço as coisas pra ele, se eu vejo que ele tá com vontade de alguma coisa eu dou um jeitinho, eu compro, mas se tá ao meu alcance, eu não vou falar pra ele que eu vou fazer tal coisa se eu sei que eu não posso. Então eu vou falar pra ele, eu falo pra ele, ele é criança tudo mas eu aviso ele, não pode, não é assim, não pode fazer isso, porque ele tem que saber que não pode, eu não posso dar tudo de mão beijada pra ele porque mais tarde ele não vai ter, ele não vai ter e a vida inteira, então eu acho que desde pequenininho você tem que ensinar pra criança o que pode e o que não pode, mesmo que você tenha condição de dar tudo, não dar tudo, deixar que ele veja que não, porque hoje você pode ter tudo mas amanhã você não sabe. Então se você não fizer de tudo pra... porque que nem, quando agente ta só eu e ele, eu faço algumas coisas que ele quer, se eu vejo que até pode mas coisa que eu vejo que é birra, que é manha, eu não faço. Eu não faço porque eu penso assim, agente não sabe mais pra frente como vai ser, tem que aprender desde já, desde pequenininho o que pode e o que não, que eu acho que é aí que você vê, que você forma uma pessoa boa, eu acho porque todo mundo não tem tudo que quer, então eu acho que se eu por limite nele, falar pra ele que não pode, que não é não, eu acho que é melhor.</p> <p>M 4 – Eu acho que eu sou uma boa mãe, mas eu também sou bem ruimzinha também quando eu quero, quando não faz o que... quando não me obedece eu sou bem dura, mesmo que depois eu vou chorar depois, mesmo que a gente briga chorando. Mas eu sou bem assim, pego no pé.</p> <p>M 5 – Ela é muito apegada em mim, ela gosta de mim, ela acorda e fala “mamãe, mamãe, quê água”, mentira, ela não quer água, não, ela não ta com sono, ela fala que quer água, mas ela quer colo.</p> <p>M 6 - A única coisa que eu acho é que a Gabriele, ela...ela é muito afastada, assim, sabe, igual, eu já comentei na escolinha, que às vezes estão todas as crianças assim, e ela nunca ta naquele miolinho, ela sempre ta afastada e eu acho que isso mais pra frente possa prejudicar ela. A única coisa que eu acho que mais pra frente pode prejudicar ela é isso, que ela tem essa dificuldade.</p>